



UNIVERSIDADE FEDERAL DA CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

THIAGO LEITE KRAMER ALBUQUERQUE

**"ESPÍRITO GERAL DE UMA MANIFESTAÇÃO PACÍFICA, UMA VERDADEIRA
FESTA": UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DO JORNAL NACIONAL SOBRE AS
MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO - SP**

CAMPINA GRANDE – PB
2019

THIAGO LEITE KRAMER ALBUQUERQUE

"ESPÍRITO GERAL DE UMA MANIFESTAÇÃO PACÍFICA, UMA VERDADEIRA FESTA": UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DO JORNAL NACIONAL SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 EM SÃO PAULO - SP

Dissertação submetida à defesa, como requisito final para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Estudo vinculado à linha de pesquisa Desenvolvimento, Ruralidades e Políticas Públicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima


CAMPINA GRANDE – PB
2019


A345e	<p>Albuquerque, Thiago Leite Kramer.</p> <p>-Espírito geral de uma manifestação pacífica, uma verdadeira festa!: uma análise da narrativa do jornal nacional sobre as manifestações de junho de 2013 em São Paulo-SP / Thiago Leite Kramer Albuquerque. – Campina Grande, 2019.</p> <p>107 f. : il. color.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2019.</p> <p>"Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Limal.</p> <p>Referências.</p> <p>1. Sociologia da Comunicação. 2. Jornal Nacional. 3. Manifestações de Junho de 2013 – São Paulo-SP. 4. Espetáculo Midiático. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 316.774(043)</p>
-------	---


Ata da 395ª Sessão Pública de defesa de Dissertação de Mestrado do aluno Thiago Leite Kramer Albuquerque do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

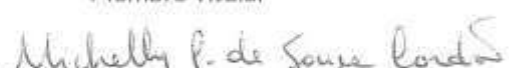
Aos vinte e quatro dias do mês de setembro do ano de dois mil e dezenove, às 14:00 horas, no Auditório de Letras – CH/UFCG, campus de Campina Grande, reuniu-se, na forma e termos dos artigos 63, 64 e 65 do Regulamento Geral dos Cursos e Programas de Pós-Graduação "Stricto Sensu" da UFCG, Resolução nº 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG, a Banca Examinadora, composta pelos professores: Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima – PPGCS/UFCG, na qualidade de Orientadora e Presidente da Banca, Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky – PPGCS/UFCG, como examinador interno, e Dra. Michelly Pereira de Sousa Cordão – PPGH/UFCG, como examinadora externa, todos na qualidade de Membros Titulares, para julgamento da Dissertação de Mestrado do aluno Thiago Leite Kramer Albuquerque, intitulada "ESPÍRITO GERAL DE UMA MANIFESTAÇÃO PACÍFICA, UMA VERDADEIRA FESTA: uma análise da narrativa do Jornal Nacional sobre as manifestações de junho de 2013 em São Paulo-SP". A sessão pública foi aberta pela professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima. Após a apresentação dos integrantes da Banca Examinadora, o candidato iniciou a exposição do seu trabalho, sendo este seguido das arguições dos examinadores. A professora Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima convidou a professora Dra. Michelly Pereira de Sousa Cordão para iniciar a arguição e o professor Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky prosseguiu com a arguição. Em seguida, a banca examinadora solicitou a retirada da assembleia para, em sessão secreta, avaliar o candidato. Após análise da Banca Examinadora foi atribuído o conceito APROVADO, conforme o artigo 65 da Resolução 02/2006 da Câmara Superior de Pós-Graduação da UFCG. Nada mais havendo a tratar, eu, Rinaldo Rodrigues da Silva, Secretário acadêmico, lavrei a presente Ata que, lida e aprovada, assino, juntamente com os membros da Banca Examinadora.


Campina Grande, 24 de setembro de 2019


Rinaldo Rodrigues da Silva
Secretário Acadêmico


Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima
Orientadora/Presidente da Banca


Dr. Mário Henrique Guedes Ladosky
Membro Titular


Dra. Michelly Pereira de Sousa Cordão
Membro Titular


Thiago Leite Kramer Albuquerque
Aluno

*A D. Cristina, Stella Ágnes e Rafael Braga¹ cujas
vidas cruzaram com a minha e com esta pesquisa.*

¹Rafael Braga é a única pessoa condenada durante as manifestações de junho de 2013, por portar uma garrafa contendo água sanitária e outra contendo álcool, e não artefato explosivo. Rafael é negro, pobre, dependente químico em recuperação, e catava lixo para poder sobreviver e continuar respondendo em liberdade em processos anteriores. Rafael encontra-se em prisão domiciliar após o martírio de ter contraído tuberculose no presídio.

Agradecimentos

Sou grato a Deus que auxiliou para que esse momento chegasse. À minha mãe e minhas irmãs Paula e Isabel, que estiveram comigo durante o processo de escrita e que em alguns momentos souberam compreender as dificuldades advindas desse caminho.

À professora Elizabeth Lima, ao orientar essa pesquisa com sugestões de livros e conceitos imprescindíveis para que essa dissertação fosse concluída. Aos professores Mário Ladosky e Michelly Cordão, que caminharam junto com esta pesquisa desde a qualificação e atentaram para aspectos importantes.

Aos amigos que caminham sempre comigo antes mesmo da minha inserção na pós-graduação. À Stella Ágnes que esteve e está junto comigo nesse desejo de me tornar mestre e que teve a escuta mais paciente durante toda a pesquisa e fora dela. À Marina Zimmermann, Wesley Michel, Mayara Cruz, Vanessa Barros, Diego Mentor e Thalita Marianna que durante esse caminho fazem e fizeram florescer jardins de afeto, esperança e persistência.

Aos meus companheiros de jornada que desde 2017 caminharam e hão de caminhar após o fim deste círculo. À Isabelle Chaves, Thaís Pereira, Cláudia Kathyuscia, Rozana e Rony William Frutuoso: obrigado pelos momentos de desconcentração que rechearam a memória de boas gargalhadas e construíram uma teoria para além dos muros da universidade, a dos afetos. Aos demais companheiros de turma de mestrado do PPGCS, Jéssica Rodrigues, Roberta Ramos, Deyse Luna, Caroline Brasileiro, Messias Ramos, Raffael Sena, Fabíola Cortezzi e Eduardo Genaro que estiveram presentes nas discussões, leituras durante as aulas, e os cafés nos intervalos.

À Cláudia Cavalcante, Neide Soares e Francis Bezerra que ajudaram a tornar esse caminhar mais leve. À Joana, Jailson e Marcos que ofertaram, por vezes, o primeiro bom dia do dia. À Mariana Cavalcanti, Janaína Freire, Rennata Muniz, Pablo Thiago e Eduardo Cotia, pelo apoio ao ingressar na pós-graduação. Aos amigos e colegas das turmas da graduação da licenciatura em Ciências Sociais que compreenderam a minha ausência da sala de aula.

Por fim, para todos eles que estão sempre presentes, gratidão! Como diria Fernando Pessoa –(...), mas ao que nada espera tudo que vem é grato.∥

*“Porque as palavras fazem coisas, criam fantasias,
medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas.”*

(Pierre Bourdieu)

RESUMO

Essa dissertação procura desvendar o que levou a grande mídia hegemônica a transformar a sua narrativa na cobertura das manifestações de junho de 2013. O objetivo central busca reconstituir na trajetória das reportagens do Jornal Nacional as manifestações na cidade de São Paulo e, assim, especificamente estabelecer o percurso da narrativa do telejornal Jornal Nacional sobre as manifestações e identificar como a narrativa do Jornal constrói os atores sociais que participaram das manifestações de junho de 2013 em São Paulo, bem como analisar as características que sobressaltam da narrativa das manifestações feitas pelo programa jornalístico. A partir de um aspecto metodológico qualitativo, essa pesquisa foi desenvolvida por meios diferentes, mas que se correlacionam metodologicamente. O primeiro, de natureza documental, procurou analisar vídeos das manifestações de junho disponíveis no próprio site do Jornal Nacional. Já o segundo, relativo à natureza bibliográfica, buscou reunir artigos relacionados ao tema central da pesquisa, bem como conceitos utilizados pelas Ciências Sociais para analisar a realidade que se pesquisou. Assim, observou a aplicação do conceito de circulação circular da informação categorizado por Pierre Bourdieu e o conceito de sociedade do espetáculo, mais precisamente de espetáculo, elaborado por Guy Debord. Verificou-se nessa pesquisa, que as manifestações de junho de 2013 passaram por três etapas que se distinguem, mas também se correlacionam. A primeira fase é vista uma narrativa pautada no uso excessivo da força policial e não aceitação social sobre os protestos que aconteceram em São Paulo. Isso fez com que se formasse um círculo de informação onde toda a causa das manifestações até então era voltada à violência. Já na segunda fase, um espetáculo é constituído a partir da aceitação social das manifestações, bem como adesão de outras pautas e ao mesmo tempo uma rejeição pela presença de partidos de esquerda nas manifestações. Por fim, a terceira fase é composta por um esvaziamento das pessoas nas ruas, visto que a revogação do aumento das passagens do transporte público foi conseguida e uma percepção de manifestações pontuais e de causa distintas, o começo do fim do espetáculo e o fim da informação sobre as manifestações. Portanto, alguns fatores possibilitaram a transformação de narrativa do Jornal Nacional, dentre os quais destacamos a produção e legitimação de uma verdade sobre as manifestações de junho de 2013.

Palavras-chaves: Manifestações de Junho de 2013. Jornal Nacional. Espetáculo.

ABSTRACT

This dissertation seeks to unravel what led the hegemonic mainstream media to transform its narrative into the coverage of the demonstrations of June 2013. The main objective is to reconstruct this trajectory of the *Jornal Nacional* reports about the demonstrations in the city of *São Paulo*. Specifically seek to establish the narrative trajectory of the newspaper *Jornal Nacional* about the manifestations and identify how they build the social actors who participated in these events. As well as analyze the characteristics that stand out from the narrative of the manifestations made by the journalistic program. From a qualitative methodological aspect, this research was developed by different means, but which correlate methodologically. The first one, of a documentary nature, sought to analyze videos that are available on the *Jornal Nacional* website itself. The second, concerning the bibliographic nature, sought to gather articles related to the central theme of the research, as well as concepts used by the Social Sciences to analyze the reality that was researched. Thus, we observed the application of the concept of circular circulation of information categorized by *Pierre Bourdieu* and the concept of society of spectacle, more precisely of spectacle, elaborated by *Guy Debord*. It was concluded in this research that the manifestations of June 2013 went through three stages that are distinguished, but also correlate. The first phase is seen a narrative based on the excessive use of police force and social non-acceptance about the protests that took place in *São Paulo*. This formed a circle of information where the whole cause of the demonstrations had so far been focused on violence. In the second phase, a show is constituted from the social acceptance of the demonstrations, as well as adherence to other agendas and at the same time a rejection by the presence of left parties in the demonstrations. Finally, the third phase consists of an evasion of people of the streets, as the revocation of the increase in public transport passages has been achieved and a perception of punctual manifestations and distinct causes, the beginning of the end of the show and the end of information about the demonstrations. Therefore, some factors made possible the transformation of *Jornal Nacional* narrative, among which we highlight the production and legitimation of a truth about the demonstrations of June 2013.

Keywords: Demonstrations of June 2013. *Jornal Nacional*. Spectacle

LISTAS DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

FIFA – Federação Internacional de Futebol

FMI - Fundo Monetário Internacional

MASP - Museu de Arte de São Paulo

MPL – Movimento Passe Livre

MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

PCdoB – Partido Comunista do Brasil

PEC – Projeto de Emenda Constitucional

PPB - Partido Progressista Brasileiro

PSC - Partido Social Cristão

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

PTdoB - Partido Trabalhista do Brasil

USP - Universidade de São Paulo

APÊNDICE

TABELA A - CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	106
--	------------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. PRIMEIRA FASE: a televisão e a narrativa da violência.....	24
1.1. Jornal Nacional como tradução da mídia hegemônica	24
1.2. A televisão como campo social em Bourdieu.....	27
1.3. As primeiras manifestações: a construção da narrativa da violência e seu conteúdo....	35
2. SEGUNDA FASE: a narrativa festiva do espetáculo.....	49
2.1. Debord e a construção conceitual da sociedade do espetáculo.....	49
2.2. O espetáculo e consumo da indústria cultural da televisão.....	52
2.3. Novas pautas e nova narrativa: a ausência da violência para uma festa democrática ...	55
3. TERCEIRA FASE: o início do fim <i>deste</i> espetáculo e o começo do outro	74
3.1. O MPL e a violência: o <i>black block</i> e a polícia	74
3.2. As causas, a juventude e seus diferentes posicionamentos políticos.....	79
3.3. As últimas manifestações de junho: o fim do espetáculo	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
APÊNDICE	106

INTRODUÇÃO

Intensas mobilizações de rua marcaram os dois mandatos em que a Presidenta Dilma Vana Rousseff (PT) esteve no governo (2011-2014 e 2015-2016, quando foi afastada do Congresso Nacional por meio do processo de impeachment). A primeira delas – as Manifestações de junho de 2013 – notabilizou-se não só pelo ineditismo, como também pela expressividade da quantidade de pessoas, pelo conjunto diverso de pautas que desaguaram nas ruas como a revogação e redução da tarifa do transporte público, PEC37, Cura Gay, valor gasto com os eventos esportivos (Copa das Confederações em 2013 e Copa do Mundo em 2014), o excesso do uso da força policial, dentre outras questões. Organizadas, inicialmente, pelo Movimento Passe Livre – movimento oriundo de mobilizações anteriores, como -Revolta do Buzull (2003) em Salvador e -Revolta da Catracall em Florianópolis (2004 e 2005) – na cidade de São Paulo contra o aumento da tarifa dos transportes públicos paulistanos, ônibus, metrô e trens urbanos e a partir do dia 16 de junho novas cidades brasileiras aderiram às manifestações.

As ruas de junho foram destaque também pelas novas formas de convocação através das redes sociais, como o *Facebook* e *Twitter*. Mesmo já tendo passado cinco anos, as manifestações de junho de 2013 continuam a ser tema de discussão e interpretações diversas no meio acadêmico brasileiro, sobretudo acerca da possível vinculação entre os eventos de junho de 2013 e os acontecimentos da política nacional nos últimos três anos, como o impeachment da presidenta Dilma Rousseff ² e a eleição de Jair Messias Bolsonaro para presidente da república em 2018. Além disso, as manifestações de junho destacaram-se também na produção científica por sua relação com o jornalismo e os novos meios alternativos de veiculação de informação, compreendendo um papel importante de transformação no contexto político social brasileiro, os meios investigativos não se esgotam, mantendo sua importância científica até hoje.

Em meio a grande onda de protestos, a participação da grande mídia brasileira ora nas matérias produzidas a respeito, ora atuando como partícipes nas manifestações nas transmissões ao vivo, provocaram inúmeros sentidos, discussões e contentamentos por parte dos espectadores, assim como revolta pelos manifestantes e organizadores dos protestos. Ao

²Na ocasião, a Presidenta Dilma Rousseff foi afastada em abril de 2016, acusada de cometimento de crimes de responsabilidade durante o seu primeiro mandato (2011-2014) como chefe do executivo nacional.

passo em que os vários veículos da mídia tradicional faziam a cobertura e produziam notícias sobre os eventos de junho, novas e diferentes narrativas eram formadas a partir dos protestos.

Para a grande mídia nacional, tomando o Jornal da Globo ³ como exemplo, o comentarista Arnaldo Jabor afirmou no programa exibido no dia 13 de junho que as manifestações teriam unicamente um caráter violento, uma característica de violência ao patrimônio público e a depredação aos transportes coletivos e os manifestantes jovens ligados a alguma organização criminosa. Já no programa exibido no dia 17 de junho demonstra um segundo momento da narrativa do telejornal, Jabor afirmou que as manifestações eram caracterizadas como um anseio da população e prática democrática e a juventude como um sujeito consciente do seu papel político na formação da democracia brasileira. Dessa forma, essa dissertação pretende contribuir com o debate científico com a seguinte questão: o que levou a grande mídia mudar a narrativa na cobertura nas manifestações de junho de 2013?

Assim, a dissertação tem por objetivo central reconstituir na trajetória das reportagens do Jornal Nacional as manifestações ocorridas na cidade de São Paulo. E, a partir daí, especificamente, estabelecer o percurso da narrativa do telejornal Jornal Nacional sobre as manifestações, identificar, dessa forma, como a narrativa do Jornal constrói os atores sociais que participaram das manifestações de junho de 2013 em São Paulo e, por fim, analisar as características que sobressaltam da narrativa das manifestações feitas pelo programa jornalístico.

A TV Globo e sua influência na vida social e política brasileira

Desde a proclamação da República a imprensa vem ocupando um lugar de destaque durante os acontecimentos nacionais. Fortemente envolvida no século XX com a -República do Café com Leite, os grandes jornais impressos e rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo passaram a reproduzir um comportamento de apoio ou oposição aos governos vigentes no país. Por outro lado, um outro tipo de imprensa, vinculada aos Sindicatos e ao Partido Comunista Brasileiro, criou-se um espaço entre os leitores, os quais tinham o intuito de informar os ataques do capitalismo a classe trabalhadora (MARTINS & LUCA, 2008).

Por essas vias, a imprensa, de maneira geral, ajudou, durante o percurso do tempo, a construir sentidos e representações da realidade brasileira aos seus leitores. Dessa forma, a mídia brasileira passa ser constituída como tal, a partir de inserção dos novos meios de

³ Telejornal da Rede Globo apresentado, de segunda a sexta, às 0 horas, na época por William Waack e Christiane Pelajo.

comunicação como a televisão, e atualmente a *Internet*. Em 1950 com a chegada da televisão no Brasil, ampliou-se o processo de produção da informação, bem como constitui-se a imprensa como um caminho para modernização da sociedade brasileira. O magnata Assis Chateaubriand já era dono de jornais escritos e de emissoras de rádios, quando trouxe a televisão ao Brasil e dessa forma criou-se mais um braço do seu império da comunicação (PRIOLLI, 2003; MARTINS & LUCA, 2008).

Da mesma forma que eram adquiridas as concessões das transmissões de rádio nos territórios brasileiros, o Estado também concedia direito de operação e transmissão da televisão. Contudo, essa inserção da TV no Brasil aconteceu também um investimento através de empréstimos do próprio Estado para estabelecimento, não só da televisão mais o ponta pé inicial para criação de grandes conglomerados da comunicação no Brasil, a exemplo das Organizações Globo (BARROS FILHO, 2013).

A ampliação da influência do Estado na televisão se estabelece largamente que coincide com o fim do primeiro período democrático brasileiro, que em seguida se estabelece a Ditadura Militar no Brasil. Durante esse período a televisão não só trouxe uma nova possibilidade de socialização e criação de sentidos, mas possibilitou o desenvolvimento industrial e transformação dos grandes centros urbanos no sudeste do país (BARROS FILHO, 2013).

Foi um período em que o processo de industrialização se estabeleceu de vez na vida urbana brasileira, as televisões antes importadas passaram a serem produzidas em território nacional, e o consumo destas e, de sua programação, constituíram um meio pelo qual a vida social se aprofunda, criando novas sociabilidades. Dessa forma, intencionalmente, constituiu-se a necessidade de assistir televisão, transformando a programação das emissoras de TV da época em um serviço de popularizar a vida social brasileira (MARTINS & LUCA, 2008). Logo, a exemplo disso, a televisão passou a ser um instrumento para que o consumo da própria televisão se ampliasse, bem como para um alargamento da publicidade dos produtos industrializados nacionais, os produtos que antes estavam nas lojas, e as propagandas estavam nas rádios, revistas e jornais, agora ganham som e movimento (BOURDIEU, 1997; DEBORD, 2003).

Nesse ínterim, a televisão passou a figurar como marco de um novo regime político, exercendo um serviço de propaganda do governo instituído e usurpado pelo Golpe Militar de 1964. Com a Ditadura Civil Militar no Brasil, o Estado passou a ter uma influência maior na rede de programação da televisão, utilizando do mecanismo da censura, influenciando na programação, nas notícias e informação a serem veiculadas e nos demais meios de

comunicação. Ao mesmo tempo em que acontecia a censura, a televisão realizava uma função de propagadora e propagandista do governo dos militares, é neste momento que TV Globo passa a se constituir como emissora e também como o maior conglomerado de comunicação da América Latina (BARROS FILHO, 2013).

Apesar de ter sua concessão aprovada no governo de Juscelino Kubistchek, a transmissão só aconteceu em 1965, um ano após o Golpe Militar. Durante todo período de 1964 a 1985, no qual os militares ocuparam o poder, não só aconteceu um alargamento na produção dos aparelhos de TV e seus acessórios, mas também uma criação de produtos para informação e entretenimento da população. Ao passo que o consumo dos produtos criados pela indústria da telecomunicação como telenovelas, programas humorísticos, programas de auditório, telejornais entre outros aumentava, a Rede Globo se estabelecia como emissora oficial do governo militar, de modo que passou a ter facilitações por meio do Estado para que acontecesse sua expansão, espalhando emissoras e filiações em outras localidades do país.

Assim, a TV Globo, bem como outras emissoras de televisão como a TV Excelsior, TV Tupi e TV Record passaram a transformar os comportamentos dentro dos grupos e dos indivíduos dentro desses. Dessa forma a televisão de forma geral, em especial a TV Globo, se coloca como central na vida dos brasileiros, visto que o processo de ampliação passa a se consolidar nas décadas de 70 e 80, enquanto as suas correntes ainda engatinhavam nesse alargamento de suas transmissões (BARROS FILHO, 2013). Aliado ao processo de expansão da TV Globo, a Ditadura Militar também chegava ao fim, fazendo com que o processo de construção da narrativa da TV Globo também se transformasse, um dos instrumentos da televisão para que acontecesse essa mudança seria o telejornal, de forma que passou a contribuir na construção de diversos sentidos sobre a realidade.

No segundo turno das eleições de 1989, por exemplo, com o pleito acirrado entre dois candidatos, o debate da TV Globo ajudou a garantir a vitória do candidato Fernando Collor de Melo. Então governador do Estado de Alagoas, surge como a nova *persona* política no contexto do novo cenário democrático brasileiro. O segundo candidato, Luis Inácio Lula da Silva, é apresentado pelo ressurgimento do movimento sindical de base no declínio do período militar. Durante a reexibição do debate a Globo no Jornal Nacional, demonstrou claramente seu intento ao desqualificar o candidato do PT e qualificar de forma positiva o seu candidato, Fernando Collor. Obviamente não se pode afirmar categoricamente que essa reprise foi capaz de ter dado a vitória a Fernando Collor, porém com o processo construído de sociabilidade e subjetivação dos sentidos individuais trazidos pela influência predominante da TV, pode se dizer que a reprise do debate ajudou na decisão individual do eleitor na hora de

votar. De maneira geral, a TV Globo até o momento sempre ocupou um lugar de destaque nos governos brasileiros, seja como na sala de estar, seja dentro do gabinete de governo.

Interpretações sobre as manifestações e a mídia

Nessa mesma temática, outros trabalhos durante os anos destacaram-se nas mais diversas áreas das ciências humanas ao abordar a relação da mídia tradicional e as manifestações de junho. Sobre esse recorte, muitos trabalhos surgiram após os primeiros textos – como colocados acima – sobre as manifestações. O primeiro deles, seria o artigo publicado no *GT 22 – Mídia, política e eleições* na 38º Encontro da ANPOCS, feito pelo professor da UERJ João Feres Júnior e os pesquisadores do LEMEP – Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública e equipe, na qual aborda a influência da mídia escrita – o Jornal O Globo, Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo – sobre as manifestações de junho de 2013. O estudo, inicialmente, trata de contrapor o argumento denominado de -naturalismo sociológico, no qual entende que nas ruas de junho aconteceram algo novo, baseado na espontaneidade ao reunir os manifestantes nas ruas brasileiras. Para os estudiosos da LEMEP (2014), as manifestações não são resultadas dessa -originalidade, ao contrário. Verificaram que durante os protestos houve uma figura decisiva, a qual influenciou os manifestantes a estar ativamente nas ruas de junho: a grande mídia brasileira. Na pesquisa o sociólogo, aponta metodologicamente a influência da narrativa feita pelos principais jornais escritos do país, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo para a o estado de São Paulo e o Jornal O Globo para o estado do Rio de Janeiro, principais cidades envolvidas nas manifestações. Dessa forma, acredita o estudo que, até então não havia menção nenhuma de uma crise política ou crise econômica, mas que estas menções estiveram presentes a partir das manifestações nessas duas cidades por influência dos meios midiáticos de comunicação que foram pesquisados.

Após esse início sobre o recorte temático, é importante trazer também o estudo de Faniello e Silva ao trazer à baila a análise da cobertura feita pela revista *Veja*, editora Abril, sobre as manifestações de junho. No artigo, ele demonstra a influência do meio de mídia para ampliação das pautas vistas nas ruas de junho que, no primeiro momento, enquanto as manifestações eram coordenadas pelo MPL, as reportagens da *Veja* desqualificaram o próprio movimento e suas ações. Além disso, o estudo procurou trazer uma transformação na abordagem quando o alcance das manifestações se tornou maior e o clamor social veio à tona. A própria revista, segundo as autoras, utilizou de depoimentos e relatos dos manifestantes e

líderes dos movimentos responsáveis e imagens para dar um novo tom social às manifestações, que a princípio desconsiderou os recursos para trazer veracidade a reportagem jornalística. Somam-se também a este eixo temático, estudos realizados no âmbito de pós-graduação em nível de mestrado, cujo recorte é dado a um determinado veículo da mídia nacional. Em sua dissertação, Yamamoto (2016) estudou as imagens reproduzidas pelo *Jornal Nacional*, ao compor as narrativas das reportagens veiculadas sobre as manifestações. Para autora, no processo de análise das imagens percebeu-se uma disputa do espaço social pelos atores sociais envolvidos nos protestos e também revelou a influência que essas imagens causam aos indivíduos.

Além dessa, mais uma dissertação buscou aprofundar o debate entre a relação das manifestações de junho e a mídia brasileira. Nesse estudo, Carlos (2015) buscou analisar as reportagens sobre as ruas de junho encontradas no Jornal F. de S. Paulo, a partir do entendimento de espetacularização que a mídia fez sobre as manifestações. Para isso, a autora passa a perceber através de Bourdieu, que os jornais brasileiros tendem a fragmentar o conhecimento da realidade, o que alimenta um jogo de informação rasa com a impossibilidade da análise do real. Nesse sentido, reforça a ideia trazida pelo sociólogo francês, que também é reproduzido nesse estudo, ao pensar na estratégia mercantil das grandes empresas de mídia ao utilizar a informação como um produto de consumo imediato, o que para Bourdieu pensou na industrialização da informação, transformando a imprensa em grandes conglomerados empresariais. Além de trabalhar os ensinamentos de Bourdieu, Carlos (2015) trabalhou com o conceito de sociedade do espetáculo cunhado pelo filósofo francês Guy Debord, no qual observa a superficialidade dos acontecimentos sociais pelos indivíduos. No caso de junho de 2013, refletiu nas palavras de ordem que foram baseadas em publicidade, como; -(...) *‘O gigante acordou’*, inspirado no comercial do uísque Johnnie Walker e *‘Vem pra rua, vem’*, peça publicitária da Fiatl (CARLOS p. 23, 2015).

Outro estudo acerca da mídia escrita e as manifestações de 2013 é a pesquisa do professor Carlos Alberto Zanotti publicada pela Revista Comunicações. Ele observou nos editoriais e textos publicados do jornal *Correio Popular*, distribuído na cidade de Campinas – SP, que houve certa evolução na narrativa noticiosa conforme aconteciam as manifestações na cidade. Para Zanotti (2014), a primeira leitura feita pelo jornal desconsiderou o percurso do primeiro movimento que originou as manifestações, o MPL. O estudo conta que o jornal não só atuou como informante das manifestações, mas também como reprodutor do discurso de outros veículos de mídia, o que ajuda a endossar a narrativa da mídia tradicional hegemônica. Além disso, utilizou de recursos discursivos como a palavra, que nos primeiros protestos

foram caracterizados como ‘_baderna’ e seus manifestantes como ‘_baderneiros’ e o silenciamento ao não mencionar ou refletir, tanto nos editoriais quanto nas matérias, a causa dos protestos, o serviço do transporte público e o aumento da tarifa. A partir do dia 17 de junho, o autor revela que o jornal começava a caracterizar a causa das manifestações e incluía com destaque outros motivos diferentes do que se via nos protestos iniciais, que na cidade de Campinas – SP aconteceram a partir do dia 13. Para além da narrativa da mídia tradicional, salienta Zanotti (2014), a mídia alternativa foi responsável também pela disseminação das informações relacionadas aos protestos e que também possibilitou uma narrativa diferente da produzida pela mídia convencional, como a Mídia N.I.N.J.A.

Apesar de não ser objeto desse estudo é importante trazer alguns estudos sobre a mídia alternativa e as manifestações de junho de 2013, visto a relevância da mídia alternativa como ator social nas manifestações. Assim outros trabalhos foram específicos ao tratar da relação dos protestos de junho e a mídia alternativa. Nesse momento merece o destaque do primeiro trabalho a trazer a mídia alternativa como corpus de análise da relação manifestações de junho e mídia, o estudo produzido por Paulo Roberto Elias de Souza junto com professor da UFABC Cláudio Luís de Camargo Penteado também do 38º Encontro da ANPOCS (2014). Ele aponta que a internet possibilitou o surgimento de uma nova forma de comunicação e informação entre os indivíduos e também a possibilidade de construção de coletivos e movimentos sociais – como o caso do MPL –. Além disso, constituíram-se meios de mídia de forma mais democrática em relação aos meios de comunicações tradicionais. No caso do estudo, tratou-se de dois coletivos que se tornaram participantes ativos durante as manifestações, o Mídia N.I.N.J.A e o Barão de Itararé. Para os autores do artigo, os dois coletivos utilizaram do *ciberespaço* como forma de ativismo informacional – que no caso do espaço online, caracteriza-se também como *ciberativismo* – por duas modalidades. A Mídia N.I.N.J.A estaria caracterizada por um novo formato de organização e mobilização informacional social, enquanto o blog Barão de Itararé, voltaria na produção de informação e, por esse meio, se colocaria como questionador dos meios de mídia tradicionais. Para os autores, esses meios de mídias estudados constituíram-se como novos atores políticos, construídos a partir de redes sociais, blogs, sites, passando a disseminar informações em grande alcance e em menor tempo.

Nesse mesmo recorte, Schneider (2016) produziu um artigo no qual buscou averiguar o papel das mídias alternativas nas manifestações de junho. A inserção dos meios alternativos de mídia, proporcionados pelo avanço tecnológico dos instrumentos de uso – como computador portátil, smartphone, tablet etc – bem como a facilitação do acesso à internet,

proporcionou o surgimento de novos meios de produção de conteúdo informacional. Nesse sentido, Schneider (2016) coloca que o papel da Mídia N.I.N.J.A na cobertura dos protestos em tempo real, que gerou não só ineditismos e imediatismos de consumo na produção da informação, mas também possibilitou uma participação direta dos espectadores na criação de *hashtags*, no compartilhamento das postagens nas redes sociais, criação de *memes*, entre outros. Esse movimento criou, segundo a autora, novos sentidos e significados sobre a informação e a relação que esses novos sentidos causaram nos espectadores, já que não só consumiam a notícia produzida pelos meios de mídias tradicionais e hegemônicos, mas também aqueles produzidos em loco e transmitido rapidamente pela internet. Dessa forma, conclui Schneider (2016) que a Mídia N.I.N.J.A não só figurou como um novo meio de produção de conteúdo informativo, igualmente atuou como uma nova narrativa sobre as manifestações e contra hegemônica em relação a narrativa dos meios de mídia tradicional.

Além desses estudos, a professora Magaly Prado (2015) conseguiu compilar um importante estudo sobre a inserção das mídias alternativas no *cyberespaço*, trazendo ao debate a atuação desses meios para o ativismo nos espaços concebidos pela tecnologia informacional. Em um dos seus artigos relacionados a esse tema, a professora percebeu não só uma narrativa diferente da mídia tradicional, mas também conseguiu observar uma construção de um corpus jornalístico político ativo juntamente com os (e como) manifestantes, encontrando no *cyberespaço* o meio para veiculação de informação. Prado refere-se como *cyberespaço* as redes sociais como *facebook* e *twitter*. Estas, por sua vez, são hóspedes de um *cyberespaço* bem maior e amplo; a internet, na qual proporcionou uma nova forma de ativismo político, um meio pelo qual se criaram canais de interesses diversos da mídia homogeneizante, necessários para contrapor discursos e narrativas diversas daquelas já instituídas. Por fim, a autora nesse estudo associa o *cyberativismo* com o conceito de rizoma de Deleuze e Guattari, no qual não teria nem começo e nem fim, mas seria um meio pelo qual cresce e transborda.

Caminhos metodológicos

A ênfase metodológica construída nessa dissertação vai em direção a uma abordagem prioritariamente qualitativa a partir de um recorte da grande imprensa, no qual analisou o Jornal Nacional da Rede Globo de televisão. A escolha por esse veículo de comunicação justifica-se pelo fato de ser a maior emissora de TV do país e ser o principal programa da divisão do jornalismo que, na ocasião, atingia o índice de 26 pontos de audiência, medidos pelo IBOPE. Embora as manifestações tenham ocorrido em todo território nacional, para essa

pesquisa, o recorte territorial aconteceu na cidade de São Paulo – SP por ter sido o epicentro dos acontecimentos.

Dessa forma, foram analisadas as matérias jornalísticas e coberturas ao vivo sobre as manifestações de junho, no período datado de 06/06/2013 a 25/06/2013. As reportagens foram localizadas na plataforma de *streaming* das Organizações Globo denominada de *GloboPlay* em <https://globoplay.globo.com/jornal-nacional/p/819/>. A plataforma de *streaming* é conhecida por sua continuidade ininterrupta de transmissão de conteúdo na internet. Assim, foi possível localizar com facilidade os vídeos que foram analisados, porém a exibição dos mesmos só foi possível pela adesão do *GloboPlay*.

Para que acontecesse a análise dos vídeos, estes passaram por uma triagem inicial, que esteve relacionada com o período datado e com o recorte territorial da cobertura jornalística, a cidade de São Paulo - SP. Além disso, foram observados que alguns vídeos tinham reportagens produzidas sobre as manifestações ocorridas no dia anterior, como também, entradas ao vivo no telejornal que também foram coletadas. A partir daí, foram transcritas as reportagens relacionadas com o dia das manifestações, utilizando a abordagem desenvolvida por Singer (2013) e que percebeu as manifestações de junho de 2013 em três fases. Dessa forma, resultou um em 29 vídeos, correspondendo a 07 vídeos para a primeira fase das manifestações, 14 vídeos para segunda fase e 08 vídeos para a terceira fase.

O texto produto das transcrições dos vídeos foi utilizado como dados da pesquisa. Utilizaram-se esses dados para a elaboração das categorias de análise, pelas quais propuseram a uma análise de conteúdo. Logo, para que a análise de conteúdo fosse estabelecida como metodologia possível para essa pesquisa, foi necessária elaborar as categorias de análise em três etapas, como consta em apêndice neste trabalho.

A primeira deu-se a leitura do material transcrito. Já a segunda, empreendeu-se a percepção dos códigos e signos linguísticos das palavras escritas, assim como as faladas, pois tendem a codificar coisas materiais e imateriais do ambiente. Aliada a essas etapas anteriores, a terceira fase identificou as localidades, os atores sociais envolvidos e as causas que levaram estes as ruas da cidade de São Paulo.

Foi nessa etapa que se iniciou a elaboração das categorias de análises formadas a partir de palavras e expressões como adjetivos, substantivos, os quais dão sentido à informação passada ao telespectador. A elaboração das categorias de análise tem fundamento na metodologia da análise desenvolvida por Bardin e estudado por Silva & Fossá (2013). A partir dessas categorias de análise, as quais se encontram anexo nesse trabalho, os dados transcritos foram analisados os conteúdos contidos.

Essas palavras foram agrupadas em eixos temáticos durante a elaboração das categorias de análise. Quanto aos atores sociais envolvidos diretamente ou indiretamente nas manifestações: jovem (s); PM (ou Polícia Militar); MPL ou Movimento Passe Livre; poder público (municipal, estadual e federal); imprensa; repórter. Quanto à adjetivação dada aos indivíduos: manifestante (s); vândalo (s), pois possibilitaram reconhecer como a mídia identificou o papel os atores sociais envolvidos nas manifestações. Quanto à motivação das manifestações: redução da passagem do transporte público; saúde; educação; PEC 37; cura gay; visto que possibilitou reconstituir a trajetória da narrativa e por analisá-la, entre outras. As categorias de análises deste trabalho estão agrupadas em uma tabela, disponível para verificação em apêndice, nas páginas finais da dissertação.

Assim, os capítulos dessa dissertação estão divididos conforme a análise estruturada em fases, feita por André Singer sobre as manifestações que aconteceram na cidade de São Paulo-SP. Corresponde o primeiro capítulo os protestos ocorridos do dia 06 a 13 de junho, no qual se observou as avenidas de São Paulo tomadas não só pelos manifestantes e a polícia, mas pelo resultado desse encontro, a violência. Nesse sentido, o capítulo tenta mostrar, através das transcrições feitas das matérias do Jornal Nacional desses primeiros dias, como o referido meio da grande mídia construiu o discurso jornalístico, de que as manifestações pelo reajuste da tarifa do transporte público eram sinônimo de violência. À luz da contribuição teórica de Pierre Bourdieu, no seu estudo sobre a televisão revela uma estrutura invisível que perpassa a produção de seus produtos, entre eles os programas jornalísticos. Além disso, para referendar a construção do primeiro discurso produzido pela mídia sobre as manifestações, colabora também o estudo realizado por Patrícia Pichler & Maria Ivete Fossá, entre outras contribuições acadêmicas.

O segundo capítulo corresponde à segunda fase das manifestações, dos dias 14 a 20 de junho. Esse período foi marcado pela aceitação social das manifestações, bem como adesão de outras pautas e ao mesmo tempo uma rejeição pela presença de partidos de esquerda nas manifestações. Nesse sentido, é perceptível uma transformação da narrativa do Jornal Nacional em virtude de cobrir o evento de junho, adjetivando os protestos como pacíficos e sem violência. Em destaque a matéria do dia 14 sobre os protestos do dia anterior, responsabilizando a polícia da violência sofrida pelos manifestantes, transeuntes e repórteres, bem como a utilização de vídeos vinculados à *internet*, um produzido pelo jornal impresso O Estado de S. Paulo e o outro produzido por um celular. Diante da aceitação social dos protestos, o Jornal Nacional buscou caracterizar as manifestações como uma festa democrática, criando um verdadeiro espetáculo aos olhos atentos do telespectador. Assim,

nesse capítulo foi utilizado o conceito de espetáculo elaborado por Guy Debord, no qual percebe que a sociedade capitalista tende a produzir uma realidade falseada do que é real e assim reproduzir sentidos diversos sobre o que realmente se vive.

Por fim, o terceiro capítulo é composto pela terceira fase das reportagens e protestos do dia 21 a 25 de junho. Aqui, observa-se um esvaziamento das pessoas nas ruas, visto que a revogação do aumento das passagens do transporte público foi conseguida, além da saída do MPL da organização dos protestos. Percebe-se uma mudança nos próprios protestos dessa fase, com manifestações pontuais e de causas distintas, o começo do fim do espetáculo e o fim da informação sobre as manifestações. Dessa forma, o Jornal Nacional deu espaço ao Movimento Passe Livre que anteriormente não tinha tido. Além disso, é discutido também a formação do MPL como movimento social, caracterizando-o como novo modelo de movimento social, bem como a percepção da violência no centro das narrativas do Jornal Nacional. À vista disso, a violência é percebida como um eixo da narrativa que mobiliza diversos sentidos durante toda a cobertura da mídia.

Nas considerações finais, apresentamos, com mais vagar, os resultados a que chegamos, esperando que esse tema provoque ainda mais a curiosidade acadêmica.

1. A PRIMEIRA FASE: a televisão e a narrativa da violência

1.1. Jornal Nacional como tradução da mídia hegemônica

A responsável pela transmissão e produção do Jornal Nacional, a Rede Globo de Televisão, instituiu-se em 1965, um ano após a instauração da ditadura militar no Brasil. Oriunda do jornal impresso O Globo de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, do jornalista Irineu Marinho. Herdado por seu filho, Roberto Marinho, passa a expandir os negócios da família para outros segmentos da comunicação, como rádio e editora. Conseguiu durante o governo Juscelino Kubitschek, em 1957, a concessão da estação de televisão. É nesse período, de 1950 a 1970, que a Rede Globo consegue se estabelecer no mercado da comunicação, passando a controlar empresas de diversas áreas da comunicação (MEMÓRIA GLOBO, 2013). Além disso, é nesse período que a televisão passa a ser o –carro chefe‖ da família Marinho, bem como é o veículo de comunicação que passa a ser consumido por um maior número de pessoas, por um tempo menor para a produção e veiculação da informação.

Nesse período, mais exatamente em 1969, que o Jornal Nacional é criado e transmitido e, já no primeiro programa, anunciava a recuperação de um problema de saúde do presidente Costa e Silva. É nesse contexto histórico que o telejornal da Rede Globo passa a ser instituído (MEMÓRIA GLOBO, 2004). Com esse argumento, o telejornal – e toda a emissora – atuou durante a Ditadura Militar como Diário Oficial do governo na TV, propagando de forma subserviente o regime (LIMA, 2005). A posição governista do telejornal trouxe e viabilizou facilidades fiscais e aduaneiras para importação de equipamentos de ponta. Contudo, com o processo de falência do regime militar e de abertura democrática, o Jornal Nacional falseou a realidade, transformando uma notícia verdadeira em uma realidade que não aconteceu.

Segundo os estudos de Patrícia Pichler & Maria Ivete Fossá (2015), o período das –Diretas Já‖, por exemplo, o Jornal teria noticiado no dia anterior, em vez de informar sobre comício da –Diretas Já!‖ na Praça da Sé em São Paulo, informou que se tratava de um show comemorativo do aniversário da cidade. Com o período da redemocratização, o Jornal Nacional passou por mudanças transitórias, desde a troca de apresentadores até a mudança de cenário. Além dessas, tentaram transformar o telejornal no sentido de apagar da memória resquícios do passado, porém observou-se o contrário. Apesar do Jornal Nacional não se aliar explicitamente ao governo como aconteceu na ditadura, realizou em períodos decisivos um

apoio (omisso ou não), desde a segunda eleição para presidente até o processo de emenda à constituição para reeleição presidencial (LIMA, 2005).

Nesse sentido, o exemplo reforça a ideia construída por Bucci (2003) ao propor não só uma crítica à Rede Globo e seus produtos, como o telejornal, mas também a televisão de um modo geral. O autor aborda com maior ênfase que sentidos culturais identitários da população brasileira foram formados com o auxílio das programações televisivas, conseqüentemente reforçados pela posição do indivíduo ocupado em frente à TV. Assim, a figura do telespectador é construída, no qual o indivíduo também passou a perceber-se como sujeito ao consumir uma cultura da veracidade industrializada através da reprodução de imagens, mensagens textualizadas (BUCCI, 2003; COUTINHO & MUSSE, 2010). Dessa maneira, as telecomunicações de forma geral e neste caso específico da Rede Globo e do Jornal Nacional, afirmam Coutinho & Musse (2010) que o JN ajudou a construir sentidos diversos da realidade brasileira, a partir de diferentes aspectos da formação cultural brasileira. Logo, podemos apontar que a Rede Globo vem produzindo desde década de 60 um telejornal focado na industrialização, na produção de notícias, capaz de ajudar a criar uma identidade brasileira a partir de sua visão de como a sociedade brasileira deve se comportar.

Logo, podemos colocar que o Jornal Nacional, bem como toda a área de telejornalismo da emissora, durante todos os anos, desde a sua estreia na grade televisiva de sua emissora, vem sendo apontado como um produto central da Rede Globo. Essa posição sobre o telejornalismo não é única nas emissoras de tevê brasileiras, mas acontece de forma global, como nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Espanha entre outros (BOURDIEU, 1997; LIMA, 2005). Assim, o Jornal Nacional passa a ser constituído não só como um produto da TV Globo, mas também como um braço historicamente constituído e representativo de uma hegemonia midiática na sociedade brasileira.

As características de mídia hegemônica estão pautadas também no conceito de hegemonia cultural elaborado por Gramsci, que defende que tal conceito é construído a partir de ideologias já estabelecidas, de uma elite cultural e econômica. Contudo, só se determina a hegemonia cultural a partir de um exercício de reconhecimento e legitimação social sobre o que é vivido e tido como uma cultura hegemônica. Nesse sentido, as camadas populares reconhecem e legitimam o que é tido como cultura das camadas mais elitizadas da sociedade. Logo, nesse exercício de reconhecer a cultura a partir da influência de uma camada social sobre a outra, acontece uma legitimação e normalização ideológica desse próprio exercício durante um largo tempo sobre a vida social, bem como estabelece nesse percurso uma verdade sobre a própria a forma de exercício cultural (MORAES, 2018).

No caso da mídia brasileira, a hegemonia cultural deve ser pensada a partir do veículo inicial da comunicação, o jornal impresso. A hegemonia sobre a vida social brasileira aconteceu a partir do pensamento ideológico contido nos textos jornalístico. Dessa forma, com o advento das emissoras de rádio, a hegemonia da imprensa ganha mais um meio de ampliar e consolidar seu percurso hegemônico cultural da época. Além de considerar a existência de uma influência sobre o modo de vida social através de uma hegemonia cultural, com o rádio o processo hegemônico cultural da mídia tornou mais forte também o exercício da hegemonia política do país, tornando sólido de vez a vontade das elites sobre as demais camadas sociais (MORAES, 2018). Contudo, nem sempre foi assim

Ao longo da história, ela [mídia] sempre atuou como bloco. No período pré-64, por exemplo, toda a chamada grande imprensa (O Globo, Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, etc.) apoiou o golpe. A única vez que a imprensa rachou foi na revolução de 1930, mas isso aconteceu porque a elite estava dividida e a imprensa expressou esse momento. Fora isso, a imprensa sempre atuou em bloco (DANTAS *apud* KISHI, 2013, p. 2).

Com a televisão, as notícias do Brasil passaram ocupar um lugar de destaque nos noticiários, que agora ganharam além do som, a imagem. A imprensa fortaleceu-se com a chegada da televisão e sua hegemonia tornou-se bem mais forte e presente na vida social brasileira. Dessa maneira, a hegemonia cultural ganhou mais espaço de legitimação, fazendo com que uma elite construída anteriormente nos meios de comunicação ganhasse mais espaço para o lucro e também para que o exercício de sua hegemonia se tornasse mais forte (MORAES, 2018; KISHI, 2013).

Atualmente, o Jornal Nacional é o do telejornal de maior audiência da Rede Globo de Televisão, atingindo de preferência entre os espectadores do horário nobre da tevê brasileira, –de segunda-feira a sábado, é também o preferido dos telespectadores, com 56,4% da preferência contra 7,4% do segundo colocado, o Jornal da Record (FOSSÁ, 2015). Contudo, apesar disso, nos dez primeiros anos do século XXI, o Jornal Nacional vem perdendo espaço devido ao avanço tecnológico. Os indivíduos passaram a consumir a informação através de outros meios de comunicação, um deles seria a internet, na qual passa a hospedar diversos sites, blogs e páginas de jornais que visam a ampliação da informação entre os indivíduos.

1.2. A televisão como campo social em Bourdieu

O sociólogo francês Pierre Bourdieu elaborou um curso ministrado pelo no Collège de France, no qual abordou uma crítica à televisão e buscou revelar a estrutura simbólica que está por trás das produções televisivas, resultando no livro *Sobre a televisão*. Para esta análise da televisão, Bourdieu retoma um debate teórico, no qual já tinha identificado que a televisão dentro do campo midiático, também revela uma trama do campo simbólico (FERREIRA, 2005). Esta análise da televisão afirma Ferreira (2005), passa pelo conceito de campo social, no qual a emissora de televisão como um veículo de comunicação que perpassa por todos e diferentes campos como instrumento da mídia, pela qual detém uma posse simbólica dos meios de produção de informações e publicização, que possa assegurar um poder de dominação simbólica a todo o aparato necessário para que aconteça a produção. Nesse argumento, convém mencionar que para Bourdieu a compreensão do campo jornalístico passa pelo conceito de campo desenvolvido pelo sociólogo no terceiro capítulo d' *O poder simbólico*.

O autor passa a elaborar o campo, visto nesse momento como social, que seria um espaço estruturado, no qual os agentes não só buscam uma interação, mas também acontecem posições. Para que os agentes ocupem determinadas posições, acontecem lutas simbólicas entre os agentes no interior do campo e do subcampo, que buscam uma existência simbólica dentro do próprio campo, através das posições ocupadas, é conferido aos agentes ocupantes um certo poder simbólico sobre o determinado campo. O campo também é capaz de orientar não só a posição, mas também as lutas, conservação e a transformação. Desse modo, é possível perceber que o campo se configura relações objetivas determinadas pelas posições conquistadas pelos agentes, que passam a demarcar os espaços de luta e também determinar as regras do jogo, as quais são inerentes as relações sociais dos indivíduos.

Ao elaborar o conceito de campo, Bourdieu propõe que esta categoria teórica não deve ser compreendida sozinha ou isolada em si mesma, assim passa a elaborar o conceito de *habitus*. O *habitus* é percebido um conhecimento adquirido, mais profundamente um –sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações (...) (BOURDIEU *apud* ORTIZ 1983, p. 15).

A importância do destaque trazido por Ortiz sobre o conceito de Bourdieu, seria de revelar que o *habitus* possui uma característica voltada para compreensão de uma estrutura simbólica que se realiza não como uma estrutura em si mesma, pelo contrário, realizada a

partir de uma estrutura estruturada e de uma estrutura estruturante. Com esse argumento, a percepção dessa estrutura simbólica do *habitus*, Bourdieu propõe a concepção da agência do agente sobre a estrutura, para explicar que a noção de *habitus* está presa ao agente e agência, no sentido de que os agentes tendem a viver a um *habitus* já construído e determinado, mas também tendem a construir um novo *habitus* com suas próprias visões de mundo, que possam orientar sua própria ação. Desse modo, o *habitus* é uma forma de imprimir sobre o indivíduo um modo de ação, classificação e percepção já constituída, podendo (mesmo sendo mais difícil) a ser constituída de forma distinta daquele *habitus* já estabelecido.

Nesse sentido, o *habitus* tem um exercício particular que dispõe para o agente uma posição dentro do campo. Aliado a estes dois conceitos, *habitus* e campo, que são interligados e interdependentes nos seus entendimentos. Para agência desses dois conceitos Bourdieu concebe também o conceito de *doxa* e *heterodoxia*, visto que são originários do campo e o fazem funcionar. A *doxa* está destinada a ser o espaço no campo ocupado pelos dominantes, que tende a conservar o *habitus* através de bens simbólicos adquiridos, já a heterodoxia está destinada ser ocupado pelos dominados, é sobre eles que existe um *habitus* do campo. É nesse sentido também, que na heterodoxia acontece a luta entre os agentes para ocupar a *doxa* e possivelmente transformar o *habitus*. A relação entre a *doxa* e *heterodoxia* apesar de antagônicas, são também uma relação tratada através do consenso, propondo limites e regras de conservação e submissão, que de certa forma acentuam a reprodução não só do *habitus*, mas também do campo. Além destes, outro conceito elaborado seria a *illusio*, visto como um processo de estar no mundo, de estar no espaço social:

A *illusio* constitui essa maneira de estar no mundo, de estar ocupado pelo mundo fazendo com que o agente possa ser afetado por uma coisa bem distante, ou até ausente, embora participando do jogo no qual ele está empenhado. (...) faz com que os pensamentos e as ações possam ser afetados e modificados a despeito de qualquer contato físico ou na falta de qualquer interação simbólica, em particular na e pela relação de compreensão. (BOURDIEU 2001, p. 165)

Assim, o sociólogo francês passa a exemplificar que os grandes conglomerados de comunicação da França ou até mesmo as do EUA, são pressionados na produção de seus produtos, pois sofrem a influência positiva ou negativa de diferentes campos, o econômico na

figura do mercado pela verba de seus anunciantes e o político na figura do Estado por meio de subsídios estatais (BOURDIEU, 1997).

Dessa forma, Bourdieu esclarece uma relação da violência simbólica que atua no inconsciente dos profissionais que trabalham na produção televisiva, utilizando como destaque os jornalistas, que tendem a manipular, mas sem perceber inconscientemente que também são manipulados. Assim, Bourdieu aponta que os jornalistas tendem a escolher a realidade que deseja produzir a notícia e também colocar sobre toda produção a perspectiva de sua formação profissional, suas percepções de mundo sobre a notícia. Nas palavras do próprio autor, –os jornalistas têm _óculos_ especiais a partir dos quais veem certas coisas e outras não; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado. O princípio da seleção é a busca do sensacional, o espetacular. _ (BOURDIEU 1997, p. 25). Apesar de ter escrito sobre a televisão da França, os ensinamentos e conceitos acima apresentados pelo sociólogo francês, também traduzem na prática o jornalismo exercido no Brasil.

As afirmações de Pichler & Fossá (2015) sobre a influência do Jornal Nacional nos acontecimentos históricos brasileiros relacionam-se com os ensinamentos trazidos por Bourdieu (1997), no que tange ao ofício do jornalista e ao próprio jornal que tende a manipular o espectador com a notícia, porém o caso em questão não se refere só a uma manipulação indireta, mas a uma troca tendenciosa de informação. Esse exercício também está respaldado nos ensinamentos de Bourdieu, quando este se refere que o papel do jornalista está para sociedade como –nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, é levar à existênciall (BOURDIEU 1997, p. 26).

Contudo, a influência da televisão para sociedade, revela que o campo jornalístico é uma esfera composta por microcosmo, possuindo leis próprias de existência, ou seja, apesar da televisão pertencer há um campo social amplo da mídia, no qual sofre influência e pressões pelo campo econômico e político, o jornalismo televisivo parte de uma aceitação trazida pela quantidade de consumo, este revelado pelos índices de audiência, tido para Bourdieu: –o Deus oculto desse universo, que reina sobre as consciências_ (BOURDIEU p. 34, 1997). No caso do Brasil, o índice de audiência é medido pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística – IBOPE, que corresponde a uma empresa de origem privada, na qual elabora relatórios sobre opinião pública sobre o consumo do brasileiro. Com o advento da televisão e concessão do Estado para criação das emissoras, o instituto passou realizar pesquisa também para saber a quantidade de telespectadores que consumia determinado canal ou programa (MARTINI, 2011).

Os índices determinam não o papel diferenciado que o jornalismo ocupa na televisão, mas classifica sua posição no mundo global pelas atrações e o afastamento que sofre da parte de outros jornais. Dessa forma, revela uma relação de forças objetivas que constituem a estrutura do campo jornalístico, ou seja, há uma relação de dominação composto por indivíduos, fatos importantes, profissionais, entre outros. Os lugares ocupados por esta relação, entre dominante e dominado, não são permanentes nem tão pouco rígidos, pelo contrário a relação determinada também pela audiência ocupam lugares fluídos, que ora permanece como dominante, ora está como dominado, apesar de alguns casos serem ocupados por um longo período de tempo. A luta pelos índices de audiência entre as emissoras reflete uma concorrência não só pela fatia do mercado, afirma Bourdieu (1997) que isso é reflexo também de uma busca constante pelo sensacionalismo, mas também pelo espetáculo, o que de certa forma ocasiona o sucesso comercial da emissora. E de certa forma revelará também uma hierarquia na ação da violência simbólica sobre o jornalista e a influência da produção jornalista sobre a produção cultural

Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre outros jornais, mesmo os mais "puros", e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que peso da televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos da produção cultural. (BOURDIEU 1997, p. 81)

Assim Bourdieu (1997) ensina que o jornalismo exerce uma influência em diversos outros produtos da televisão, principalmente, os voltados a variedades/entretenimento. Entretanto, essa relação só será possível se o campo jornalístico estiver na preponderância do campo econômico, pois este se subordina ao campo cultural. Sobre estes ensinamentos, Ferreira (2005) coloca,

Assim, quando afirma que quando o campo é hegemônico pelo –comercial, e não, pelo –puro (propugnado pelos defensores dos valores éticos e procedimentos profissionais), o jornalismo inverte a lógica de muitos campos da cultura (o científico, o artístico etc.) nos quais o peso do comercial está subordinado, ainda, às regras de autonomia por esses produzidas. A consequência nefasta é a pressão que o campo jornalístico exerce sobre os campos acadêmico e artístico, no sentido de uma lógica de legitimação do discurso pela audiência (enquanto a arte e a ciência

avancaram, muitas vezes, apesar da ausência de audiência imediata).
(FERREIRA 2005, p. 39)

Além de tratar da televisão, do jornalismo e o papel do jornalista, o sociólogo francês irá realizar um debate sobre a informação e seu processo que denomina como a circulação circular da informação. Para desmistificar a informação, Bourdieu retoma o debate que fez sobre o papel do jornalista que apesar da diferença entre os profissionais, quanto ao sexo, ao salário, a oposição ocupada na hierarquia no processo de produção, diferenças políticas e do próprio campo gera a concorrência e hostilidades, entre outras, as informações produzidas no meio jornalístico sofrem certa homogeneidade. Essa homogeneidade é gerada pela existência de uma coletividade na produção, visto que para Bourdieu a produção da informação não só parte do coletivo das redações entre os diferentes campos, mas principalmente do conjunto dos jornalistas que tendem a banalizar o fato noticiado. Essa banalização acontece quando o próprio jornalista relativiza a análise crítica, de forma que possibilite uma análise simplória da realidade. De certa forma, esse argumento da homogeneidade e banalização, reforça ideia de círculo visto que os jornalistas estão sempre presos a leituras de jornais pelo o exercício da profissão, sempre procurando um fato que possa virar uma -novall notícia, -para saber o que vai dizer, precisa saber o que os outros disseram. Este é o mecanismo pelos quais se gera a homogeneidade dos produtos propostos. (BOURDIEU 1997, p. 32).

Como qualquer círculo tem seu fechamento, a circulação da informação também tem seu fechamento, como coloca Bourdieu, esse é um dos efeitos da homogeneidade, mas seu fechamento não acontece por um esgotamento sobre fato. O fechamento da informação acontecerá não por meio de aditivos de fontes jornalísticas, acontecerá sim por meio de um respaldo da própria mídia, ou seja, pelos os próprios profissionais. Contudo, essa circulação circular da informação não é um círculo indestrutível, ao contrário, é possível também o rompimento do círculo a partir de algo que -choquell, que condicione o leitor pelos jornais impressos, ou até mesmo o telespectador, mas que seja também legitimado pelo próprio campo midiático.

A veiculação da informação noticiada da televisão, não é unicamente composta por uma mensagem textual, mas também por uma composição de imagens nas quais se referem -ou não”. Nesse sentido, apesar de não ser o intuito dessa pesquisa, a imagem é relevante quando se trata do telejornalismo, visto que para o meio, como ensina Pichler & Fossá (2015), a imagem tende a trazer a qualidade para informação, o que não exclui a importância do texto falado ou escrito dependendo do meio pelo qual se produz e repassa a informação. Sobre isto,

Bourdieu vai dizer que, para o meio televisivo, a imagem não vale de nada se não tiver acompanhado do texto, como o próprio autor diz "paradoxalmente o mundo das imagens é dominado pelas palavras." (BOURDIEU 1997, p.26).

Por esse ângulo, Pichler & Fossá (2015) irá trazer e informar que a linguagem textual é um fator importante para o discurso da televisão, neste caso no campo jornalístico. Entretanto, para essa linguagem textual ser empregada no telejornal, o texto falado em cada matéria não deve ser compreendido unicamente pela palavra falada, mas também a compreensão da linguagem textual do jornal deve levar em consideração outros fatores, como a entonação da voz e a expressão corporal de quem fala. Para isso, é importante lembrar que através da linguagem é possível verificar as configurações simbólicas e assim perceber a construção da realidade, desvelando toda uma estrutura de relação entre os agentes e suas percepções de mundo (BOURDIEU, 2008). Portanto, o próprio Bourdieu irá compreender que a língua não só serve para realizar uma comunicação, mas também um instrumento de conhecimento, considerando um sistema estruturalmente simbólico, de trocas também simbólicas, no que tange a entendimentos diversos sobre o mundo social, de que forma atuam também pelo sentido inverso, no qual a percepção de mundo pode ser compreendida através da linguagem (BOURDIEU, 2008). Assim, o próprio autor começa a apontar a importância da palavra para construção da narrativa jornalística televisiva:

Acontece-me ter vontade retomar cada palavra dos apresentadores que falam muitas vezes levemente, sem ter a menor ideia da dificuldade e da gravidade do que evocam e das responsabilidades que incorrem ao evocá-las diante de milhares de telespectadores, sem compreender e sem compreender que não as compreendem. Porque as palavras fazem coisas, criam fantasias, medos, fobias ou, simplesmente, representações falsas. (BOURDIEU 1997, p. 26)

É importante recuperar, nesse momento, a relação que a própria palavra tem com seus agentes, aqueles que falam e aqueles que escutam. Bourdieu ensina, na própria citação, que as palavras não "criam fantasias, medos, fobias" sozinhas, mas a partir da legitimidade que os seus agentes, os que falam e aqueles que escutam, tendem a conceder o seu próprio entendimento de mundo. Isso revela uma relação com a palavra de poder simbólico, no qual será determinado pelo poder de mobilizar uma pretensa autoridade acumulada, a partir da pessoa que fala e assim determinar também a posição que cada agente ocupa nessa relação

materializada por meio do ato linguístico. Além das palavras, a linguagem poderá ser entendida também como um discurso, no qual passa a ser utilizado como um mecanismo de poder simbólico que se realiza na enunciação em fazer crer, ver, confirmar ou transformar, a visão de mundo tal qual, como está sendo enunciado e para quem está enunciando (BOURDIEU, 2008).

Os ensinamentos do sociólogo francês para linguística foram reproduzidos também em seu estudo sobre a televisão. Bourdieu (1997) salienta que todos os funcionários que trabalham na realização da televisão e, principalmente os jornalistas e apresentadores, pois ocupam a posição de elaborar e transmitir a notícia, tendem a ter mais uma função dentro do próprio campo jornalístico que seria a consciência:

Nossos apresentadores de jornais televisivos, nossos animadores de debates, nossos comentaristas esportivos, tornaram-se pequenos diretores de consciência que se fazem, sem ter de forçar muito, os porta-vozes de uma moral tipicamente pequeno-burguesa, que dizem "o que deve pensar" sobre o que chamam de —os problemas da sociedade", as agressões no subúrbio e violência nas escolas. (BOURDIEU 1997, p. 65)

É nessa consciência falada por Bourdieu (2008) no destaque anterior, que está pautado o discurso televisivo, pelo qual é constituído no mesmo campo e expresso nos mais variados produtos da televisão, no caso dessa pesquisa, no jornalismo e reproduzidos com efeito em outros campos sociais. O discurso, como afirma Bourdieu, é uma produção simbólica do campo social e por isto tem propriedades mais específicas de sua produção, em relação a outras produções simbólicas. Além disso, o discurso sendo uma produção simbólica, como ensina o sociólogo, também participa diretamente das condições sociais de sua produção, cujo efeito reside na violência simbólica. Nesse sentido, a violência simbólica "somente pode ser exercida por aquele que a exerce e suportada por aquele que a suporta sob uma forma tal que ela permaneça como que desconhecida, isto é, reconhecida como legítima." (BOURDIEU 2008, p. 134). Portanto, é importante o exemplo que faz em relação à televisão

Não há discurso (análise científica, manifesto político etc) nem ação (manifestação, greve etc) que para ter acesso ao debate político, não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística, isto é, a essa formidável censura que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhe interessar, de "prender sua atenção", isto é, de entrar

em suas categorias, em sua grade, e relegar à insignificância e à indiferença expressões simbólicas que mereciam atingir o conjunto de cidadão (BOURDIEU 1997, p. 65)

Ao propor o discurso como produção de violência simbólica, Bourdieu (2008) compreende que o próprio discurso é revestido de uma representação, como um ato de manipulação por significados simbólicos. Em se tratando do discurso, a representação só acontece por um portador autorizado, que no caso do discurso Bourdieu vai denominar de porta-voz, pelo qual realiza a enunciação das palavras e sua autoridade passa a ser regida sobre os outros agentes. Contudo, essa autoridade do portador não está na condição dos sentidos ou significação das palavras, mas é esta postura que o porta-voz tem em relação ao seu trabalho, na sua personalidade no agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala e auto atuação se estabelece como contínua, permanente, passa a concentrar para si um capital simbólico e conseqüentemente lhe é conferido um mandato sobre o grupo que conferiu como verdade sua fala e considerou sua individualidade como aceita.

O discurso empregado no campo midiático, em específico no meio televisivo, é revestido de violência simbólica que se perpetua fortemente nas relações sociais, principalmente na reprodução do mesmo discurso. Percebemos com isso, que na própria produção, emissão, disseminação, reprodução e consumo da informação, há um exercício contínuo da violência simbólica, não só pelo discurso televisivo, mas também por toda a relação simbólica construída, constituindo assim representações da realidade através do emprego discursivo, elaborando para o espectador da mídia televisiva um imaginário simbólico da realidade.

Contudo, como ensina Bourdieu (1997), a televisão não só produz discursos, mas também produz a autoridade de dizê-lo, ou seja, a autoridade por outros campos é dada por seus membros. No caso da televisão, ninguém precisa ser membro de determinado campo para ser reconhecido como autoridade, basta alguém na televisão opinar sobre o assunto relacionado ao campo, "quando alguém que não é reconhecido como um historiador (historiador de televisão por exemplo) pode dar sua opinião sobre historiadores, e ser ouvido" (BOURDIEU p. 82, 1997). Principalmente através dos telejornais que, diferentemente do escrito, tendem a alcançar uma massa maior de pessoas que os escutam, assistem e concordam. Ao revelar a possibilidade da televisão de constituir autoridade para um indivíduo, ao mesmo tempo também é constituído a ela mesma um peso relevante sobre algo que seja específico e que, de certa forma, não seja específico para o campo midiático televisivo.

Essa conferência relevante que a própria televisão produz sobre si mesma é denominado por Bourdieu como uma das facetas que constituem o poder simbólico da televisão.

É importante salientar, por fim, que todo esse debate conceitual das categorias bourdieuranas perpassa pelas influências teóricas, pela qual o sociólogo francês sofreu durante sua vida acadêmica. Ferreira (2005) compreende que para realizar o debate sobre a televisão, Bourdieu buscou recuperar as categorias econômicas e sociais idealizadas por Marx ao visualizar a influência que o campo midiático sofre de diferentes campos como o econômico e político. Além disso, percebeu os impactos da teoria marxista ao visualizar o processo de produção dos produtos televisivos, neste caso quando recupera os ensinamentos do teórico cultural marxista Raymond Williams, ao perceber também que a televisão é um veículo da mídia que tem o intuito de atingir mais rapidamente um grande número de pessoas. Apesar de sofrer a influência desse teórico marxista, Bourdieu, aponta Ferreira (2005), não descarta construção teórica realizada anteriormente de sua análise sobre a televisão, tão por todo seu entendimento sobre este veículo de comunicação, os ensinamentos de Bourdieu é resultado de sua construção teórica sobre as estruturas invisíveis simbólicas que permeiam o campo social.

1.3. As primeiras manifestações: a construção da narrativa da violência e seu conteúdo

Embora a elevação da tarifa do transporte público já tivesse acontecido em algumas capitais do país, na capital paulista o aumento valor da passagem só veio acontecer no dia 02 de junho, um reajuste de 6,7% que passou de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Na ocasião, o prefeito Fernando Haddad ⁴ (PT-SP) e o governador do estado Geraldo Alckmin ⁵ (PSDB-SP), realizaram o aumento abaixo da inflação. Os serviços de transporte público na cidade de São Paulo – SP são de responsabilidade dos dois poderes públicos diferentes, o estado de São Paulo se responsabiliza pelo metrô e trens urbanos, cabendo a prefeitura da capital os ônibus urbanos, nos quais estavam desde 2011 sem reajustes (G1, 2013).

Após o aumento da passagem para os ônibus, metrô e trem urbano na capital paulista, um grupo de manifestantes, no dia 03 de junho de 2013, ligados ao MPL, obstruíram a via M'Boi Mirim, reivindicando contra o aumento de R\$ 0,20 sobre a tarifa do transporte público paulistano (G1, 2013). Além disso, o movimento também pautava a condição da mobilidade urbana, por transporte coletivo gratuito, da cidade de São Paulo (MOVIMENTO PASSE

⁴Prefeito da cidade de São Paulo-SP entre 2013-2016.

⁵Governador do estado de São Paulo entre 2011-2014.

LIVRE, 2013). No mesmo dia o movimento convocou na sua página na internet um protesto para o dia 05 de junho, na região da Vila Leopoldina zona oeste da capital. Os manifestantes concentraram-se na frente do colégio EE José Monteiro Boanova

Organizado por estudantes da EE José Monteiro Boanova e do SESI 414 com apoio do Movimento Passe Livre e dos batuques rebeldes da Fanfarrinha do M.A.L. A manifestação caminhou pelo bairro, bloqueando o cruzamento da av. Imperatriz Leopoldina com a Queiroz Filho por vinte minutos, de onde seguiu em marcha, cruzando o Viaduto do Jaguaré. Ao final, foi realizada uma assembleia e um catraço. (MOVIMENTO PASSA LIVRE, 2013)⁶

Até o momento, o aumento da passagem no transporte público paulistano e a manifestação no dia 03 de junho não estavam no noticiário noturno da Rede Globo. Ao contrário. As únicas manifestações que foram matéria no Jornal foi o protesto em Brasília no dia 01 de junho contra a legalização do aborto e a passeata em São Paulo contra o casamento Gay, no dia 03 de junho. Contudo, a maior visibilidade de um protesto organizado – por meio de página própria na internet – pelo MPL reuniu, no dia 06 de junho, aproximadamente cinco mil pessoas em frente ao Teatro Municipal. Os manifestantes ocuparam importantes vias em direção ao centro da cidade e foram recebidos com hostilidade da Polícia Militar que, em virtude do comportamento das autoridades policiais, os manifestantes revidaram os ataques da polícia (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013). No mesmo dia o Jornal Nacional, na bancada William Bonner (WB) e Patrícia Poeta (PP), já noticiava a manifestação com três entradas ao vivo do repórter César Galvão (CG), direto do helicóptero da Globo, Globocop, sobrevoando a manifestação na Av. Paulista.

Trata-se assim do primeiro vídeo desse período das manifestações. Segundo o jornalista, os manifestantes que reclamam do aumento do preço da passagem dos transportes públicos são os mesmos manifestantes que colocaram fogo na Av. 9 de julho e ocuparam os dois sentidos da Av. Paulista, fazendo o trânsito paralisar. Para isto, a polícia utilizou bombas para dispersar os manifestantes. O repórter tenta transparecer que os manifestantes revidaram o ato da polícia jogando lixo, pedras e pedaços de madeiras. Mas, numa entrada ao vivo, o mesmo repórter informa que o pelotão de choque chegou na manifestação e lançou sobre os

⁶MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Disponível em: <<https://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/15/>> Acesso em 02 jun 2018.

manifestantes bombas de gás lacrimogênio. Não houve nenhuma informação que os manifestantes estariam obstruindo o trânsito como aconteceu anteriormente.

WB: Em São Paulo, **manifestantes** protestavam **contra o aumento no preço das passagens de ônibus**, entraram em **confronto** com a **polícia** agora há pouco na **Av. Paulista**. Ao vivo o **repórter** César Galvão traz as informações pra gente. Boa noite, César.

CG: Boa noite, Bonner. Boa noite a todos! A manifestação já dura duas horas e é **contra o aumento das passagens dos transportes públicos**. Nós vamos ver agora imagens dos **manifestantes** circulando pelo bairro da bela vista no **centro de São Paulo**. Eles são seguidos de perto pela **polícia** e ocupam ainda algumas ruas. (...) **A polícia** chegou e jogou **bombas de gás**. **Os manifestantes** aí se dispersaram, atiraram **lixo** e pedaços de madeira e deixaram, agora a pouco, a **avenida**. A manifestação é por que o preço das passagens subiu no início do mês de R\$ 3,00 para R\$ 3,20. Bonner e Patrícia.

CG: E aqui a situação voltou a ficar tensa, **um grupo menor de manifestantes** ocupou os dois lados da **avenida**. Agora a pouco chegou um **pelotão do batalhão de choque**, **os policiais** avançaram em direção **aos manifestantes**, eles estão seguindo neste momento. Agora a pouco eles lançaram **bombas de gás lacrimogênio** contra os **manifestantes**. Houve uma correria, os manifestantes ainda estão no meio da **avenida**, um carro também entrou entre os **manifestantes** e entre os **policiais** e tenta sair. Neste momento, a gente observa que os **policiais** dão **tiros de borracha, de balas de borracha** em direção aos **manifestantes** na calçada. O outro pelotão avança também eles seguem agora na direção dos manifestantes que continuam no meio da avenida. (**quinta – feira, 06/06/2013**)

Com mais uma entrada ao vivo, o repórter informa que os manifestantes permanecem bloqueando a Av. Paulista e que para retardar o avanço da tropa de choque e proteger-se das bombas que eles lançam contra os manifestantes, atearam fogo na avenida. O repórter finaliza esse momento afirmando que a situação de tensão de manifestantes e policiais é causada pelos protestos, porém exclui da afirmação que a tensão é causada pelo confronto de policiais com os manifestantes. Uma forma de trazer um sentido diferente sobre os protestos.

Um novo ato também organizado pelo MPL no dia seguinte, 07 de junho, marca as manifestações contra o aumento da tarifa do transporte público em São Paulo – SP, dois mil manifestantes que ocuparam pacificamente a marginal Pinheiros em direção à avenida Paulista (G1, 2013). Em um segundo vídeo, mais uma vez em uma entrada ao vivo do repórter César Galvão no Jornal Nacional, o repórter relata mais uma manifestação na cidade de São Paulo, que aconteceu nas principais vias da cidade – Marginal Pinheiros e Av. Rebouças – onde teria ocorrido um princípio de confronto entre os manifestantes e os

policiais, nos quais estes lançaram bombas contra aqueles, porém o repórter não informou que tipo de confronto teria ocorrido.

WB: Pelo segundo dia seguido, **um protesto contra o aumento da passagem do transporte público** provocou muita confusão em **São Paulo**. O repórter César Galvão traz as informações ao vivo. Boa noite, César.

CG: Boa noite, Bonner! Boa noite, a todos! O protesto hoje atingiu as principais avenidas da zona oeste de São Paulo. Nós vemos agora o bloqueio da **polícia militar** que acompanhou os **manifestantes** desde as seis horas da tarde. Os **manifestantes** ocuparam as principais **avenidas** da cidade, desceram a Avenida Rebouças – uma grande concentração – foram para a Marginal Pinheiros, uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Seguiam depois por uma avenida menos **movimentada** e lá aconteceu um princípio de confronto, a **polícia** teve que soltar **bombas**. Os **manifestantes** seguiam para o ponto inicial dos **protestos**, onde estão até agora. A **manifestação** de ontem assustou os **moradores da cidade**.

(Corte do ao vivo para matéria)

CG: **Pichações, vidros quebrados, bancas de jornal depredadas**. Esta balconista estava dentro de uma delas: —De repente um barulho batendo aqui atrás, que vocês viram que tá quebrado! Parece que foi um chute, uma bica na porta! Nunca tinha acontecido uma situação dessas comigo. **Foi bem apavorante**. ‖ (Relato da balconista Karina Augusto). Durante o **protesto contra o reajuste de R\$ 3,00 para 3,20 nas passagens de ônibus e do metrô** começou a **violência**. No Anhangabaú, centro da cidade, **manifestantes** atearam fogo em cones, depois caminharam em direção a **Av. Paulista** onde houve o primeiro **confronto** com os **policiais**. (Sons de tiros e sirene da polícia). Uma cabine da **polícia** foi jogada ao chão, uma lixeira de concreto foi usada como barreira **bombas de gás, tiros** para o alto e **roxões** pipocavam entre **policiais e manifestantes**. O **vandalismo** assustou quem trabalha na região: —Eles chegaram já tirando a **garrafa das mesas do cliente**, nós tomamos um prejuízo na média de R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00‖ (Relato do garçom Marcos Dantas da Silva). Para fugir do confronto motoristas fizeram manobras perigosas. Um shopping foi invadido, **pichado** e um carro que seria sorteado depredado, o prejuízo foi de R\$ 6.000,00. Seis pessoas foram autuadas em flagrante, quatro pagaram fiança e duas continuam presas. **A avenida mais famosa de São Paulo, ficou irreconhecível**: —As placas de madeira cobrem o que foi destruído nesta estação do metrô. Segundo a companhia o prejuízo foi de R\$ 73.000,00, só com lâmpadas e vidros quebrados. O valor que vai ser gasto com o concerto é equivalente a venda de bilhetes para que 22.812 pessoas usem o transporte apenas uma vez‖ (Repórter César Galvão). Hoje durante o dia tudo começava a voltar ao normal. **(sexta-feira, 07/06/2013)**

César Galvão encerra a matéria destacando a manifestação do dia anterior que teria assustado os moradores da cidade. Em continuidade ao vídeo, uma reportagem do mesmo

repórter produzida sobre a manifestação do dia 06 de junho. A reportagem começa destacando ações das manifestações como pichações, vidros quebrados, bancas de jornais depredadas, além das manifestações provocarem sentimentos de pavor entre as pessoas. Nesse sentido, o repórter utiliza o relato de uma mulher que estava presente no momento da manifestação, mas que não participava diretamente da manifestação.

No segundo momento da reportagem, César Galvão deixa claro que as ações do começo seriam dadas aos manifestantes. Ele passa a vincular a causa da manifestação à revogação do aumento da passagem do transporte público, uma motivação à violência. Dessa forma, passou a caracterizar o confronto entre manifestantes e policiais como um encontro marcado de bombas, tiros para o alto e lixos utilizados como barreira, rojões, mas não caracterizado como um encontro de violência. Além disso, a reportagem passa a destacar também os prejuízos materiais causados ao poder público e a iniciativa privada, não pelos confrontos, mas sim pela manifestação. O vídeo finaliza com o retorno à transmissão ao vivo da manifestação do dia 07. Direto do Globocop, o repórter continua a informar que a manifestação continua agitada e que reivindicação dos manifestantes é sobre o preço normal da tarifa do transporte público, ou seja, César Galvão omite a informação de que o preço da passagem do transporte público sofreu um aumento, normalizando a atuação do poder público sobre o transporte público e descaracterizando a reivindicação.

No dia posterior, 08 de junho, o prefeito de São Paulo concedeu uma entrevista, na qual avaliou o aumento no preço da tarifa do transporte público, assim como as manifestações ocorridas no dia 06 e 07 de junho. Para os protestos o prefeito afirmou ser legítimo o direito de se manifestar, visto que na democracia é cabível toda e qualquer forma de protesto desde que seja obedecido um protocolo de civilidade (ESTADÃO, 2013; SINGER, 2013). Contra esse argumento do prefeito, o MPL afirmou que os atos de depredação e pichação dos ônibus, são atos isolados e que não é uma postura do movimento (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013). No dia 09 o MPL convoca, via internet, uma nova manifestação marcada para o dia 11 de junho.

No dia 11 de junho, a repórter Graziela Azevedo sobrevoa o Parque Dom Pedro e cobre a manifestação que acontece por lá. No terceiro vídeo, a jornalista informou que os comerciantes fecharam as lojas e reforça a ideia de que os manifestantes entraram em confronto com a polícia, que reagiu com bombas de gás e balas de borracha. Pela primeira vez a cobertura do Jornal Nacional informa que as manifestações até então são de organização do Movimento Passe Livre. Por fim, coloca um sentido que a Polícia Militar do estado traz tranquilidade à manifestação.

WB: **Manifestantes** voltaram a **protestar contra o aumento do preço das passagens dos transportes públicos**, hoje em **São Paulo**. Graziela Azevedo boa noite, qual é a situação neste momento?

GA: Boa noite, Bonner! Olha é muito grande o número de **policiais** e de viaturas aqui na região do parque Dom Pedro, no centro de **São Paulo**. Ainda há barricadas formadas por sacos de lixos, a situação aqui, já é bem mais tranquila. Mas houve muita tensão e **confronto** durante a tarde e começo da noite na **região central**, os **lojistas fecharam** as suas portas, ficaram com muito medo, houve **confronto** (*som de sirene da polícia*) entre os **manifestantes e a polícia**, que reagiu com **bombas de gás, bala de borracha. Ônibus** foram **pichados**, muito **lixo queimado** nas ruas, nós vimos daqui de cima os **policiais** abordando **manifestantes**, detendo **manifestantes**. Você ver aí, **a tropa de choque**, se posicionando para enfrentar... essa que foi a terceira **manifestação do Movimento Passe Livre, contra o aumento de R\$ 0,20 – de R\$ 3,00 para R\$ 3,20 – no aumento nos transportes coletivos. (...) (terça-feira, 11/06/2013)**

Mais cedo no mesmo dia Geraldo Alckmin teria afirmado, em entrevista à Rádio França Internacional, que as manifestações não poderiam interromper importantes vias de acesso, bem como justifica o uso da força policial,

Uma coisa é movimento, tem que ser respeitado, ouvido, dialogado. Isso é normal e é nosso dever fazê-lo. Outra coisa é vandalismo, é você interromper artérias importantes da cidade, tirar o direito de ir e vir das pessoas, depredar o patrimônio público que é de todos. Isso não é possível, aí é caso de polícia e a polícia tem o dever de garantir a segurança das pessoas, declarou Alckmin à rádio. (G1, 2013)

Sobre este dia o MPL não se responsabilizou pelos atos de depredação aos prédios públicos e privados, carros e ônibus, bem como a violência por parte dos manifestantes sobre os policiais. Na oportunidade o MPL reafirmou o compromisso com a questão da redução da tarifa do transporte público como pauta única do movimento. Nesse mesmo dia também, o movimento protocolou, junto à prefeitura, um pedido de reunião com a prefeita em exercício Nádia Campeão⁷ (PCdoB-SP). Além disso, marcou um novo ato para o dia 13 de junho (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013).

⁷Vice-Prefeita da cidade de São Paulo-SP entre 2013-2017

No dia 12 de junho, numa reunião marcada na sede do Ministério Público de São Paulo com o MPL, foi proposta um encontro com prefeito e o governador para negociar a suspensão do valor da tarifa do transporte público paulistano e, dependendo do sucesso da reunião, a suspensão também das manifestações, porém a manifestação do dia 13 foi mantida. Na ocasião estavam dois membros do MPL, dois membros do PSOL e um membro do sindicato dos metroviários, bem como o secretário de transporte municipal e o secretário estadual de transportes metropolitanos (FOLHA DE S. PAULO, 2013).

O quarto vídeo trata de uma reportagem de Fábio Turci sobre as manifestações do dia 11 de junho. Como a anterior, a reportagem inicia informando um sentimento de pânico da manifestação sobre as pessoas, inclusive com relato. Reforça assim, a ideia do confronto dos manifestantes com os policiais e destaca que as depredações acontecem por ação dos manifestantes. Dessa forma, passa a dar ênfase às consequências dessas ações para os policiais, mostrando os ferimentos causados pela ação dos manifestantes. Além do reforço das narrativas anteriores, a reportagem começa a informar que o confronto entre os manifestantes e os policiais atrapalha o trânsito.

—Arrá, urru, a cidade é nossa! (som de tiros, sirene da polícia, e gritos de pessoas). —Não pode acabar prejudicando tanta gente, aí também! (fala de um homem sendo entrevistado pelo repórter)

FT: **A Av. Paulista** e o centro de **São Paulo** amanheceram assim, com as marcas do **vandalismo** de ontem à noite. O Jornal Nacional acompanhou de perto. “**Milhares de pessoas** estão voltando do trabalho, depois de um dia cansativo embaixo de chuva, e.. e... e.. e passar esse pânico aqui! Eu tô aqui sem saber pra onde correr...! (Relato da auxiliar de saúde bucal, Arlete Passante). O **protesto** que começou com **manifestantes** caminhando ao lado de **policiais**, virou uma **batalha nas ruas**. De um lado, a **polícia** com **gás pimenta, bomba de fumaça, tiros de borracha**. Do outro, **rojões, pedras, garrafas** e o que mais os **manifestantes** achassem no caminho. Um grupo tentou invadir esse **terminal de ônibus** no centro, a **PM** reagiu (som de bomba). (...) (som de tiro) —não dava pra ir pra frente, nem pra trás, fiquei preso aqui e tal. O cara queria passar, não conseguia. || (Relato do professor Vinicius Cesar). (...) Segundo a **PM 8 policiais** ficaram feridos, esse levou uma pedrada, esse outro foi derrubado da moto. Nem os **ônibus** escaparam do protesto que era pelo **transporte público**. (...) **85 ônibus** foram **depredados ou pichados**, agências bancárias e esta **estação do metrô** também foram alvos do **vandalismo**. (...). Em menos de uma semana foi o terceiro e mais **violento protesto** do **Movimento Passe Livre**. (...) —Nós temos **manifestação** periodicamente, nenhum problema. (Corte). Precisa ser investigado para verificar a origem disso, tá bom?! E deve ressarcir ao erário público, por que isso é **patrimônio** de todos. || (Relato do **governador Geraldo Alckmin**). Para **OAB**, o que aconteceu ontem em **São Paulo**, passou dos limites: —As pessoas se reúnem para expressar uma indignação, no caso pelo **o aumento de ônibus**. Agora tem um limite, quando o

movimento passa **violar o patrimônio**, principalmente **patrimônio público e privado também**, ou prejudicar o direito de ir e vir das pessoas, ele passou do limite dele. || (Relato do **presidente da OAB seccional São Paulo Marcos da Costa**) (**quarta-feira, 12/06/2013**)

Com esse argumento, Fábio Turci passa a colocar em evidência os ônibus depredados e quebrados pela ação dos manifestantes, os quais passam a ser caracterizados como vândalos, colocando em contradição a própria manifestação pela revogação do preço da passagem do transporte público. Por fim, a reportagem coloca em questão o preço da passagem e o posicionamento do poder público em relação a revogação da tarifa, além de trazer discursos e posicionamentos do prefeito Fernando Haddad (PT-SP), cuja fala retrata um comprometimento do político em justificar o aumento da tarifa e do governador Geraldo Alckmin (PSDB-PB) uma preocupação com o patrimônio público. Nesse sentido, a reportagem finaliza com o discurso de Marcos da Costa, presidente da OAB seccional de São Paulo, o qual aponta também no mesmo sentido da proteção do patrimônio público.

O quinto vídeo corresponde à entrada ao vivo do repórter César Galvão sobre os confrontos da polícia militar com os manifestantes que acontece no dia 13 de junho em São Paulo. O repórter relata que a Av. Paulista está bloqueada nos dois sentidos pelos manifestantes e que o pelotão de choque utilizou bombas e bala de borracha para dispersar a manifestação e liberar a via para circulação do trânsito. Assim, o repórter passa a destacar que um grupo de manifestantes estava sentado, mas mesmo assim a polícia passou e utilizou novamente o excesso de força. Contudo, evidenciou a prisão dos manifestantes por estar portando coquetel *molotov* e faca, a qual reforçou a narrativa de uma polícia garantidora da ordem e mantenedora da tranquilidade. Por fim, relata a prisão de dois jornalistas.

CG: Bonner aqui em São Paulo a **Av. Paulista** está bloqueada nos dois sentidos. A gente acompanha aí, o trabalho do **batalhão de choque** tentando dispersar um **grupo menor** agora de **manifestantes**. Há poucos instantes houve um **pequeno confronto**, a gente observou que os **policiais** lançaram **bombas de gás** e também **tiros de borracha**, para que os **manifestantes** liberassem as **avenidas**. Foi feito uma varredura na **Av. Paulista**, os **policiais** encontram um **grupo de estudantes** sentados perto do parque, mas apesar de **sentados e pedirem paz**, foram lançadas **bombas** em direção a **esses manifestantes**. (...) (**quinta-feira, 13/06/2013**)

Da mesma forma, César Galvão mais uma vez relata, no sexto vídeo, os confrontos entre os manifestantes e a Polícia Militar. César Galvão informa que a manifestação nesse dia começou no centro da cidade e por intervenção policial a manifestação foi em direção da Av. Paulista. Durante o caminho, ônibus foram pichados, houve confronto entre os manifestantes e os policiais e nesse sentido 60 manifestantes foram presos. Assim, o repórter passa a utilizar o argumento do prefeito para justificar as manifestações, dando a entender uma intransigência do poder público sobre a questão do aumento da tarifa do transporte público.

CG: Boa noite, Bonner! Boa noite, a todos! Os **manifestantes** estão ainda nas **avenidas** no centro da cidade, eles bloqueiam neste momento a Av. Angélica, passam ali entre os ônibus e o trânsito fica praticamente parado. (...). O **batalhão de choque** soltou **bombas** para dispersar a **manifestação**. (...). Os **policiais** dispararam **bombas**, foram atingidos por **lixeriras**, dispararam também, **tiros de balas de borracha**. Aconteceram várias prisões, cerca de **60 pessoas** foram **detidas** durante o **protesto**, algumas foram revistadas na rua, foram detidas também durante ali o início da concentração. Várias pessoas chegaram a ocupar o prédio da justiça federal que fica no centro da cidade, essas pessoas foram cercadas pelo **batalhão de choque**, colocadas em fila, levadas de **ônibus** em direção à delegacia. Na delegacia foram colocados perto da parede, e um **manifestante** passou mal. Esse manifestante teve que ser levado para o hospital, o **prefeito** informou que **não vai rever o preço da passagem de ônibus, aumentado de R\$ 3,00 para R\$ 3,20**, por isso os **manifestantes** fazem aí, o quarto dia de **protesto**. (...) (**quinta-feira, 13/06/2013**)

Direto da banca, a âncora do Jornal Nacional, Patrícia Poeta, faz menção a um comunicado da Anistia Internacional que denuncia a ação policial sobre a repressão das manifestações, agressão policial, bem como, as prisões sobre manifestantes e jornalistas. Além destacar o posicionamento contrário da organização internacional sobre a depredação do patrimônio público e sugerindo um diálogo urgente entre o poder público e os manifestantes.

PP: A **Anistia Internacional** manifestou preocupação com o **aumento da violência na repressão nos protestos no Rio de Janeiro e São Paulo**. A organização mencionou a **prisão de jornalistas e manifestantes**, a organização declarou que é contra a **depredação público e atos violentos**, e que considera **urgente** o estabelecimento de um **canal de diálogo** entre as **duas partes**. (**quinta-feira, 13/06/2013**)

Nas duas primeiras reportagens e entradas ao vivo veiculadas pelo Jornal Nacional, mostra inicialmente uma diferença nas duas matérias. Na primeira matéria está a chamada do link ao vivo pelo âncora do jornal, William Bonner, ao identificar que o aumento da tarifa em ônibus, que difere da narração do repórter, César Galvão, que informa que o aumento seria diretamente ligado –aos transportes públicos, no plural e indeterminando qual seria o transporte público. Além desta, Bonner informa que os manifestantes entraram em confronto com a polícia paulistana. Já o repórter começa a narrar que ‘a polícia lançou bombas de gás lacrimogênio contra os manifestantes’ e ‘os policiais dão tiros de borracha, de balas de borracha em direção aos manifestantes na calçada’.

Apesar da chamada da matéria está identificando a ação dos manifestantes em se colocar em confronto com a polícia, a narração do repórter informa que a violência vem a partir das atitudes da polícia e não dos manifestantes. Na outra matéria do dia 07 de junho, além da entrada ao vivo para cobrir o protesto que acontecia na zona oeste, uma reportagem mudava a narrativa da entrada ao vivo do dia anterior. A matéria indica que no protesto do dia 06 de junho houve depredação do patrimônio privado e público, violência e vandalismo, mas não informa ou reforça a narrativa do dia anterior, que a polícia paulistana foi causadora também da violência, deixando a cargo do telespectador identificar quem era o causador da violência. Contudo, a reportagem deixa claro a identificação dos manifestantes como vândalos, modelando o sentido de reivindicação contra o aumento da passagem.

Esses dias de mobilizações na rua da capital do estado de São Paulo foram vistos, apesar de diferentes análises, como a primeira fase das manifestações de junho. Os protestos iniciais foram convocados pelo MPL contra o aumento de 20 centavos sobre a tarifa do transporte público de São Paulo, além de terem sido recepcionados com forte violência dos policiais, foram também recebidos negativamente pela mídia (SINGER, 2013; MELO & VAZ, 2018). Pelas transcrições acima, percebemos essa característica da violência presentes nas narrações dos repórteres, César Galvão e Graziela Azevedo, como também do âncora do Jornal, William Bonner. Contudo, a narrativa da violência não foi formada na primeira entrada ao vivo, na verdade a construção dessa narrativa, foi formada ao longo da cobertura do jornal sobre os protestos (PICHLER & FOSSÁ, 2015; MELO & VAZ, 2018). Como coloca o próprio Bourdieu (1997), a notícia precisa ser informada várias vezes para construção do discurso televisivo e assim possa atingir a sociedade e esta, por sua vez, ao mesmo tempo, também legítima como verdade.

Como dito em páginas anteriores, a primeira chamada ao vivo feita por Bonner para cobertura da manifestação do dia 06 de junho iniciava a construção dessa narrativa:

-manifestantes que protestavam contra o aumento no preço das passagens de ônibus entraram em confronto com a polícia agora há pouco na Av. Paulista. || Apesar do conflito da informação entre a chamada ao vivo e a narração do repórter, César Galvão, as matérias e entradas ao vivo posteriores a esse dia davam o tom dessa narrativa (PICHLER & FOSSÁ, 2015).

Observa-se, nesse primeiro momento, uma relação entre os manifestantes e os policiais, nos quais, por meio do uso da força, dispersaram os *manifestantes*, estes por sua vez, revidaram com as armas que tinham na frente (KAHN, 2013), estava formado assim uma praça de guerra, como coloca Singer. No dia posterior, uma nova manifestação, 07 de junho, e uma nova entrada ao vivo; -Seguiam depois por uma avenida menos movimentada e lá aconteceu um princípio de confronto, a polícia teve que soltar bombas.||, mas agora a reportagem deixa claro e evidente, apesar de indeterminação do sujeito do trecho, de quem começa os atos de violência, que é revelado a partir da ação dos policiais em ‘soltar bombas’, o que induz que a polícia agiu dessa maneira por que precisava, já que quem agiu com o confronto foram os policiais.

E não para por aí. Na mesma entrada ao vivo do repórter, o mesmo jornalista produziu uma matéria sobre a manifestação anterior, dia 06 de junho. A mesma narrativa de violência continua sendo o contexto central da matéria, mas também o enfoque central dessa reportagem teria outro sentido que seria de revelar o produto das manifestações, os danos causados pela violência das manifestações, como o início da reportagem —pichações, vidros quebrados, bancas de jornal depredadas || e, no meio da matéria, -o vandalismo assustou quem trabalha na região: -Eles chegaram já tirando a garrafa das mesas do cliente, nós tomamos um prejuízo na média de R\$ 1.500,00 a R\$ 2.000,00’.||. Este último trecho, contém o respaldo social de quem viu e viveu os momentos da manifestação.

Nos outros dois dias de reportagens, novas manifestações dos dias 11 e 13 de junho, o contexto de violência fortemente presente nas entradas ao vivo e nas reportagens produzidas. No terceiro dia de manifestação, 11 de junho, a reportagem tem um efeito específico, na qual difere das outras anteriores, que é trazer um sentido de deslegitimar os protestos; —‘Não pode acabar prejudicando tanta gente, aí também’ com o reforço de; -‘Milhares de pessoas estão voltando do trabalho, depois de um dia cansativo embaixo de chuva, e.. e... e.. e passar esse pânico aqui! Eu tô aqui sem saber pra onde correr...’. || e -‘não dava pra ir pra frente, nem pra trás, fiquei preso aqui e tal. O cara queria passar, não conseguia. ‘||. Além desses trechos,

outros são importantes também trazer à tona, – (...) E deve ressarcir ao erário público, por que isso é patrimônio de todos. ‘ (Relato do governador Geraldo Alckmin) || e – (...) _Agora tem um limite, quando o movimento passa violar o patrimônio, principalmente patrimônio público e privado também, ou é prejudicar o direito de ir e vir das pessoas, ele passou do limite dele. ‘ (Relato do presidente da OAB seccional São Paulo, Marcos da Costa) ||. Nesse dia, a reportagem é aberta com relato de um indivíduo que estava presente no dia do protesto, mas não participava da manifestação, cuja fala dissemina um sentido prejudicial reforçado por outro relato que indica pânico de outro indivíduo e mais um de um motorista que afirma que está impossibilitado de seguir, visto que o trânsito está parado.

O último dia de manifestação desse período, dia 13 de junho, foi marcado pelas entradas ao vivo do repórter no Jornal Nacional, que mostra o exercício da violência, –Aconteceram várias prisões, cerca de 60 pessoas foram detidas durante o protesto, algumas foram revistadas na rua, foram detidas também durante ali o início da concentração. ||. Dessa forma, como nas outras vezes, as ações dos policiais foram motivadas a finalidade de proteção ao bem público e privado, bem como, assegurar o livre trânsito nas avenidas da capital paulista (KAHN, 2013).

Contudo, a relação das ações policiais, apesar de serem tidas como uma violência institucionalizada pelo Estado, segundo Pichler & Fossá (2015), o Jornal Nacional bem como todo o conjunto da mídia tradicional e hegemônico, tenderam para ótica de que os agentes da segurança pública estavam no cumprimento do seu dever, de zelar pela ordem e bem-estar social. Porém, o que a sociedade não conseguiu perceber, até esse momento das manifestações, é que a polícia não estava no cumprimento de sua profissão, mas os atos violentos. A professora irá perceber também, que foi intencional do jornal de destacar as ações violentas das ruas ao invés de evidenciar a ação de manifestação, o qual modificou o sentido dado aos manifestantes e a manifestação, –representando-os como baderneiros e destruidores, causadores de _muita tensão e confronto‘. || (PICHLER & FOSSÁ, 2015). É importante trazer também, em se tratando do Jornal Nacional, que a veiculação da percepção da violência policial sobre os manifestantes, não veio a partir da própria mídia, mas por meio de uma nota de um organismo internacional dos direitos humanos, veiculada no mesmo dia 13 de junho.

Este período ficou marcado pelo uso excessivo da força policial sobre os manifestantes (SINGER, 2013; KAHN, 2013; MELO, 2018; VAZ, 2018). No dia 13 de junho, por exemplo, na capital paulista –20 mil manifestantes (segundo os organizadores), com 235 detidos e mais de 100 feridos, sendo 2 detidos e 22 feridos jornalistas que cobriam a manifestação|| (ARTIGO 19, 2014, p. 21). Nesse sentido Túlio Kahn (2013) afirma,

Não é descabido dizer que foi precisamente uma dessas reações desastradas – especificamente a de 13 de junho em São Paulo, quando a polícia reprimiu de forma desproporcional um grupo de manifestantes pacíficos que se dirigia à avenida Paulista – que acabou por transformar um pequeno grupo, organizado em torno da questão da diminuição do preço das passagens, em porta-voz de uma insatisfação generalizada (...). Talvez o movimento tivesse crescido de qualquer modo, mas, no mínimo, a reação policial desequilibrada aumentou a visibilidade e a legitimidade dos manifestantes naquele momento. (KAHN 2013, p. 116-117)

Nesse sentido, segundo Kahn (2013) o exercício desproporcional da força policial sobre os manifestantes, especificamente no dia 13 de junho em São Paulo, aumentou positivamente a visibilidade das manifestações. Utilizar esse argumento para relacionar com o aumento do número de manifestantes e o surgimento de novas manifestações, como traz o autor, é invalidar o argumento desse estudo e, principalmente, esquecer a relação que a mídia tradicional e os efeitos que a notícia tem com construção da identidade imaginária brasileira, especialmente a produção televisiva da Rede Globo.

Além disso, a primeira fase das manifestações de junho noticiada pela grande mídia, revela que a criação do discurso da violência, nesse primeiro momento, passou pelo que já foi explicitado anteriormente, a circulação circular da notícia. Nesse sentido, vale recuperar os ensinamentos de Bourdieu, a informação só teve o efeito de circulação circular, após o fechamento realizado pela própria mídia, neste caso em dois momentos: o primeiro deles quando há uma sentença dita como verdade sobre as manifestações, essa que foi a terceira manifestação do Movimento Passe Livre e, o segundo, quando considerou o posicionamento de uma instituição da sociedade civil como OAB, ou seja, o jornal passa a utilizar o posicionamento dessa instituição como forma de validar toda a narrativa feita anteriormente pelas matérias jornalísticas, ocorrendo assim o fechamento dessa circulação circular da informação.

Portanto, Bourdieu ao pontuar que a televisão também produz autoridade, neste caso, revela que a autoridade foi feita pela mídia ao produzir a opinião de um órgão como a OAB, o jornal em primeiro instante reproduz os argumentos do órgão, mas simbolicamente utiliza dessas exposições feitas pelo representante para validar o seu discurso como verdade. Neste caso, não uma produção de autoridade por um indivíduo não pertencente do campo jurídico, mas é uma produção de autoridade do campo jurídico pelo campo midiático. Durante esses

dias de cobertura, o Jornal Nacional foi paulatinamente incisivo na cobertura das manifestações pela via da violência que realmente aconteceu. Contudo, a mesma cobertura desconsiderou, como já apontado, silenciando as reivindicações dos manifestantes, que também revela o fato que a mídia transmite ao espectador aquilo que deseja, revelando mais um ensinamento de Bourdieu aplicável para esta análise do campo jornalístico e a função do jornalista neste campo.

No próximo capítulo, a narrativa da mídia passa por uma mudança, porém não totalmente. O Jornal Nacional passa gradativamente nas reportagens produzidas e entradas ao vivo a mudar a narrativa, traz uma culpa pontual sobre as ações da Polícia Militar paulistana e, de certa forma, também pontualmente desconsidera os manifestantes e as manifestações como sinônimos de violência. Na medida que acontece essa mudança a partir de entendimentos da Anistia Internacional e a reprodução no próprio telejornal ações vinculadas ao *cyberativismo*, passa a ser construída uma outra narrativa, na qual as manifestações são legítimas visto a má qualidade do transporte público paulistano e a violência policial.

Nesse momento, novas pautas são inseridas nas ruas de São Paulo e assim a narrativa do espetáculo/da festa é construída sobre as manifestações de junho de 2013. Desse modo, o segundo capítulo abre com o conceito elaborado por Debord de sociedade do espetáculo, na qual é vista como uma construção do modo de produção capitalista. Entretanto, o espetáculo se coloca como central na produção das relações sociais de produção e, claramente, constitui-se uma possibilidade de percepção da realidade vista através das narrativas televisivas.

2. SEGUNDA FASE: a narrativa festiva do espetáculo

2.1. Debord e a construção conceitual da sociedade do espetáculo

Nesses novos dias de manifestações, a cobertura do Jornal Nacional toma um outro rumo em direção à criação de uma nova narrativa para a cobertura jornalística das manifestações. Assim, outro conceito se faz necessário apresentar nesse momento: a sociedade do espetáculo. Elaborado em livro homônimo pelo filósofo marxista Guy Debord (1967), a sociedade do espetáculo parte do pressuposto que o capitalismo chegou num determinado ponto que as imagens passaram a ter uma supervalorização na vida das pessoas, de modo que estas passaram a ter destaque na vida cotidiana.

Assim sendo, o espetáculo referido por Debord (2003), toca primeiramente na centralidade da teoria marxista no modo de produção capitalista que, diante de sua produção, criou-se na sociedade um sentido falso da realidade, o que Debord (2003) irá denominar de espetáculo. Dessa forma, o sentido falseado pelo espetáculo está na produção das imagens geradas pelo modo de produção capitalista. Essas imagens em si mesmas não só produzem o espetáculo, mas sim a relação social dentro do modo capitalista. Guy Debord coloca: –O espetáculo não pode ser compreendido como abuso do mundo da visão ou produto de técnicas de difusão massiva de imagens. Ele é a expressão de uma *Weltanschauung*, materialmente traduzida. É uma visão cristalizada do mundo. || (DEBORD p. 9, 2003)

Assim, ao transpor as palavras do autor, observa-se a expressão “*Weltanschauung*” que como Debord mesmo explica, é a visão de mundo. Esta, por sua vez, é cristalizada pelas relações sociais dentro do modo de produção capitalista que faz com que a sociedade moderna crie para si um falseamento da realidade. Esta ideia trazida pelo filósofo francês está pautada na consideração que Marx propôs sobre a mercadoria como fetiche. O fetichismo da mercadoria está em produzir ideias que dão sentido a sua existência e ao seu consumo.

Também produzido pelo modo de produção capitalista, condicionou a existência do espetáculo para Guy Debord. Nesse sentido, Debord traz outro aspecto essencial para explicação do espetáculo: a totalidade. É pela totalidade que é perceptível o espetáculo, que está não só no consumo em si mesmo, mas também em sua produção. A questão fica mais clara sobre o espetáculo nas sociedades contemporâneas, onde há produção em larga escala de mercadorias - e assim uma veiculação maior de publicidade sobre estas -, além de uma

produção de serviços de entretenimento e veiculação de informação. Todas essas questões estão ligadas ao espetáculo. É na produção desses bens e serviços que se origina o espetáculo.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo. A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna. (DEBORD 2003, p. 9-10)

Nessas palavras, o autor reforça seu argumento inicial de que o espetáculo é um produto da sociedade capitalista e sobre como esta tende a falsear a realidade, por isso que o espetáculo não produz a realidade, no sentido de trazer à tona a exploração das relações sociais de produção. Mais que revelar uma irrealidade sobre o real, há também uma justificativa do funcionamento do sistema capitalista e da sociedade moderna através do espetáculo. O espetáculo não só tem a finalidade de falsear a realidade, construindo uma irrealidade sobre o real, mas também de inverter o real. Assim, há uma imaginação sobre o que é real, mas que no fundo não o é tal como se imagina. Trata-se de dizer que a realidade produzida pela sociedade do espetáculo passa a ser real e dita como verdade. Como coloca o próprio autor, -no mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso. || (DEBORD 2003, p. 11)

Assim coloca Debord que o conceito de espetáculo consegue explicar a sociedade capitalista na forma de suas produções, e destas, suas significações materiais. Dessa forma, tende a sociedade produzir fenômenos que são aparentemente explicáveis e aceitos como tal. Aí está o espetáculo. Segundo o autor, o espetáculo serve também para explicar os fenômenos como são aparentemente. O que é aparente para os indivíduos em sociedade nada mais é que uma organização social da aparência produzida pelo capitalismo. Neste sentido, essa organização das aparências produzem uma verdade geral sobre a vida social e diante da

negação dessa verdade, produz-se um efeito de negação da própria vida social, da própria organização do que é aparente.

É importante colocar que, ao propor o conceito do espetáculo como forma de explicar a sociedade capitalista contemporânea, Debord salienta que o espetáculo é, por assim dizer, o sentido revelado pelo modo de produção capitalista de existência e perpetuação social e econômica dentro do tempo histórico determinado ou em vista de se determinar. Assim sendo, pela força que exerce o capitalismo sobre a vida social, capaz de reger sobre os indivíduos as suas ações, condiciona uma passividade da vida social entre os indivíduos e aquilo que o espetáculo produz: um jogo organizado de aparência.

A aparência, produto do espetáculo, é vista pelas imagens produzidas e assim tem o intuito de fornecer um sentido hipnótico da realidade, capaz de falsear o que é visto e vivido e assim produzir sentidos e motivações nas ações individuais. Contudo, o espetáculo não deve ser entendido unicamente pelo o olhar, salienta Debord, mas também pelo ouvido. Este argumento dito pelo autor, está elaborado pela interdependência da existência das imagens e do som, do que é visto e ouvido. De modo que, o espetáculo é também constituído a partir da interação dos indivíduos e, ao mesmo tempo, também se tornam objetos constituídos no espetáculo.

Assim, tudo antes da constituição do espetáculo, a identificação do indivíduo tende a ser reconstituída pelo espetáculo. Nesse sentido, é importante discorrer o exemplo trazido pelo próprio autor sobre a identificação individual, a religião. Esta recupera a tradição marxista da religião como um instrumento burguês de ilusão às demais classes, como um modo de não perceber a exploração. No ensinamento de Debord, a religião é reconstituída tomando uma nova forma, mas tendo o mesmo sentido de iludir e de ser espetacularização quando seus ritos.

Por fim, é importante que todos esses requisitos e exemplos trazidos até o momento, reforçam a ideia de um discurso permanente sobre a sociedade moderna. Entretanto, a ordem do discurso não está dada e nem sólida em si mesma, ao contrário. O discurso na sociedade do espetáculo tem um começo e o fim, ou seja, o processo de constituição discursiva nasce no momento da produção do espetáculo. Assim, o discurso passa a ser meio de condução do espetáculo na vida social. Desse modo, Debord (2003) passa a entender que –o espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem presente faz sobre si própria, o seu monólogo elogioso. || (DEBORD 2003, p. 15).

Logo, ao afirmar que o espetáculo é o discurso, percebe-se uma relação de não só uma relação de interdependência para existência, mas também uma forma de existência do

espetáculo por meio da formulação de discursos. Nesse sentido, chega-se ao ponto de se pensar a possibilidade dos meios de elaboração, formação, disseminação de discursos, para que se veja a sociedade do espetáculo materialmente. O próprio autor é categórico ao colocar que os meios de comunicação de massa agem como –sua manifestação superficial mais esmagadora — que aparentemente invade a sociedade como simples instrumentação, está longe da neutralidade e é a instrumentação mais conveniente ao seu auto movimento total. || (DEBORD, 2003, p. 16).

2.2. O espetáculo e consumo da indústria cultural da televisão

Tomado pelo conceito de espetáculo de Debord, é possível observar o comportamento da mídia hegemônica brasileira - em especial a rede Globo sob o recorte do Jornal Nacional -. Ela tende a elaborar e disseminar narrativas sobre a realidade, distorcendo do que real e produzindo um outro real, que conduz ações dos indivíduos. Neste sentido, é impossível entender o espetáculo em relação à mídia sem perceber que esta, como afirmou anteriormente Bourdieu, é uma indústria cultural exercendo uma força sobre o campo cultural por influência econômica.

Dessa forma, segundo o professor Cláudio Novaes Pinto Coelho (2016) talvez não seja possível compreender a mídia como uma instituição social mais poderosa na sociedade civil, visto que esse poder não passa por todos meios de mídias. Além disso, é possível acrescentar essa afirmação a partir da consideração feita por Bourdieu sobre as disputas entre os grandes conglomerados da comunicação, que nem todas mídias hegemônicas são consideradas poderosas. Contudo, para o caso brasileiro uma empresa destaca-se, as Organizações Globo.

Coelho (2016) destaca a importância do conceito de indústria cultural como forma de reforçar todo o argumento de crítica à produção em larga escala da televisão, que tende a espetacularizar a vida social. Assim, o próprio autor remonta o citado conceito elaborado pela escola de Frankfurt, neste caso encabeçado por Adorno e Horkheimer, que constitui a indústria cultural como conceito para compreender a dimensão econômica nos meios de comunicação. Neste sentido, pela época de elaboração do conceito - entre o fim da II Guerra Mundial - impérios da comunicação mundial iniciavam a expansão de suas ações comunicativas, hoje visto como grandes conglomerados da comunicação.

Logo, esse processo não pode ser entendido como condição única para o estabelecimento da indústria cultural. Utilizando argumentos trazidos pelos intelectuais alemães, Coelho (2016) afirma que no processo de consolidação do capitalismo os artistas

envolvidos em espetáculos teatrais perderam sua autonomia e, dessa forma, todos os espetáculos teatrais viraram mercadorias, nas quais o processo de criação até o consumo precisou ser pensado em larga escala.

Nesta primeira fase, que pode ser caracterizada como a fase do capitalismo concorrencial, a possibilidade de o artista determinar as características da sua produção dependia de um jogo de forças entre ele (e as suas necessidades de sobrevivência), os anseios do público consumidor, e a busca do lucro pelos empresários envolvidos com a cultura: os proprietários dos teatros, das editoras, das galerias, dos jornais, etc. (COELHO 2016, p. 32)

Com esta citação de Cláudio Coelho, é possível afirmar que para existência e manutenção da sociedade capitalista como está hoje o exercício da comunicação, como a imprensa e toda produção cultural, se fez necessário. Dessa forma, os artistas já inseridos na lógica capitalista tiveram no meio da produção cultural uma forma de exercer sua autonomia artística e estética. E, assim, através dessa autonomia, os operários da produção cultural procuraram influenciar a sociedade com seus gostos e seus estilos. É possível perceber, nesta época inicial, diante das práticas e produções artísticas, uma certa liberdade desses operários para exercer seu ofício. Coelho (2016) destaca que em diferentes épocas históricas, como no feudalismo, toda produção cultural estava sobre o poder de intervenção e permissão da Igreja.

O capitalismo trouxe para os artistas uma certa liberdade de execução de suas atividades, porém nem sempre foi assim. É relevante entender que na indústria cultural, durante seu desenvolvimento, os artistas também foram perdendo a liberdade e o poder de decisão em virtude do estabelecimento de corporações culturais, como jornais, editoras, grupos teatrais entre outros. Com o advento da televisão, impérios de comunicação foram sendo estabelecidos nas sociedades capitalistas na América e Europa Ocidental e ganhando força e relevância na sociedade civil.

Com esse processo de desenvolvimento na área da comunicação, na constituição de grandes empresas do setor, Coelho (2016) observa que todo esse processo determinou e continua a determinar a sociedade do espetáculo. Nesse sentido, Coelho articula a sociedade do espetáculo de Debord à indústria cultural de Adorno e Horkheimer, de modo que passam a influenciar os comportamentos individuais e coletivos, além da defesa dos interesses oriundos no interior dos grandes conglomerados de mídia e da manutenção do funcionamento da sociedade capitalista.

Assim, com o avanço das forças produtivas no modo de produção capitalista, bem como a consolidação das grandes empresas de comunicação, o papel da imprensa também se transformou. Fábio Marques (2006) aponta que durante este desenvolvimento, a imprensa perdeu seu papel missionário na formação da opinião pública, dando lugar a notícia que alavanque a audiência com intuito de atingir melhores resultados econômicos. Neste sentido, o exercício da imprensa ligada a grandes grupos de comunicação transformou-se no exercício produtivo de notícia, ou seja, a notícia passou a ser uma mercadoria.

O autor destaca a importância de perceber como a imprensa se comporta diante do espetáculo, produto do capitalismo contemporâneo. Marques (2006) salienta que o jornalismo televisivo passa a ser um braço da imprensa no setor da telecomunicação, porém com um aspecto espetacular e consumista. O primeiro voltado a utilizar artifícios visuais, como a imagem e a oralidade, bem como, manchetes e propagandas, tende a destacar-se no consumo da notícia em detrimento a outros meios do jornalismo, como as revistas, os jornais, a rádio, entre outros. Dessa forma, aliado ao meio televisivo - visto que é um meio de transmissão que contém as características já mencionadas -, o telejornalismo edifica-se na sociedade contemporânea como um veículo voltado para o mercado e, por esta via, orientados por um viés ideológico de proteção ao mercado e ao *status quo* político-social.

Em certa medida, a posição mercadológica do telejornalismo não é mais que uma consagração da indústria cultural nos meios de comunicação. É por meio do espetáculo que o discurso político se consolidou na indústria cultural. Marques (2006) traz um argumento importante para este entendimento. A imprensa, de modo geral, sofreu um processo de reestruturação de sua produção ao ser incorporado ou criado pelos grandes conglomerados da comunicação, o que de certa forma originou cartilhas de adequação para o segmento do mercado. Os profissionais envolvidos em sua produção viram-se obrigados a seguir a cartilha. Essa reestruturação da imprensa não só envolve um novo meio de fazer seu papel, mas também de atingir margem de lucro e uma parcela maior do mercado, o que de certa forma resulta numa influência bem maior na sociedade. Nas palavras de Marques (2006):

Isso começa com um padrão de organização das redações e de outros departamentos que fazem parte do processo produtivo dos grandes jornais e revistas, tais como: a centralização da produção da notícia pelas agências nacionais e internacionais; padronização do discurso jornalístico com os manuais de redação e estilo; a reestruturação dos projetos editoriais; sistemas internos de controle individual da produção de matérias (...) (MARQUES 2006, p. 36).

Ao atender a lógica do mercado, a imprensa precisou também diversificar seu segmento de produção da notícia, quando antes assuntos relacionados a figuras públicas ou matérias sensacionalistas não eram levados em consideração pelo público. Ao realizar a adequação mercadológica, a imprensa passou a abrir espaço para assuntos relacionados não só da produção de notícia nas áreas da economia, política, entre outras, mas também informações ligadas a personalidade dos artistas. Para além disso, produz ainda notícia sobre se mesma. Assim, a imprensa de modo geral passa a caminhar não só conforme ao mercado, mas também a tudo aquilo que os consumidores desejam que se produza.

É nesse sentido que Marques (2006) irá afirmar que todo esse processo e, abertura de produção de outros produtos, sedimentou de vez a permanência imprensa e grandes conglomerados de comunicação como elaboração oficial do discurso espetacular sobre a vida social. Ao colocar dessa forma, a notícia produzida pela imprensa contemporânea tende a produzir outra verdade sobre a realidade. Esta outra verdade nada mais é que um falseamento do real.

Nessa perspectiva, é pertinente trazer o exemplo destacado por Marques (2006) ao analisar a capa da Revista Veja de junho/1998, na qual traz o líder do MST João Pedro Stédile. Utilizando efeitos técnicos, trouxe Na foto de Stédile um tom vermelho e ainda reforçado pela manchete –A esquerda com raivall. Essa capa traz um sentido demoníaco da figura pública e, não diferente em 2016, a mesma revista trouxe em sua capa o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva com sua cabeça cheia de serpentes, numa clara alusão da figura da mitologia grega, Medusa.

Além de estampar, a capa da revista trouxe a seguinte manchete: –O desespero da Jararacal. Tudo isso para entoar o sentido demoníaco e também reforçar que todo o bloco político, do qual fazia parte, era perigoso, venenoso e ruim. Assim, entende-se que o discurso da sociedade do espetáculo não é só produzido pelas imagens, mas também pela oralidade, pela escrita e pelo som da voz, como já afirmaram anteriormente Debord e Bourdieu.

2.3. Novas pautas e nova narrativa: a ausência da violência para uma festa democrática

As manifestações continuaram pelas ruas de São Paulo. Novas cidades engrossaram as vias de reivindicações pelo país. No dia 13 de junho, marcando o terceiro dia de protesto na capital paulistana, a Polícia Militar do estado, via Batalhão de Choque, excedeu sua força repressiva e cometeu erros puníveis pela sociedade. O Jornal Nacional continuou a cobertura

jornalística sobre o evento. O primeiro vídeo a retratar a segunda fase das manifestações de junho trata de uma reportagem do jornalista César Galvão sobre as manifestações da quinta-feira, dia 13 de junho.

Nesse dia, o repórter começou a relatar desde a concentração para o ato e passou a destacar a ação da polícia sobre os manifestantes. Segundo o repórter, a Polícia Militar de São Paulo realizou nesse dia 30 prisões que, na maioria delas, os manifestantes não tinham cometido nenhum delito. Nesta informação, consta o destaque do manifestante que estava lutando contra a sua prisão. Nesse momento da reportagem percebe-se que o relato, pela primeira vez, dá atenção a realidade passada pelos manifestantes, além de visualizar a ação excessiva e indevida dos policiais sobre os manifestantes. De certa forma, a ação da PM sobre os manifestantes reflete o abuso de poder do Estado sobre a sociedade, visto que aquele é um braço repressivo do Estado, no qual tem o poder de polícia e de tolher a liberdade dos indivíduos. Já os manifestantes constituem parte da sociedade civil que, no caso das manifestações, utilizam o serviço do transporte público.

CG: Este **rapaz protestava** contra as **prisões** quando foi levado também (**dois policiais** seguram o **rapaz**, que grita; "Eu não estou fazendo nada!" E tenta desvencilhar da **imobilização** dos **agentes** da **PM**. Outras pessoas gritam "Covardia!"). No **grupo preso**, um **repórter da revista Carta Capital**, que estava a trabalho, ele mesmo **registrou a prisão**. (Vídeo da **TV Carta veiculada na reportagem**, mostra o **repórter** sendo abordado pelo **policial**, que o interroga e vasculha sua mochila) "- Qual o objetivo do vinagre? - Porquê da última vez eu tive problemas com **gás lacrimogêneo**, sendo que eu tava fazendo **meu trabalho**. - Pode ficar ali com a mão pra trás. - Como é que é, eu tô sendo **preso** é isso? - Pega, fica ali com a mão pra trás." Os **manifestantes** partiram da frente do **Teatro Municipal de São Paulo** numa caminhada **pacífica**, quando chegaram na **rua** da Consolação, passaram por uma barreira de **policiais** (Vídeo com áudio dos manifestantes gritando: "Sem **violência!**"). (**sexta-feira, 14/06/2013**)

Em continuidade da reportagem, César Galvão destaca prisão do jornalista da Carta Capital, revelando uma solidariedade com o jornalista preso em virtude da profissão em comum. A reportagem passa a revelar o excesso da polícia durante a manifestação. Por decisão dos manifestantes, a manifestação do dia 13 toma outro trajeto. Ao chegar no outro trajeto, os manifestantes são recebidos com bombas e balas de borracha. O repórter, nesse instante, destaca que essa ação dos policiais iniciou sem os mesmos terem sido agredidos pelos manifestantes, dando ênfase a postura violenta da polícia. A reportagem continua

mostrando a tentativa de acordo dos manifestantes com os policiais. Porém, o relato do jornalista foi dando espaço a reposta dos manifestantes sobre as ações violentas da PM. Dessa forma, a reportagem coloca que a ação de revanche dos manifestantes contra a Polícia Militar é traduzida pela ação anterior da PM para com as pessoas.

CG: O **movimento** queria esticar o trajeto e começou uma negociação com a **polícia**, registrada pelo **Jornal O Estado de São Paulo**, (vídeo com áudio dos manifestantes: "- Vamos ficar aqui, vamos ficar aqui. - Pra mim, sem problemas, se continuar desse jeito."). Um **policia**l prevê confusão. Major Lídio: "É só questão de cumprir acordo, agora se não é *pra* cumprir acordo, não reclame do resultado.". Quando o **grupo** chegou, há uma segunda barreira formada pela **tropa de choque**. Os **policiais** começaram a **disparar** sem que tivessem sido agredidos pelos **manifestantes**, como conta o **repórter** Jean Raupp: "Nós estamos na rua da Consolação, houve o primeiro **confronto**. A gente não consegue entender direito o que aconteceu, existia um acordo com a polícia de não subir a rua da Consolação em direção a **Av. Paulista**, mas isso não foi cumprido - som de **tiros e bombas** disparadas pelos **policiais**. (sexta-feira, 14/06/2013)

Assim, a reportagem continua falando do confronto entre os policiais e os manifestantes, destacando que dentro deste confronto pessoas alheias à manifestação estavam sendo feridas - com destaque para estudantes e jornalistas (Folha de S. Paulo, Portal G1) -, por bombas e balas de borracha, dando a entender que sejam de propriedades dos policiais. Para endossar a narrativa da violência policial, a reportagem mostra um vídeo – do alto de um prédio, feito por celular – no qual PMs quebram o vidro do próprio carro da polícia ⁸. Contudo, a reportagem também traz o relato de manifestantes caracterizados com rostos cobertos depreendendo um ônibus. Nessa lógica, a reportagem formaliza a narrativa da violência nas manifestações de junho de 2013, em São Paulo.

⁸É denominado *cyberativismo*, pois trata-se de uma nova prática de ativismo estabelecida a partir da inserção de novas tecnologias - internet - na vida social. Como uma plataforma maior a internet, passou a abrigar múltiplos espaços que ampliam e construí novas formas de interação social. Dessa forma, o ativismo construído no *cyberespaço*, diferente das formas tradicionais, encontrou um novo meio de informar, denunciar, realizar, mobilizar os indivíduos. Diversamente dessa característica de ativismo, o *cyberespaço* da internet passou a abrigar também os grandes grupos da mídia hegemônica, os quais fizeram da internet mais um membro para disseminação da produção de notícia.

CG: Essa médica foi pedir socorro no posto de combustíveis: –tava aqui nesse carro, (**Repórter**) 'você largou seu carro lá?' Larguei, um monte de gente em cima." (Som e imagens de **bombas**). No tumulto, **peessoas feridas**, uma **jornalista da Folha de S. Paulo** levou um **tiro de bala de borracha** no olho, outra **bala de borracha** acertou esse **estudante** nas costas: "Não sou eu que estou transtornado, - 'Eles que **atiraram** primeiro?!' - É lógico, você acha que eu vou partir pra cima de alguém com a **arma** na mão?!"(Felipe Martins - **Estudante**). Um **repórter do G1, portal de notícias da Globo**, foi atingido enquanto registrava a confusão: "Ai ai, ai, ai ai... (**bombas em direção ao repórter**)".

(...)

À medida em que os **policiais do choque** avançavam, os **manifestantes** ativavam **fogo em lixos** para deter o avanço da **tropa** (Som de sirene da **polícia**). Dispersos, os **manifestantes** se dividiram em várias **ruas**. A **polícia** também circulou e continuou atirando (Som e imagens de **tiros**). Estas **imagens** mostram um **policial quebrando o vidro de um carro da própria polícia**. (**Imagens** capturadas por um **celular**, do alto de um prédio, **policial** quebrando o vidro da viatura **policial**). Segundo a **PM**, o vidro já estava quebrado e o **policial** só estava **retirando os estilhaços**, mas **manifestantes** dizem que ele fez isso para colocar a **culpa em quem protestava**. (**sexta-feira, 14/06/2013**)

A reportagem finaliza destacando o excesso da Polícia Militar paulista sobre os manifestantes ao relatar a ação de atirar bala de borracha, lançar bombas de gás lacrimogênio, como 200 pessoas detidas e dentre as quais foram presas. Isso tudo sem destacar a causa da manifestação, a redução do aumento da tarifa do transporte público – ônibus, metrô e trem – paulistano.

O segundo vídeo, desse período, trouxe uma entrada ao vivo do repórter César Galvão que cobre ao vivo a manifestação do dia 17, segunda-feira. Nesse relato ao vivo, o jornalista informa que as vias estão bloqueadas nos dois sentidos da Av. Paulista, dando a entender que este bloqueio acontece por intervenção da Polícia Militar. Esta é a primeira vez que polícia paulistana realiza o bloqueio, ou seja, desde o primeiro dia de manifestação a polícia não demonstrava apoio ou auxílio no trânsito para a manifestação, o que revela uma mudança no comportamento do braço do estado de São Paulo.

CG: A **Avenida Paulista** tem muitos **manifestantes** ainda, o trânsito foi fechado para que eles sigam ali, de forma **pacífica**. Aqui na **zona sul** da cidade os **manifestantes** bloqueiam a **Av. Luís Carlos Berrini, Ponte Estaiada** e agora também a **Marginal Pinheiros**, no sentido oeste da cidade que continua bloqueada. Agora há pouco nós presenciamos uma cena de perigo por causa da ocupação da **Marginal Pinheiros**. Carros passaram a

fazer o retorno e voltaram na contramão e passaram a *se* distanciar desses manifestantes. (**segunda-feira, 17/06/2013**)

Na mesma cobertura ao vivo o terceiro vídeo, também se refere à manifestação do dia 17. Uma reportagem de Carla Módena acompanha o início da manifestação no Largo da Batata e começa a relatar o medo dos comerciantes com o confronto entre os Policiais e os manifestantes, ou seja, a jornalista segue a mesma linha de sentido construído nas reportagens e coberturas ao vivo anteriores. A reportagem também mostra a rendição da PM em colaborar com pacificação das manifestações. Além disso, o relato jornalístico destaca a negação dos manifestantes com ideologia política à esquerda, ao rechaçar bandeira do partido político PSTU. Por fim, a reportagem televisiva começa a construir um sentido de amplidão, ou de aumento no número de manifestantes, quando relata que não se consegue mais ver nem o início, nem o fim da manifestação.

CM: Com medo de novos **confrontos** entre **manifestantes e policiais**, parte do comércio fechou as portas; —Precaução, né?! A gente fecha as portas da gente. A gente não sabe o que vai acontecer né?! A **estação Faria Lima do metrô** foi cercada por placas de metal para evitar **depredações**, mas o clima era outro. **Policiais** chegaram desarmados para acompanhar a **manifestação** e deram sinais que buscariam o **diálogo**. —A gente pode dizer para vocês hoje, que graças a Deus vai ser tudo na paz. ‖ (Major Paulo Wilhelm – **Polícia Militar/SP**).

(...)

O **grupo protestou** contra as **bandeiras do PSTU...** “**Sem partido, sem partido...**”. A caminhada se dividiu em duas. Uma tomou as seis pistas da Marginal Pinheiros. (**segunda-feira, 17/06/2013**)

No mesmo vídeo contém a entrada ao vivo do repórter César Galvão, que continua a cobertura da manifestação dando destaque a quantidade manifestantes que toma conta das principais vias da capital. Aqui, ele se refere aos manifestantes como grupos e blocos, dando um sentido de número expressivo de pessoas.

Diferente das abordagens dos vídeos anteriores, no quarto vídeo contém uma opinião editorial do telejornal. Direto da bancada, a âncora Patrícia Poeta afirma o compromisso do jornal na cobertura das manifestações, no sentido de afirmar a imparcialidade com que transmite as informações. Contudo, quando começou a noticiar as manifestações, o Jornal Nacional direcionou o sentido das informações sobre os protestos como violento e

caracterizou, de forma geral, os manifestantes como vândalos, e que a prática da manifestação era conduzida pela violência, esta física aos policiais, patrimonial ao patrimônio público e privado. Por fim, a jornalista destaca o direito à liberdade de protesto como pertencente aos cidadãos.

PP: A **TV Globo** vem fazendo **reportagens** sobre as **manifestações** desde seu início e sem nada a esconder. Os excessos da **polícia**, as reivindicações do **Movimento Passe Livre**, o caráter **pacífico** dos protestos e quando houve **depredações** e **destruições** de **ônibus**. É nossa obrigação e dela não nos afastaremos. O direito de **protestar** e se **manifestar pacificamente** é um **direito dos cidadãos**. (segunda-feira, 17/06/2013)

Retomando a cobertura ao vivo, no quinto vídeo o repórter César Galvão se refere a manifestação anunciando a quantidade dos manifestantes segundo o Instituto de pesquisa do Datafolha. Ao considerar a pesquisa sobre a quantidade de manifestante presente nas ruas de São Paulo no dia 17, desconsiderará os números da PM sobre a mesma quantidade. Por fim, noticia que a Polícia Militar começa a se distanciar de uma posição abusiva, como vinha acontecendo nos dias anteriores e passa a ocupar uma posição vigilante.

CG: A gente vê que eles *se* movimentam nos dois sentidos. São **65 mil manifestantes**, segundo o **Instituto Datafolha**. Eles saíram da zona oeste da cidade do **Largo do Batata**, percorreram alguns quilômetros, vieram para **zona sul**. Até este momento o **protesto é pacífico**. A **Polícia Militar** acompanha à distância apenas o deslocamento dos **manifestantes**. (segunda-feira, 17/06/2013)

Ainda nesse mesmo vídeo, contém uma reportagem da jornalista Graziela Azevedo, a qual acompanha uma reunião no sindicato dos jornalistas com autoridades de São Paulo com representantes do Movimento Passe Livre. No início da reportagem, pela segunda vez, é dado a voz do MPL sobre as manifestações como um conjunto de pessoas envolvidas na organização dos protestos e no momento esclarece pela voz de um dos representantes do MPL a pauta defendida pelo movimento: a redução da tarifa do transporte público. Em outro momento, mostra a articulação do MPL com a Polícia Militar para definir o trajeto da próxima manifestação (dia 18), além disso um salvo conduto da PM para se manifestar. Por

fim, mostra a mudança do comportamento das autoridades políticas sobre a manifestação e sobre manifestantes. Desde o início da cobertura, o programa jornalístico não tinha dado tanta ênfase ao MPL e a bandeira da revogação do aumento da tarifa do transporte público, como aconteceu nesta matéria e dia de programa.

GA: Era o que a **secretaria de segurança** queria, mas desde cedo os **representantes do movimento contra o aumento da tarifa dos transportes públicos** avisavam: — (inaudível) não está nem definido ainda, só pode ser definido de fato na hora com avaliação do número de pessoas, da **polícia**, uma negociação com todos os **grupos** que estiveram na **manifestação**. ‖ (Caio Martins, integrante do **movimento**). Na entrevista coletiva, no **sindicato dos jornalistas**, eles esclareceram também qual é a bandeira do **movimento**: —O objetivo das **manifestações** dessa luta desde que começou é um só, a **revogação do aumento da tarifa**, independentemente da amplitude que os atos tomaram, por diversas razões e esse é um ponto que precisa ser esclarecido e fundamental. ‖ (Érica de Oliveira, integrante do **movimento**).

(...)

—A gente vai acompanhar o **comando da polícia** ao longo do trajeto e vai informar o trajeto para **a gente manter a ordem e impedir que haja repressão policial**. ” (Mateus Preis, integrante do movimento). —A nossa **manifestação** será como sempre foi: **pacífica**. E a gente espera que a **Polícia Militar** cumpra o seu acordo de não **agredir**, de não gerar cenas de **brutalidade** como a gente assistiu na quinta-feira. ‖ (Mayara Vivian, integrante do **movimento**). Representantes da **Polícia Militar** e do **movimento** trocaram telefones e combinaram de conversar também pessoalmente durante os **protestos**. **Ações violentas e criminosas** serão reprimidas, mas não haverá local proibido, nem mesmo a **Av. Paulista**.

—Eles vão poder ir, se eles quiserem, vão poder ir. O trajeto vai ser definido pelo **movimento**, comunicado a **Polícia Militar**. Essa é a diretriz nossa, para que não haja emprego de **balas de borracha**, nem emprego no momento do **pelotão de Choque**. Agora, o **comando operacional** é do **comandante**, e, mas, foi acertado com ele que as ações de pessoas ou de grupos, ações **violentas, criminosas**, serão objetos de uma ação pontual da **polícia**, e não de dispersão da **manifestação**. ‖ (Fernando Grella, **secretário de segurança pública de São Paulo**). (segunda-feira, 17/06/2013)

Diferente das coberturas ao vivo, o sexto vídeo contém uma reportagem produzida sobre a manifestação do dia anterior. A reportagem do jornalista Fábio Turci inicia o relato informando um apoio popular sobre as manifestações. —A gente se encheu daquilo que o governo impõe para gente, as taxas, os juros, os altos impostos, a corrupção, vinte centavos, vamos lutar contra isso. ‖ (Jornal Nacional, 2013). Além disso, a reportagem demonstra uma união entre a Polícia Militar e os manifestantes. Uma junção acontece após uma articulação

entre representantes das duas instituições envolvidas. A reportagem destaca a posição de consentimento dos manifestantes em relação aos policiais.

A matéria evidencia o reconhecimento de parte da sociedade perante a causa da revogação do aumento da tarifa, bem como a condição precária sobre o transporte público paulistano. A cobertura finaliza com reforço ao apoio e aprovação da sociedade ao protesto, bem como o auxílio da Polícia Militar paulistana na manifestação - no sentido de promover os bloqueios das vias para que acontecessem os protestos -, além de informar a quantidade maciça de manifestantes, dentre os quais uma parte deles contra a bandeira do PSTU. Por fim, a reportagem traz o argumento de um cientista político sobre a adesão de pessoas aos protestos que já vinham acontecendo desde o início, dia 06 de junho.

FT: A **caminhada** seguiu pela **Av. Faria Lima** onde muitas empresas têm escritórios. -Acho bem viável. A **gente** tem que **lutar** pelos nossos **direitos**. **Policiais** e **representantes** do **movimento** andaram juntos e foram definindo a rota da **manifestação**, como tinha sido combinado. Quando os **policiais** sentaram no chão para conversar com os **manifestantes** ganharam deles um reconhecimento (som de aplausos). —Sofre para pegar **ônibus**, sofre para pegar **metrô**, sofre com o **trânsito**. Então está na hora da gente dar um basta nisso, pelo menos dizer aquilo que está engasgado há muito tempo. || (Leandro Reis, web designer).

Ruas da **região sul** da cidade pararam: -Já tem mais de meia hora que eu tô aqui parado, deu tempo de comprar café. Mas mesmo entre os **motoristas** presos no **trânsito**, não faltou apoio: —Complicado, mas sinceramente, velho, eu morro de **orgulho** dessa **molecada**, muito legal esse **movimento**, muito legal o que eles estão fazendo. || (Paulo Pereira, engenheiro); —Enquanto tá assim **pacífico**, eu acho que tá tudo bem, acho que um **direito**, **não** havendo **quebra-quebra**, não havendo **vandalismo**, eu acho uma... uma **manifestação válida**” (Celso Queiroz, engenheiro civil).

(...)

Manifestantes que defendem o **movimento apartidário** pediram que um grupo baixasse as **bandeiras** que eram do **PSTU**: “**Sem Partido!**”.

(...)

Os **movimentos** contemplam grupos dos mais distintos possíveis. **Grupos** que tem uma tonalidade mais à **esquerda**, outros mais à **direita**. Mas o que eles defendem é a **liberdade de expressão** irrestrita, sem repressão **policia**.

|| (Fernando Abrucio, cientista político FGV – SP) (**terça-feira, 18/06/2013**)

O relato do sétimo vídeo trata inicialmente da entrada ao vivo da manifestação do dia 18 de junho. O repórter César Galvão retrata o protesto do dia ao vivo e destaca a presença dos manifestantes e dos policiais sem interferência destes nas manifestações. Contudo, o

repórter coloca que houve um momento de violência de parte dos manifestantes, mas não entre os policiais.

O vídeo continua com a reportagem sobre o início destas manifestações. O jornalista Renato Biazzi destaca manifestantes com "tinta nos rostos", fazendo uma clara alusão aos caras pintadas do movimento que pedia o impeachment do presidente Fernando Collor no início da década de 90. Biazzi relata a adesão paulatina de pessoas à manifestação do dia, bem como destaca um tumulto ocasionado pela presença de bandeiras do Partido Comunista Revolucionário, indicando que a presença do partido é a causa do tumulto perante a maioria dos manifestantes que estavam apartidários na manifestação.

Mais adiante, o repórter coloca um boneco simbolizando o Partido dos Trabalhadores e o Partido Social Democrata Brasileiro sendo queimado pelos manifestantes, indicando uma imparcialidade da reportagem. Por fim, começa a relatar o tumulto causado pelos manifestantes que estão depredando o prédio da prefeitura de São Paulo, destacando que são parte deles. E que outra parte tenta conter a ação daqueles que depredam a prefeitura, indicando que a violência patrimonial não é causada pelo todo de manifestantes, mas por parte deles.

RB: Tinta no rosto, tinta nos cartazes. Uma **multidão colorida** foi tomando conta da **Praça da Sé**, no centro de **São Paulo**, no meio da tarde. **“Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor...”**. Quanto mais o tempo passava, mais gente aparecia na concentração para passeata e parte do **comércio** decidiu **fechar as portas**. —Passa das cinco da tarde, horário marcado para saída dos **manifestantes**. Olha, ainda continua chegando **gente** aqui na **Praça da Sé**. As **pessoas** vão se **aglomerando**, se aproximando da escadaria da Catedral que é onde está o centro do movimento. || Segundo a **Polícia Militar**, dez mil pessoas foram até o local. Naquele momento, o único tumulto registrado foi quando apareceu uma bandeira do **Partido Comunista Revolucionário, o PCR**. **“Fora PCR! Fora PCR!”** O **militante** se recusou a **baixar a bandeira** e ela acabou **arrancada**. Pouco depois o rapaz foi retirado aos **gritos**, sem violência: **–Sem violência! Sem violência!!**

(...)

Um **grupo** foi para um dos **terminais de ônibus** mais movimentados da cidade e outro caminhou até a prefeitura, onde queimou um **boneco** onde simbolizava o **PT e o PSDB**. Depois um grupo de manifestante tentou invadir a prefeitura. A **guarda metropolitana** formou um cordão de isolamento e acabou acuado dentro do prédio. Enquanto alguns **manifestantes** jogavam **rojões** na **prefeitura** e usavam as **grades de ferro** para **destruir o prédio**, outros levantaram o **pano branco** para **pedir paz**. **(terça-feira, 18/06/2013)**

O relato com esse episódio na manifestação continua com a entrada ao vivo do repórter César Galvão. O jornalista coloca que os manifestantes tentam depredar o prédio da Prefeitura e a reação da PM em contar o avanço desses manifestantes. Nesse sentido, o relato indica o uso da força policial no sentido de contar a ação desses manifestantes, diferentemente do que vinha acontecendo no início das manifestações, no qual o uso da polícia era para conter a manifestação. Ainda reforça o serviço da polícia em proteção do patrimônio, neste caso, público.

O oitavo vídeo é um pronunciamento de William Bonner a respeito dos manifestantes que colocaram fogo no carro de transmissão da Rede Record. Essa posição do Jornal Nacional demonstra uma solidariedade para com o jornalismo, apesar de serem concorrentes. Além disso, deixa subliminarmente a insatisfação dos manifestantes para com as reportagens da grande mídia hegemônica que cobriam até então os eventos de junho na cidade São Paulo.

WB: Agora há pouco em **São Paulo**, nesse **protesto** que está acontecendo na cidade e numa atitude lamentável, **um grupo pôs fogo no caminhão de transmissão da Rede Record** de Televisão, prejudicando o trabalho da **imprensa** que, nos últimos dias, não tem feito outra coisa senão levar ao **público** as imagens dos **protestos** e as **reivindicações** dos **manifestantes**. **(terça-feira, 18/06/2013)**

O nono vídeo trata-se de uma reportagem produzida pela jornalista Graziela Azevedo sobre a reunião do Conselho da Cidade com o prefeito Fernando Haddad. O relato jornalístico começa com a aprovação do poder público para com as manifestações e a dificuldade do mesmo de conceder a revogação do aumento da tarifa. Nesse sentido, é possível perceber que a reportagem concede voz a indivíduos da sociedade civil que aprovam as manifestações, bem como de representantes do MPL que não saíram das ruas enquanto não acontecesse a revogação. Assim, tem um reforço para uma adesão social maior nas manifestações.

GA: O **anfitrião** recebeu os **integrantes do movimento** elogiando os **protestos** de ontem. —Penso que **São Paulo** deu uma demonstração ontem de quanto pensa a **democracia**, de quanto valoriza a participação (...)|| (Fernando Haddad), mas em seguida falou da dificuldade de **baratear a passagem. PIS e COFINS** já foram cortados e em **São Paulo** não há incidência de **ISS na tarifa**.
(...)

O apoio foi quase unânime. —Sou a favor, nesse momento, **prefeito**, da **revogação** (...).¶ Foram quase quatro horas de discussão. Ao final, o **prefeito Fernando Haddad** convidou os **representantes do movimento** para uma nova reunião ainda essa semana.

(...)

—Tenho povo na rua pedindo providências e agora ninguém pode descansar enquanto não encontrar! (**Fernando Haddad**). No fim do dia, o **Movimento Passe Livre** divulgou uma nota reafirmando que não sairá das ruas enquanto a **tarifa não baixar**. (**terça-feira, 18/06/2013**)

No mesmo sentido da reportagem anterior, o décimo vídeo trata de uma matéria do dia 19 do jornalista Fábio Turci sobre a revogação do aumento no preço da passagem do transporte público. Demonstra o embate do Movimento Passe Livre contra o poder público, neste caso com o prefeito Fernando Haddad representante do PT na cidade de São Paulo, que tenta argumentar o sacrifício do governo paulista em conceder a revogação. Assim, a fala do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, representante do PSDB no estado, coloca a posição de protecionismo ao setor privado da sociedade e uma preocupação com investimento na área social por parte da prefeitura da capital.

FT: Na parte da manhã, o prefeito **Fernando Haddad** afirmou que estava procurando formas de reduzir as **tarifas dos ônibus**, mas que isso teria um custo. —Qualquer mudança disso, significará prejuízo para outras mudanças do governo! (**Fernando Haddad**). Em nota o **Movimento Passe Livre** classificou de falsa a ideia de **revogar o aumento**. A **prefeitura** teria que **retirar direitos** de outras **áreas sociais**, porque essas verbas são vinculadas e não podem ser transferidas.

(...)

O novo preço entra em vigor na segunda-feira, porque as máquinas que fazem a cobrança precisam ser reprogramadas. —Nós vamos ter que cortar investimentos, porque as **empresas não suportam**, não tem como arcar com essa diferença. Então, o **tesouro paulista**, o **orçamento do estado**, **nós vamos arcar com esses custos, fazendo o ajuste na área de investimento**, apertando, aí, o **cinto** para a gente ter tranquilidade, para poder debater temas legitimamente colocados.¶ (**Geraldo Alckmin**) O **governo do estado** já adiantou que vai usar **recursos de obras** que estão atrasadas e ainda não foram pagas. (**quarta-feira, 19/06/2013**)

Por fim, a reportagem mostra a comemoração da representante do MPL, a qual além de comemorar coloca outras pautas que agora precisam ser levadas às ruas: reforma agrária e urbana, o que indica que o MPL contém bandeiras ideológicas da esquerda brasileira. É importante frisar também, quando a representante toca na reforma urbana, é possível perceber

a influência de pautas vinculadas ao Movimento Trabalhadores Sem Teto, este também vinculado ao PSOL.

FT: **Representante do Movimento Passe Livre** comemoraram a decisão. —O que se pede a partir de agora Mayara? Pelo o que vocês vão às ruas? || **“Tarifa zero, Movimento Passe Livre agora é Passe Livre**, a gente conseguiu pautar essa discussão na sociedade, há seis, sete anos atrás. As pessoas falavam: **–vocês são loucos**|| (...) Agora, meu, é **reforma agrária** que a gente precisa, **reforma urbana** sabe?! Acabar com **latifúndio urbano**, acabar com **latifúndio** nesse país (...)|| (Mayara Vivian). **(quarta-feira, 19/06/2013)**

Em continuidade sobre o dia 19, o décimo primeiro vídeo mostra a cobertura ao vivo do repórter César Galvão sobre as manifestações desse dia que acontece na rodovia. As manifestações passam a acontecer nos limites da grande São Paulo que liga ao litoral. Podemos perceber com a reportagem que o protesto não está articulado com o Movimento Passe Livre de São Paulo, visto que a sua atuação é na capital paulista.

CG: Boa noite Bonner! Boa noite Patrícia! O protesto acontece com pessoas que moram na **região do ABC** paulista, região metropolitana de **São Paulo**. Eles estão desde a manhã de hoje **protestando** na região de **São Bernardo** e por volta das sete horas bloquearam a **via Anchieta** nos dois sentidos. A **via Anchieta** liga a **região metropolitana da capital paulista** à **baixada santista e os dois lados** nesse momento estão fechados. O lado mais prejudicado nesse momento é o sentido **litoral de São Paulo**. São pelo menos três quilômetros. **(quarta-feira, 19/06/2013)**

Todos os vídeos relacionados ao programa do dia 20 sobre as manifestações são todos ao vivo. O décimo segundo vídeo e primeiro deste dia, a jornalista Renata Ribeiro realiza a primeira cobertura ao vivo sobre as manifestações na capital paulista. A repórter inicia o relato afirmando mais de uma vez que a manifestações é pacífica e informando o número atual de manifestantes (5 mil pessoas) e que essa quantidade tende a aumentar visto que a manifestação desse dia não para de receber adesão de várias pessoas. Contudo, a manifestação relatada pela jornalista não é só de comemorações da revogação do preço da passagem do transporte público, mas também pelo fim da corrupção, por investimento em saúde, educação

e transporte público. É importante salientar, que a manifestação por estas e diferentes pautas (que não vinculada ao preço do transporte público), não aconteceu a partir desse dia, mas a partir do dia 14 de junho em Brasília, cuja manifestação se deu pelos gastos da Copa do Mundo de 2014.

RR: Aqui do alto da cobertura de um prédio, que fica praticamente na esquina da **Av. Paulista** com **Rua da Consolação**, nós podemos ver esse **manifesto pacífico** na capital paulista. Um **manifesto** que vai **ganhando corpo**. A primeira estimativa da **Polícia Militar** era de **5 mil pessoas reunidas** ao longo da **avenida**. Não é um **bloco único**. São **blocos separados** neste momento.

(...)

Vai ganhando corpo um **protesto pacífico**, assim como em outras **capitais do país**. As **faixas e cartazes** pedem pelo **fim da corrupção, por investimento em saúde, em transporte público, educação**. (quinta-feira, 20/06/2013)

Na mesma transmissão ao vivo, a jornalista destaca que o grupo de partidários ao PT chegou para se juntar aos manifestantes, estes por sua vez não acolheram os partidários do Partido dos Trabalhadores. Apesar disso, no fim dessa cobertura, a jornalista caracteriza essa manifestação como uma festa, que lembra o início da reportagem de Renato Biazzini sobre o protesto do dia 18.

RR: Só teve um início de **confusão** quando um **grupo com bandeiras do Partido dos Trabalhadores** chegou e se uniu ao grupo maior. **Pessoas** aparentemente **apartidárias** criticavam essas **bandeiras, faixas**, dizendo que essas **bandeiras não eram bem-vindas**. Houve um princípio de **confusão**, discussão entre os **manifestantes**, mas por enquanto **sem violência**. (quinta-feira, 20/06/2013)

O vídeo continua com a cobertura ao vivo com o repórter Roberto Paiva, que relata a manifestação direto da Av. Paulista. O jornalista considera a quantidade de manifestantes e a presença de diversas gerações de manifestantes, entre eles, crianças, jovens e idosos. Essa parte do relato indica a ideia de uma familiaridade para as manifestações, visto que é quase

improvável que crianças vão a uma manifestação sem a presença dos pais ou dos avós ou de um responsável.

RP: Nós acompanhamos a movimentação aqui na **Av. Paulista** e, neste momento, a avenida está tomada pelos **manifestantes**. A gente vê que tem muita **criança**, muita **gente de idade**, mas principalmente muitos **jovens** que estão agora comemorando a **redução da tarifa do transporte público**. Houve um início, **princípio de confusão**, com **partidos políticos** que vieram participar da **manifestação**, mas já foi resolvido e agora segue muito tranquila. (**quinta-feira, 20/06/2013**)

Por fim, o vídeo finaliza com a cobertura realizada pelo jornalista Renato Biazzi, no qual relata manifestantes que chegam a Av. Paulista próximo ao Paraíso. Os recém-chegados manifestantes vieram com a bandeira do Brasil, que é um símbolo de patriotismo, nacionalismo, além de gritos de guerra. Esse momento reforça toda a trajetória da narrativa sobre a manifestação como uma festa, uma festa nacional e patriota.

RB: A gente vê muita gente com **bandeira do Brasil**, muitos **gritos de guerra**, muitas reivindicações já que os **manifestantes** queriam a **redução da passagem**. E agora o **grupo** segue, *se* concentra aqui no **Paraíso, zona sul** da capital, bloqueiam as duas faixas e os carros estão esperando e o povo continua nas **ruas**, não se sabe *pra* onde segue a **manifestação**, Patrícia Poeta. (**quinta-feira, 20/06/2013**)

O décimo terceiro vídeo traz a cobertura da repórter Renata Ribeiro sobre a manifestação na Av. Paulista. À medida em que a jornalista relata a manifestação, caracteriza-a como pacífica, histórica e pintada de verde amarela. Estas últimas, auxiliam a narrativa, como dito anteriormente, com alusão ao impeachment de Collor, assim caracterizando através das cores verde e amarela nos rostos dos manifestantes da época. Além disso, a jornalista chega a narrar que os gritos de guerra e o hino nacional tomaram o lugar das bombas, lembrando a violência das manifestações anteriores. Contudo, quando a repórter faz essa alusão das bombas, indica que esse artefato bélico só foi utilizado pelos manifestantes e esquece que Polícia Militar paulistana também utilizou. Ademais, a comparação feita por Ribeiro só se refere na terça-feira dia 18 de junho e esquece que o dia considerado mais violento foi o dia 13, o dia em que a Polícia foi desmascarada pelo próprio telejornal.

RR: Bonner, a **maior cidade do país** contribui com esse **dia histórico** fazendo um **protesto pacífico** e mais do que isso, uma **festa linda** aqui na **Av. Paulista**. Olha, uma **cena que emociona**, completamente **pintada de verde e amarela**, não só pelas **bandeiras trazidas** pelos **manifestantes**, pelas **faixas**, pelas **camisetas**, mas também pelas **projeções dos prédios** da **Av. Paulista**.

A estimativa é de que **100 mil pessoas** estejam agora concentradas no verdadeiro **passeio**. Então, no lugar das **bombas** que ouvimos na terça-feira, em frente à **prefeitura**, numa cena lamentável, nós ouvimos o som dos **fogos de artifício**, também as pessoas cantando o **hino nacional** e claro que elas têm ainda uma motivação para o protesto. (**quinta-feira, 20/06/2013**)

A narração da jornalista remonta um festejo popular no Brasil, a Copa do Mundo. O evento esportivo tem seu papel na construção de sentidos na sociedade brasileira. A Copa do Mundo foi utilizada como instrumento de alienação social no período da ditadura militar no Brasil. Nesse sentido, a seleção brasileira coincidentemente se tornou tricampeã do mundial na década 1970 e o governo militar aproveitou para propagar singles de valorização patriótica, como: -Pra frente Brasil", "A taça do mundo é nossa", "Eu te amo meu Brasil". A festa, como se refere a jornalista, acontece devido à revogação do aumento no preço do transporte público, que no começo era pauta de uma parcela da sociedade paulistana e não de um todo. Contudo, a comemoração pela conquista tornou a pauta de todos e como se todos lutassem por elas.

Nesse argumento, a cobertura ao vivo da jornalista reforça a informação de que novas pautas surgiram a partir das manifestações, como o fim da corrupção, deixando a reivindicação da tarifa zero do MPL como assessorio, ou como menor importância frente às novas pautas, como um maior investimento em saúde e educação e o fim da corrupção. Novamente, a cobertura ao vivo relata a hostilidade dos próprios manifestantes em relação a outros participantes que portavam bandeiras partidárias. Acontece que a jornalista não se refere que partido seria, "... , mas isso realmente some em meio ao espírito geral de uma manifestação pacífica, uma verdadeira festa." No Globocop, César Galvão acompanha os manifestantes que estão na Rua da Consolação. O repórter acompanha a manifestação destacando a pacificidade e a Polícia Militar que passa a escoltar os manifestantes.

RR: O **Movimento Passe Livre** pede o **passe zero**, a **taxa zero**, mas também muita gente pede pelo **fim da corrupção**, **investimento em educação**, em **saúde**, em **transporte público**. E, agora, essa **massa de gente**

começa a se movimentar em direção ao centro da cidade, descendo a **Av. Da Consolação, fazendo uma festa**, um barulho muito grande. Nós temos cenas muito bonitas, poucos **momentos de violência**, só uma **hostilidade** por causa de alguns **manifestantes** que traziam **bandeiras de partidos políticos**, mas isso realmente some em meio ao **espírito geral de uma manifestação pacífica, uma verdadeira festa**.

(...)

CG: Avenida também foi fechada pela **Polícia Militar**; um carro ou outro passa por ali, cruza rapidamente a região que estão os **manifestantes, mas a situação agora é bastante tranquila**. Neste ponto agora, a gente percebe que os **manifestantes** agem de forma muito **pacífica** nesse momento, chegando ao **centro da cidade**. Um pouco acima deles, na **rua da Consolação**, há **policiais** que estão acompanhando a **manifestação** desde o começo dela, desde as quatro da tarde na **Av. Paulista**. Os **policiais** acompanham o deslocamento dos **blocos**, a gente vê aí um **grupo de policiais** de moto que segue os **últimos manifestantes**. Eles não intervêm na **manifestação**, apenas acompanha de perto para garantir a passagem das pessoas que estão chegando em casa, chegando ao trabalho e também passando de carro, apesar que muitas ruas foram fechadas preventivamente para que os manifestantes pudessem passar. **(quinta-feira, 20/06/2013)**

O décimo quarto vídeo, para finalizar a cobertura ao vivo de Renata Ribeiro, continua a enaltecer a comemoração da revogação do aumento do preço da passagem do transporte público, destaca os fogos de artifícios e as paradas estratégicas no Parque Ibirapuera e no prédio da FIESP. Por fim, o relato de César Galvão que as manifestações acontecem nos limites territoriais da capital, nas rodovias Castelo Branco, Imigrantes e Anchieta. O relato não é de comemoração como acontece no mesmo dia e momento na Av. Paulista, mas de bloqueio nas estradas e isto não se deve à Polícia Militar, mas aos manifestantes.

CG: Um deles, inclusive, já começou a se movimentar. Saiu daqui, passou pela **Av. 23 de maio**, que liga a região central à zona sul da capital, saiu ali pela área do **Parque do Ibirapuera** e deve seguir para o prédio da **Assembleia Legislativa**. Também um bloco que está aqui na **Av. Paulista** ainda, em frente ao prédio da **Federação das Indústrias**, discute a possibilidade de seguir para o prédio da **Assembleia Legislativa**. Mas por aqui o **protesto é em clima de festa**.

(...)

Essa **rodovia**, ela liga a **capital paulista** a uma boa parte do **interior do estado** e também serve de acesso de **São Paulo** para o norte do Paraná. Nós vemos aí as pistas completamente bloqueadas, há **manifestantes** em todas elas. Em certo momento a gente percebe que os motoristas tentam avançar, mas não conseguem, um ou outro motoqueiro passa pelo protesto. O **protesto** começou aqui por volta das quatro e meia da tarde e vem bloqueando desde então esta **rodovia**. Nós vamos ver agora uma imagem gravada há minutos atrás do pedágio para dar dimensão do problema que este **protesto** causa neste momento na **rodovia**. **(quinta-feira, 20/06/2013)**

Após os protestos do dia 13 de junho, uma virada na narrativa jornalística sobre as manifestações toma conta da mídia hegemônica brasileira. Um novo sentido da narrativa telejornalística começa a ser criado e o que era violento passa a ser democrático, trazendo cidades que paulatinamente aderem às manifestações. Além disso, novas pautas são vistas nas novas ruas. Protestantes desde a revogação e redução da tarifa do transporte público, PEC37, Cura Gay, valor gasto com os eventos esportivos (Copa das Confederações em 2013 e Copa do Mundo em 2014), o excesso do uso da força policial, dentre outras questões. Melo & Vaz (2018) irá perceber que após o último protesto da primeira fase das manifestações, 13 de junho, a mídia hegemônica começou a relatar o excesso da violência policial sofrida dos manifestantes, o que caracterizaria como a segunda fase das manifestações. Logo, os próprios autores em função da própria análise da mídia irão se diferenciar do estudo proposto por Singer (2013), no qual percebeu que a segunda fase corresponderia aos protestos do dia 17 ao dia 20 de junho, pois foi percebida uma multidão reivindicando uma multiplicidade de questões sociais.

Contudo, o que foi observado por Melo & Vaz (2018) em sua análise da mídia foi que, após o dia 13, nos dias 14 e 16 não houve protestos nas ruas de São Paulo. Apesar disso, aconteceu uma articulação entre os indivíduos nas redes sociais condenando a truculência policial sobre os manifestantes que estavam presentes no dia 13 de junho. E ao mesmo tempo, a percepção da grande mídia em mudar de discurso ao observar a violência produzida pela Polícia Militar paulistana, e, nesse momento da narrativa, alguns grupos de manifestantes. E por fim, ao atentar que a própria mídia hegemônica estava sendo hostilizada pelos manifestantes fizeram com que a transformação do discurso sobre as manifestações fosse algo urgente.

Assim começa a enquadrar os manifestantes como vítimas da ação policial, deixando de lado a qualificação de baderneiros. Contudo, a necessidade da transformação do discurso não acontece pela via apenas de revelar a violência policial, mas também de construir uma nova narrativa sobre as manifestações e, por isso, a importância destacada por Melo & Vaz (2018) em perceber que os dias 14 e 16 de junho foram fundamentais para a construção da narrativa da corrupção do governo federal, que desemboca nas manifestações do dia 18 a 20 de junho.

A partir daí, Melo & Vaz (2018) começa a reflexão do surgimento de uma insinuação, por parte da mídia, de que a corrupção configuraria uma das insatisfações dos manifestantes.

Até então, a corrupção não era questão das manifestações, não estava presente nas reivindicações do próprio MPL, ao contrário. As primeiras manifestações eram estritamente por causa do aumento da tarifa do transporte público na cidade de São Paulo. Os autores irão destacar que a criação do discurso da corrupção pela mídia, acontece por fora das matérias relacionadas as manifestações. E segundo a pesquisa de mestrado, Antonino (2017) informa que estas notícias na época se tornam mais fortes e constantes na narrativa jornalística de forma geral, "as notícias de 'corrupção destrambelhada', algo exibido rotineiramente pela grande mídia, em especial, no julgamento do mensalão, contribuiu para mover sentimentos e pessoas às ruas." (ANTONINO p. 109, 2017).

Dessa forma, percebeu também que durante os dias 17 a 20 de junho, os protestos nacionalizaram-se, havendo um aumento significativo no número de manifestantes e uma multiplicidade de reivindicações. Esses novos dias de protestos são denominados por Singer (2013) como a segunda fase dos protestos e para Melo & Vaz (2018) como o terceiro período da cobertura das manifestações, visto que após a desconstrução do primeiro discurso da violência e a construção da nova narrativa da corrupção, a mídia precisou identificar dentro da cobertura desses protestos quem eram os vilões e as vítimas nas novas manifestações.

Tanto Singer (2013) quanto Melo & Vaz (2018), este último com maior ênfase, perceberam que os manifestantes iniciais, como as pessoas ligadas ao MPL, já não eram vistos como vilões e agentes da violência, ao contrário, passaram para o lugar de vítimas. Contudo, a própria mídia ao realizar essa troca de identificação, percebeu que outro grupo dentro da multidão de manifestantes que praticavam a depredação de prédios públicos e privados, que seria o caso dos *Black Blocs* e, que para este caso, a força policial seria necessária, dividindo os participantes em dois grupos, os manifestantes pacíficos e os vândalos. Além disso, foram características desses dias de manifestações, a relação das reivindicações de melhoria em políticas públicas dentro de uma reivindicação maior que seria a corrupção vinculando esta prática ao Partido dos Trabalhadores e à chefe do executivo nacional, Dilma Rousseff, os quais passam a figura, pela mídia, como vilões, juntamente com a figura do Estado. É nesse período também que o próprio MPL perde a sua força e afirma que não irá mais organizar os protestos, trazendo consigo uma divisão de manifestações por pautas únicas e pontuais.

Além disso, é importante destacar que nesse período percebe-se não só uma desconstrução e construção de narrativas, mas através delas o processo de espetacularização da sociedade foi vivenciado mais fortemente, visto um número maior de manifestantes na rua, novas cidades aderindo às manifestações, sejam por causa própria ou por causas mais gerais.

Todo esse processo, vivenciado nesta fase, reforça a espetacularização social, no sentido de perceber a influência da mídia de mostrar uma realidade falseada que desemboca na constituição de sentidos nos próprios indivíduos. Assim, tende a determinar ações destes em relação aos seus pares e suas ações sobre um todo coletivo.

Desse modo, é importante recapitular um dos argumentos trazidos por Debord para o entendimento da sociedade do espetáculo, que para este o espetáculo realizado pela mídia sobre acontecimentos históricos influem na passividade e aceitação social sobre o que acontece -(...) A exterioridade do espetáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhes apresenta. (DEBORD, 2003, p. 24).

Nesse processo de identificação por parte do Jornal Nacional dos atores presentes e envolvidos nas organizações das manifestações, passam a estar presentes nas próximas reportagens analisadas. Assim, é construído o próximo e último capítulo dessa dissertação, após a saída do MPL da organização das manifestações, os protestos que se seguem são pontuais e de causas únicas. Contudo, o Jornal Nacional produz uma reportagem sobre a manifestação do dia 20 de junho, e exibida um dia depois, que trata com destaque a presença de partidos políticos alinhado com uma ideologia mais esquerda, e nesse caso ao Partido dos Trabalhadores. Curiosamente é o partido que na época esteve no poder executivo nacional, e no caso de São Paulo, comandou o executivo municipal.

Aliado a esta perspectiva, o próximo capítulo considerou importante destacar as pesquisas nas Ciências Sociais, envolvendo o estudo de alguns atores sociais que durante esse percurso foram importantes para a análise. Em primeiro momento a importância se destaca o MPL caracterizado como organizador dos protestos em São Paulo, e como também como uma nova forma de movimento social. Nesse momento também se destaca a figura dos *black blocs*, como maior atuação no Rio de Janeiro, mas também foram vistos nos protestos paulistanos. Esses dois atores estão unidos nos aspectos, que desde então se destaca nas transmissões do Jornal Nacional, a violência. Encontram-se no interior desses dois atores, uma participação uma nova juventude inserida por políticas públicas, a serviços públicos que antes não tinha acesso. E nesse sentido, essa juventude passa considerar como importante a ampliação e melhoramento de serviços públicos, como transporte público, segurança pública, saúde e educação.

3. TERCEIRA FASE: o início do fim *deste* espetáculo e o começo do outro

3.1. O MPL e a violência: o *black bloc* e a polícia

Até o momento, por essa reconstituição diária das manifestações, faz-se necessário destacar a importância do Movimento Passe Livre como ator social e um dos protagonistas nas manifestações. O movimento foi constituído como tal em janeiro de 2005, em uma plenária nacional na cidade de Porto Alegre, enquanto acontecia na mesma cidade o Fórum Social Mundial. Apesar de sua constituição tardia em relação a sua atuação enquanto movimento, o MPL atuou em manifestações anteriores em defesa do transporte público, como a Revolta do Buzu, Salvador em 2003 e as Revoltas da Catraca em Florianópolis, nos anos de 2004 e 2005. A pauta central e específica do movimento social visa a necessidade de um processo de democratização do espaço urbano pela via da gratuidade no transporte público e mobilidade urbana. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013).

Outra característica do movimento seria ser desprovido de liderança por entender-se como movimento horizontal, tendo todos os seus documentos assinados como -Movimento Passe Livre. Para o MPL esta característica estaria pautada para que não acontecessem disputas entre partidos políticos, organizações e entidades. Nessa perspectiva, o MPL entende-se também como um movimento apartidário, pensando que pessoas enquanto indivíduos podem pertencer a organizações e/ou partidos políticos, porém estas organizações e/ou partidos não podem interferir nos caminhos do movimento (MPL, 2013). Para o Passe Livre esse princípio não percebe um anti-partidarismo, pensando na impossibilidade da participação de pessoas vinculadas à partido político. Contudo, entendimentos são carregados na formação ideológica enquanto movimento:

O MPL deve ter como perspectiva a mobilização dos jovens e trabalhadores pela expropriação do transporte coletivo, retirando-o da iniciativa privada, sem indenização, colocando-o sob o controle dos trabalhadores e da população. Assim, deve-se construir o MPL com reivindicações que ultrapassem os limites do capitalismo, vindo a se somar a movimentos revolucionários que contestam a ordem vigente. Portanto, deve-se participar de espaços que possibilitem a articulação com outros movimentos, sempre analisando o que é possível fazer de acordo com a conjuntura local. (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013)

Observa-se nas palavras do movimento, a influência de uma perspectiva ideológica de esquerda, pensando a ideia de expropriação de bens que, neste caso, seria o transporte coletivo para o controle dos trabalhadores. Assim pensou também sobre o MPL professor Marco Antonio Perruso (2014). Apesar da ideologia revolucionária, o autor do MPL não se deve comparar com os modelos de movimentos sociais advindos dos anos 80 e 90 no Brasil, pois possuem características diferentes, por exemplo, a utilização de carros de som e de palanques foi substituído pelo jogral⁹, pelas redes sociais. Além disso, Perruso (2014) soma-se ao entendimento da também professora Maria da Glória Gohn (2016) para entender que o Movimento Passe Livre estaria distante das práticas dos movimentos sociais das últimas décadas do século XX, no sentido de perceber que a luta do próprio movimento estaria ligada a problemas estruturais do cotidiano, como o transporte público. Por estas características já apresentadas, na visão da autora, o Passe Livre passa a constituir como parte dos novíssimos movimentos sociais¹⁰.

Nessa perspectiva, pensa Perruso (2014), que as manifestações de junho representaram também, primeiramente na figura do MPL e em seguida nas constituições de coletivos enquanto acontecia às manifestações, uma prática representativa próxima aos representados. O fato colocado pelo autor, toca no caráter da horizontalidade e liderança, pelos quais são princípios para o próprio MPL que devem ser respeitados, nos quais todas as pessoas que constituem o próprio movimento, devem ser auto reconhecidas como representantes e líderes sem diferenciação, possuindo os mesmos direitos e deveres dentro do próprio movimento (MPL, 2013). Por outra via aponta Perruso (2014), que o MPL é herdeiro de movimentos autônomos que chegaram ao Brasil na década de 80, relacionando assim, movimentos autônomos como práticas anárquicas relembrando atuações do século XIX.

O argumento trazido pelo autor refere-se às práticas violentas de parte dos manifestantes ao utilizar-se da queima de ônibus, de prédios públicos e estabelecimentos privados como forma de manifestação que, nas palavras do sociólogo, tais práticas estavam entrelaçadas com manifestantes ligados ao MPL e as manifestações (PERRUSO, 2014). De certa forma, as palavras de Perruso tem razão. A violência patrimonial esteve presente fortemente na primeira e segunda fase das manifestações, porém não poderíamos dizer que

⁹Método de comunicação pelo qual uma pessoa fala para um grupo de pessoas e esse grupo repete em voz alta para mais pessoas e assim sucessivamente.

¹⁰Apesar de não ser objeto de estudo desta dissertação, é importante trazer resumidamente que Gohn (2016) entende por novíssimos movimentos sociais, visto que é uma categoria criada pela autora. São tratados por novíssimos, os movimentos sociais vistos a partir da década de 2000 no mundo e 2004 no Brasil. Uma das características destes movimentos a utilização das redes sociais, como forma de comunicação, interação e convocação para as mobilizações. Além disso, segundo a autora, pela horizontalidade do próprio movimento, mas também por constituírem um movimento sem a presença da figura central de uma liderança.

estas práticas são dos manifestantes ligados ao Movimento Passe Livre. A pesquisa recente, desenvolvida por Moraes & Vieira (2017), mostra que os atos de violência patrimonial e de enfrentamento com a polícia partiu de uma tática anarquista denominada *Black Bloc*. Segundo Bruno Fiuza (2013), a tática originou-se nos anos 70 e 80, na época Alemanha Ocidental, contra a construção de usinas nucleares no interior do país. O bloco negro remonta uma ideologia influenciada pelo marxismo revolucionário, porém longe de estar dentro da burocracia dos partidos de esquerda da época e dos sindicatos (PRADO, 2015; FIUZA, 2013).

No Brasil, a ideologia anarquista encontrou na juventude nas décadas de 80 e 90 no Brasil, o que possibilitou sua disseminação nos espaços culturais como a música e literatura, além das universidades e da internet, cujo maior ápice do movimento anarquista foi em de junho de 2013 (MORAES & VIEIRA, 2018; FIUZA, 2013). Contudo, a primeira experiência da tática *Black Bloc* aconteceu no prédio da Bovespa em setembro de 2000. Deu-se contra a reunião do FMI que aconteceu no mesmo ano em Praga (FIUZA, 2013). Nas primeiras manifestações de junho as bandeiras pretas ou pretas e vermelhas, jovens utilizando bandanas predominantemente pretas, lenços, escudos com o desenho da letra -A|| sobre a letra -O||, foram vistas nas ruas de São Paulo (MORAES & VIEIRA, 2018).

Outras características do anarquismo nas ruas de junho, foram vistas pela ação direta de parte dos manifestantes, no qual consiste na performance – atos de violência direta são denominados por eles mesmo como tal – dos *Black Blocs*. Além disso, a tática *Black Bloc* está ligada à desobediência civil no ataque a símbolos ligado ao sistema capitalista, lojas, shoppings, bancos, entre outros, pelo qual tentam demonstrar a insatisfação com a violência praticada pelo Estado a setores marginalizados da sociedade (MORAES & VIEIRA, 2017). Segundo os autores

Os *Blacks Blocs* não são um movimento ideológico, mas uma organização estratégica descentralizada e não hierárquica que alguns ativistas optam por adotar, especialmente os anarquistas. A tática *Black Blocs*, em suma, estabelece a criação de uma linha de frente nos movimentos de massas com pessoas vestidas de forma padronizadas (sempre preto e com rosto coberto). O bloco é responsável pela defesa dos demais manifestantes contra a violência direta e coercitiva do Estado, representada pela polícia. (MORAES e VIEIRA 2017, p. 180)

A performance *Black Blocs* foi vista no dia 06 de junho quando manifestantes tentaram fechar a força um shopping na Av. Paulista, bem como pichação dos espaços

privados e queima de lixeiras. Essas mesmas performances foram vistas ao longo dos dias das duas primeiras fases das manifestações, tanto na cidade de São Paulo quanto no Rio de Janeiro (MORAES & VIEIRA, 2017). Dessa forma, podemos perceber que esta prática se coloca a partir das já existentes movimentações de massas, ou seja, a tática *Black Bloc* não acontece por si só, mas nas mobilizações em que já estejam acontecendo ou para acontecer. Nesse sentido, o argumento trazido por Perruso (2014), considerando que o período da publicação do estudo se dá um ano após as manifestações de tentar colocar na mesma seara os manifestantes ligados ao MPL e os ligados aos *Black Blocs*, não pode ser mais considerado como válido por ações diferentes de mobilizações.

Em contrapartida, os policiais utilizaram uma brutalidade histórica característica do aparelho coercitivo do Estado. Desde o primeiro dia de manifestações de São Paulo e também no Rio de Janeiro, a violência policial tornou-se marca registrada nos primeiros dias de manifestações (MORAES & VIEIRA, 2017). Não é de hoje que a função constitucional do Estado, no que tange à segurança pública, a garantia da ordem, a proteção das pessoas e dos bens patrimoniais, é vista também como um dos provocadores da violência. Dessa forma, o professor Paulo Mesquita Neto (1999) aponta que perceber a polícia agir com excesso de força física ¹¹, mesmo dentro da legalidade, é causadora de violência, percebe certa insegurança e descontrole dentro espaço social possibilitando uma ascensão de novas práticas violentas. Neste sentido um relatório publicado em 2014, da ONG Internacional Artigo 19, destacou que desde o primeiro dia de manifestações de São Paulo e Rio de Janeiro, a violência policial tornou-se marca registrada nos primeiros dias de manifestações.

Após o dia 13, aponta Kahn (2013), que a Polícia Militar percebeu que a sua atitude intolerante com os manifestantes serviu para acirrar mais ainda mobilizações e colocar a população contra as autoridades. A partir desse momento a PM passou a mudar seu comportamento, porém sem muito sucesso, visto que continuou acontecendo práticas excessivas da força policial pela tropa de choque (KAHN, 2013; SINGER, 2013). Mesmo com a mudança da ação policial, no sentido de acompanhar as manifestações e coibir os ataques a patrimônio público e privado, o cientista político apontou na pesquisa feita pela CNT/MDA em julho/2013, que não houve uma mudança no pensamento da sociedade sobre a prática policial nas manifestações. A pesquisa entrevistou 1.008 pessoas moradoras da cidade de São Paulo – SP. Destaca que 81% das pessoas acham que a polícia agiu com violência,

¹¹O autor utiliza a concepção do americano Carl Klockars (1983), que percebe que a violência policial não pode ser vista apenas como o uso ilegal, ilegítimo e irregular da força física por policiais contra outras pessoas, mas também e principalmente pela utilização da força física nas pessoas.

sendo que 43% afirmam que a polícia agiu com muita violência. Em contrapartida, 38% acharam que os manifestantes agiram com violência. Em compensação, 13% das pessoas opinaram que a Polícia Militar paulistana agiu sem violência e 6% não souberam ou não responderam os questionamentos (KAHN, 2013). De certa forma, demonstra que o espectro da violência policial nas manifestações de junho ficou no imaginário da população paulistana.

Para além do aspecto físico da violência policial, o relatório do Artigo 19 (2014) apontou outras violações praticadas pelos policiais contra direitos fundamentais como a liberdade de expressão e de manifestação nos protestos de junho de 2013. Segundo o documento, as práticas policiais como:

1) Falta de identificação dos policiais; 2) Detenções arbitrárias, como detenção para averiguação, prática extinta desde o fim da ditadura militar; 3) Criminalização da liberdade de expressão por meio do enquadramento de manifestantes em tipificações penais inadequadas às ações do infrator; 4) Censura prévia, por meio da proibição, legal ou não, de manifestantes usarem máscaras ou levarem vinagre para o protesto; 5) Uso de armas letais e abuso das armas menos letais; 6) Esquema de vigilantismo nas redes sociais montado pelas polícias locais, pela Abin e também pelo Exército; assim como as gravações realizadas pelos policiais durante os protestos; 7) Desproporcionalidade do efetivo disposto para o policiamento do protesto com o número de manifestantes; 8) Policiais infiltrados nas manifestações que, por vezes, causavam e incentivavam tumulto e violência; 9) Maior preocupação policial com a defesa do patrimônio do que com a segurança e integridade física dos manifestantes; 10) Ameaças e até mesmo sequestros foram relatados. (ARTIGO 19 2014, p. 26-27)

Fomentou a necessidade da elaboração do relatório com o intuito de denunciar a utilização excessiva da força policial pelos agentes do Estado (ARTIGO 19, 2013). Estas informações colocam as Polícias Militares, paulistana e fluminense, em destaque, caracterizando a primeira fase das manifestações, bem como coloca a polícia como um dos atores sociais importantes que se destaca nessas manifestações iniciais. Nesse sentido, segundo Kahn (2013) o exercício desproporcional da força policial sobre os manifestantes, especificamente no dia 13 de junho em São Paulo, aumentou positivamente a visibilidade das manifestações.

3.2. As causas, a juventude e seus diferentes posicionamentos políticos

Aliado a este posicionamento, um dos atores sociais de destaque em junho de 2013, seria a juventude. Tanto Chauí (2013) e Perruzo (2014), quanto Singer (2013) apontam como importante a participação massiva dos jovens brasileiros – oriundos do MPL ou outros coletivos, ou na tática *Black Blocs* ou nenhum desses – nas ruas. Para a Singer (2013), por exemplo, os jovens manifestantes que foram na maioria das manifestações, são advindos de uma classe de média tradicional e bem como o sub proletariado (BRAGA, 2013) ou novo proletariado (SINGER, 2013)¹². O autor cruza dados de duas pesquisas obtidas através do Datafolha e Plus Marketing, nas quais utiliza aspectos que se relacionam com a faixa etária, a escolaridade e a renda das pessoas que participaram das manifestações. Segundo as pesquisas, destacadas pelo autor, apontam que mais da metade dos manifestantes do dia 20 de junho, em São Paulo (DATAFOLHA, 2013) e Rio de Janeiro (PLUS MARKETING, 2013), são jovens entre 12 e 25 anos e entre 26 e 39 anos considerado pelo autor como jovens adultos, tidos como faixa intermediária.

A importância desses dados trazidos por Singer (2013), toca na configuração da classe que se avistou nas manifestações. A juventude ocupou não só o percentual maior de participantes como faixa etária nas duas maiores cidades do país, mas também como maior número de jovens com formação superior completa ou em andamento, 77% em São Paulo e 78% no Rio de Janeiro. Como também, dessa juventude só 1% no Rio de Janeiro¹³, possui cerca de 6 a 10 salários mínimos, que na época custava R\$ 678,00 em detrimento 88% entre 1 a 5 salários mínimos. Para Singer (2013) utilizando do enquadramento funcional de Waldir Quadros, as funções destinadas para os manifestantes da segunda faixa de renda, seriam os técnicos balconistas, garçons, auxiliares de enfermagem e de escritórios, cabeleira e manicure.

Não pertencendo, pois, à classe média tradicional, que se caracteriza por abrigar profissionais liberais ou funções não manuais, técnicas e administrativas. As ocupações arroladas por Quadros estariam dentro da

¹²As duas concepções de classe social no Brasil não serão trabalhadas nesta dissertação, pois envolvem um estudo aprofundado na construção dessas categorias. Contudo, é conveniente saber que estas categorias são utilizadas por diferentes autores. A classe média tradicional é um conceito trabalhado pelo cientista político e professor da UNICAMP Armando Boito Jr, quanto à categoria de sub proletariado, categoria desenvolvida pelo sociólogo e professor da USP Ruy Braga. Sobre esta categoria André Singer (2013), apesar de utilizar das mesmas características, existem especificidades nas duas que se diferenciam, como por exemplo, Ruy Braga utiliza a análise do precariado para construção do sub proletariado. Singer (2013), ainda afirma que o debate está em curso.

¹³Singer (2013) não disponibilizou os mesmos dados quanto a renda dos manifestantes para cidade de São Paulo.

categoria —médio-inferior‖ estabelecida por Souza e Lamounier, ou seja, na metade de baixo da estratificação por ocupações. (SINGER 2013, p. 30-31)¹⁴

As primeiras funções compõem uma renda familiar, o que de certa forma não demonstra como participantes da classe média tradicional, que é caracterizada —por abrigar profissionais liberais ou funções não manuais, técnicas e administrativas‖ (SINGER 2013, p. 31). Para o autor, a composição social dos manifestantes advém de uma ascensão de uma nova classe sob o aspecto da escolaridade, por meio da política pública de ingresso de jovens ao ensino, através de programas disponibilizados como o Prouni e Fies¹⁵.

Enquanto ao olhar por escolaridade vimos uma acentuada presença do topo da escala social, remetendo para a classe média tradicional, do ângulo da renda e da ocupação que se pode deduzir dela, as pesquisas apontam uma incidência expressiva da metade inferior da pirâmide nas manifestações. Seria a confirmação de que o novo proletariado ou precariado, conforme sugerido por alguns autores, foi para as ruas. (SINGER 2013, p. 31)

Dessa forma, para Singer (2013) contrapõe-se com o posicionamento trazido por Marilena Chauí, que apesar de não ser o foco da análise da filósofa, os jovens manifestantes como pertencentes a uma faixa social periférica, mas também a uma classe média, apesar de não denominar, posso deduzi-la como tradicional. Para isto, Chauí (2013) afirma que os jovens médios estão em condomínios, —não vivem na periferia das cidades, não experimentam a violência do cotidiano experimentada pela outra parte dos manifestantes. ‖ (CHAUÍ, 2013).

Para Perruzo (2014) a juventude das ruas não estava ligada aos movimentos sindicais da década de 90 e nem tão pouco a base composta pelo Partido dos Trabalhadores. No ponto de vista do autor, outras posições políticas também fizeram parte dos protestos, principalmente os que ocorreram em São Paulo e Rio de Janeiro, sem descartar outras regiões metropolitanas, na segunda fase.

¹⁴André Singer (2013) utiliza neste artigo concepções da classe média brasileira, trazida por Waldir Quadros (2010) e Souza e Laumonier (2010). O primeiro encontra-se disponível em: <<https://diplomatie.org.br/brasil-um-pais-de-classe-media/>> e o segundo no livro A classe média brasileira. Rio de Janeiro:Elsevier; Brasília, DF: CNI, 2010.

¹⁵O Programa Universidade para Todos (Prouni) é um programa do Governo Federal criado com o objetivo conceder bolsas de estudo integrais e parciais em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior. Foi instituído pela Lei nº 11.096/2005. O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação destinado a financiar a graduação na educação superior em instituições de ensino superior privadas, instituído pela Lei 10.260/2001.

Tal assertiva é pertinente à realidade, pois grupos minoritários da extrema-direita doutrinária, isolada em termos sociais e políticos, foram também às ruas, mas apenas nos protestos maiores em junho de 2013 – enquanto que a esquerda continua nelas até hoje, por meio de vários movimentos sociais e sindicais, por sua vez continuamente reprimidos por governos estaduais e municipais do PT, do PSDB e de outros partidos da política oficial. (PERRUSO 2014, p. 05)

Para além da presença da extrema direita na segunda fase, como dita pelo autor, podemos perceber também como já explanado anteriormente, o posicionamento político-ideológico direitista que foi visto, prioritariamente na terceira fase (SINGER, 2013), como aconteceu como a -Marcha para Jesus¹⁶ e as manifestações ocorridas São Paulo e Rio de Janeiro, no dia 22 e 23 de junho. Em encontro com este posicionamento, Singer (2013) entende que a perspectiva política das manifestações, apesar da miscelânea de vertentes ideológicas, que os protestos produziram por meio da juventude ligada ao MPL, *Black Blocs* e demais organizações e coletivos criados durante as manifestações, uma posição política nos protestos de direita e de centro.

Para o autor, parte desse entendimento deu-se pela posição do próprio MPL que, apesar de se auto rogarem como um movimento apartidário, mesmo sendo sua prática ideológica mais à esquerda, para que segmentos sociais de direita e centro tomassem as manifestações, de forma que perceberam -um mal-estar difuso com a situação do país (SINGER 2013, p.34). Nesse sentido, destaca ainda o cientista político, que esse posicionamento veio de setor médio da sociedade, insatisfeito com o processo crescente da taxa de inflação do país. Isso auxilia na crítica, pautada nas acusações de corrupção que tanto a extrema esquerda quanto a direita e extrema direita faziam aos governos liderados pelo PT. De certa forma, na segunda fase das manifestações foram vistos todos esses segmentos unidos em reivindicações que atingiam não só os governos municipais e estaduais, mas também e principalmente, o governo federal (SINGER, 2013). O governo federal, que começou a figurar nas manifestações, enquanto ator social, não na pessoa de Dilma Rousseff, mas do ministro da justiça José Eduardo Cardozo. Primeiramente por uma afirmação, 12 de junho,

¹⁶Em 1993 uma marcha organizada, em São Paulo, pela Igreja Renascer em Cristo, levou cerca 350.000 pessoas pelo centro da cidade com destino ao Vale do Anhangabaú. Em 2009 foi instituído o Dia Nacional da Marcha para Jesus, a ser comemorado, anualmente, no primeiro sábado subsequente aos 60 (sessenta) dias após o Domingo de Páscoa, de acordo com a Lei 12.025/09.

sobre ações violentas dos manifestantes no tocante ao patrimônio público e privado e a ausência de percepção da violência policial da sobre os manifestantes.

Temos visto isso [vandalismo nos protestos] acontecer em São Paulo. É um absurdo. Vivemos numa democracia, é legítimo que as pessoas expressem suas opiniões, mas nunca com violência, nunca com atos de vandalismo. Não é com vandalismo que vamos conseguir chegar a resultados positivos dentro daquilo que queremos (G1, 2013)

Na mesma ocasião, solicitou a apuração feita pela Polícia Federal sobre os atos de violência sobre as últimas manifestações ocorridas no Rio e em São Paulo. Contudo, foi no dia 15 que José Eduardo Cardozo pronunciou-se apontando o excesso da polícia militar. -Na noite de ontem [quinta], tivemos uma situação que, evidentemente, não podemos aceitar. Pelo que vi, houve excessos e situações de violência policial que considero inaceitáveis. || (G1, 2013). Dessa forma, seria possível pensar que dentro desse mesmo período entre os dias 12 e 15 de junho, houve algo que fizesse mudar o posicionamento do ministro, não só pelas imagens, mas também por uma nota da Anistia Internacional no dia 13 sobre a violência policial nas manifestações.

Até o momento nenhum órgão do ou o próprio governo federal tinha se pronunciado a respeito das manifestações, o que de certa forma caracteriza esses novos dias de protestos e, não só por isso, no dia 14 e 15 de junho também traz à tona uma reivindicação diretamente ligada ao governo federal, o valor gasto das Copas das Confederações e do Mundo, entre outras. O valor oficial gasto pelo governo federal para o evento coordenado pela FIFA totalizou R\$ 38,5 bilhões destinados à construção e reforma de estádios de futebol, estrutura de transporte como aeroportos e estradas, mobilidade urbana entre outros serviços.

Como visto nas manifestações já descritas anteriormente, nos dias 17, 18, 19 e 20, as reivindicações contra este valor para a Copa do Mundo em detrimento das políticas públicas de saúde e educação¹⁷ passou a representar nos cartazes pelas cidades em análise, como -Copa do Mundo eu abro mão, quero dinheiro pra saúde e educação||, -Era um país muito engraçado, não tinha escola, só tinha estádioll, além desses outros atacando os governos

¹⁷O valor reivindicado pela população como superior a políticas públicas em saúde e educação, foi justificado pelo governo quando lançou a cartilha -O que você precisa saber sobre a Copall, que desde o ano de 2010 foram investidos cerca R\$ 845 bilhões de reais em saúde e educação. Disponível em: <<http://cdn.jornalgrandebahia.com.br/2014/06/Copa-do-Mundo-da-FIFA-Brasil-2014-O-que-voc%C3%AA-precisa-saber-sobre-Copa-do-Mundo.pdf>>

municipais, estadual e o Federal –Todos contra a corrupção, –Fora Dilma! Fora Cabral!¹⁸ pt = Pilantragem e traição e –Fora Alckmin (SINGER, 2013).

No contexto geral das reivindicações apresentadas por esses dias, revelou por estudo feito o Datafolha (2013) que dos 805 entrevistados, os quais puderam mencionar mais de um motivo

Esponaneamente, sem alternativas pré-definidas, 67% dos paulistanos disseram que o motivo que levou cerca de 65 mil pessoas a protestarem em São Paulo, ontem, foi o aumento no preço das passagens do transporte municipal. Para 38%, as pessoas foram às ruas protestar contra corrupção. Para 35%, o protesto foi contra os políticos. Aparecem ainda como motivos a reivindicação de mais qualidade no transporte (27%), mais segurança (20%), contra a violência ou repressão da polícia (18%), pela tarifa zero ou passe livre (14%), pela saúde (7%), contra gastos com Copa das Confederações ou Copa do Mundo (5%), pela educação (5%), pelo salário mínimo ou salário (1%) e para fazer bagunça ou baderna, entre outros motivos menos citados. Como cada pessoa pode mencionar mais de um motivo, a soma das respostas é maior do que 100%. (DATAFOLHA, 2013).

As pautas vistas acima representaram, nesse momento para as manifestações, questões bem maiores que o transporte público, trazendo um novo tom e cor para as novas manifestações que se seguiriam pelos próximos dias nas ruas de São Paulo (SINGER, 2013). Estas demandas são denominadas como inferno urbano, no qual são de responsabilidade de todos os partidos políticos que estão no governo. Além disso, os mesmos partidos políticos são considerados como clube privativo, no qual funciona uma relação clientelista, de tutela e de favorecimento (CHAUÍ, 2013). A professora também faz uma crítica ao Partido dos Trabalhadores, no qual observa que durante vinte anos o partido afastou-se do campo de luta social, –ter-se transformado numa máquina burocrática e eleitoral (CHAUÍ, 2013; PERRUSO, 2014).

Com esses argumentos, aponta a professora, que os manifestantes não tinham uma clara compreensão do problema. Um exemplo seria da expulsão de manifestantes por outros, quando aqueles carregavam bandeiras partidárias ou, como aponta Perruso (2014), a ocupação de prédios públicos, destruição de carro da polícia e de símbolo estético como bandeiras e esculturas, nestes podemos perceber que a ação política (PERRUSO, 2014) não é só uma negação da política, mas também do Estado. Nesse sentido, Marilena Chauí (2013) alerta, que

¹⁸Governador do Estado do Rio de Janeiro pelo PMDB entre 2007-2014

para além de não saberem o que estavam fazendo, os manifestantes negaram a existência da política, recusando o diálogo e o debate democrático, bem como ignorando a legitimidade dos partidos políticos como uma instituição da república e necessária para a democracia.

Segundo a professora, esse posicionamento dos manifestantes não se deu unicamente pelo princípio apartidário do MPL, mas também pela difusão feita pela mídia que a corrupção é feita pelos partidos políticos, ignorando que este problema está atrelado à estrutura econômica-social da sociedade brasileira como um todo (CHAÍ, 2013). Apesar de ignorarem a existência da política enquanto meio, contraditoriamente os reivindicantes fizeram das manifestações o maior ato político da história do país desde o período da redemocratização (CHAUÍ, 2013; SINGER, 2013; PERRUSO, 2014; GOHN, 2016), contestando as políticas dos seus representantes, tanto dos poderes executivo dos níveis municipal, estadual e federal, quanto o poder legislativo (CHAUÍ, 2013).

3.3. As últimas manifestações de junho: o fim do espetáculo

Os dias que se seguiram depois do ápice das manifestações, na sexta-feira 21 de junho foi marcado pelo pronunciamento da presidenta da república Dilma Rousseff em cadeia nacional, no qual se dispôs a ouvir as vozes das ruas e a dialogar com os segmentos vistos nas manifestações, representantes das organizações de jovens, das entidades sindicais, dos movimentos de trabalhadores, das associações populares. Além disso, afirmou ser democrático o direito de manifestar, -liberdade de questionar e criticar tudo, de propor e exigir mudanças, de lutar por mais qualidade de vida, de defender com paixão suas ideias e propostas (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, 2013). Porém, condenou os ataques dos pequenos grupos ao patrimônio público e privado, assim como também os excessos de força por parte da polícia. Quanto às reivindicações a presidenta se propôs à elaboração do plano nacional de mobilidade urbana, que privilegiava o transporte coletivo. Prometeu também destinar 100% dos *royalties* do petróleo para a educação e além de ampliar o SUS trazendo médicos do exterior. Por fim, fez um pedido à população de acolhimento aos estrangeiros que vieram para os eventos esportivos (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, 2013).

Nesse mesmo dia, o JN exibe uma reportagem do jornalista Fábio Turci sobre a manifestação do dia 20. No início o repórter reafirma o sentido de festa que foi elaborado pelos jornalistas anteriores que cobriram o evento. O relato traz na fala da jornalista Daiana Garbin que o sentido da festa também está atrelado a vontade de mudança e não só de vitória pela conquista da revogação. Nesse sentido, a mudança está atrelada às novas pautas surgidas

nas manifestações, como o maior investimento em saúde e educação, contra a corrupção. Assim, a reportagem também reforça a informação do que já estava acontecendo nas manifestações anteriores, a negação da presença da militância de partidos de esquerda.

FT: Foi um **protesto**, mas também uma **festa**. —A **manifestação** tá com um clima, muito diferente. O que a gente sente aqui embaixo é a alegria pela **vitória dos R\$ 0,20**, pela **redução da passagem**, mas também com uma vontade imensa de **lutar** por muitas **outras mudanças** (Daiana Garbin, repórter). —Mais urgente que tudo é **combater a corrupção**, a **ladroagem** que tem no país. (sexta-feira, 21/06/2013)

O primeiro caso sobre a presença de militantes ligados ao PT, os manifestantes contrários a essa presença gritavam “*Fora, PT! Fora, PT*” e a reportagem deixa claro o som dos gritos. No segundo caso, os militantes do PSTU também estavam presentes e os manifestantes também reagiram negativamente à presença dos militantes, considerando-os “*Oportunistas! Oportunistas!*”. Além disso, a reportagem deixa claro que também houve uma agressão física, em que um manifestante alega que foi agredido com uma bandeira, porém não consta imagem do fato e que esta bandeira seria de militantes dos partidos de esquerda, fazendo com que as bandeiras fossem recolhidas e os militantes saíssem da Av. Paulista. A reportagem tem uma entonação que a violência para esta manifestação foi ocasionada por partidos ligados ao espectro a esquerda da política.

FT: Houve protesto contra **militantes** do **PT**: **-Fora PT! Fora PT!** **-Democracia! Democracia!** —Uuuuuul. Depois, **manifestantes** reclamaram da presença de **militantes** do **PSTU** e também de outros **partidos**. **-Oportunistas! Oportunistas!** Mais tarde um grupo que tinha várias **peças com rostos cobertos** avançou na direção de **militantes** e **queimou bandeiras** de **partidos**. Um **homem saiu ferido**. Guilherme Nascimento disse que tomou uma **bandeirada** de **um militante**. O pessoal ligado aos **partidos políticos** recolheu as **bandeiras** e saiu da **avenida**. (sexta-feira, 21/06/2013)

O relato de Fábio Turci deixa transparecer que foi o dia que teve um maior número de pessoas nos protestos em São Paulo, em virtude da quantidade de 100 mil pessoas reunidas na Av. Paulista. Além disso, a reportagem deixa claro que o sentido da manifestação seria a comemoração, porém continua a reforçar outras pautas de reivindicações, como o combate da corrupção, maior investimento na educação e saúde. Por fim, Turci dá a entender uma boa

relação entre os manifestantes e a polícia, na qual os reivindicantes chamam os agentes da PM para também participarem da manifestação.

FT: Fora isso, a caminhada saiu sem problemas, como **protestos** que iam além do **transporte público**: -**Melhores escolas, mais saúde**, mais vergonha na cara!! Pelo cálculo da **Polícia Militar, 100 mil pessoas** se reuniram aqui. -**A Paulista** foi tomada pelos **manifestantes**, que ocuparam as duas pistas da **avenida** e eles ficaram assim andando pra lá, pra cá, indo e vindo. **Policiais militares** ao longo da **avenida** observando, tudo tranquilo. (Fábio Turci, repórter) —E durante a **manifestação** as pessoas param. Em momentos como este, tomam a rua, sentam aqui em plena **Av. Paulista**, soltam fogos, comemoram e pedem também para as pessoas que estão nos escritórios, nos prédios que desçam e participem da manifestação. (Roberto Paiva, repórter) **A marcha** chegou a outros lugares. **A Av. 23 de maio** foi fechada. **Grupos** protestaram em frente à **Câmara Municipal e Assembleia Legislativa**: -Você fardado também é explorado!! Um dia para guardar na lembrança: —Eu acho que isso deve ser feito sim com os **jovens** e quem sabe com a próxima e com a próxima sempre por uma causa. (Claudia Stagni, estudante) (sexta-feira, 21/06/2013)

Os próximos vídeos (do segundo ao quarto), tratam da cobertura ao vivo do repórter César Galvão sobre uma manifestação que acontece no mesmo dia 21. Nesse sentido, Galvão destaca que a manifestação aconteceu nos limites da capital com a região metropolitana, nas Rodovias Castelo Branco, Anchieta e Imigrantes e que houve um confronto entre os manifestantes e o Batalhão de Choque, setor vinculado a Polícia Militar paulistana. O repórter não chega informar qual seria a reivindicação da manifestação. O relato jornalístico foca na violência do Choque sobre os manifestantes que tinham bloqueado as rodovias Castelo Branco, Imigrantes e Anchieta, lançando, sobre estes, bombas de gás lacrimogêneo. Diferente dos dias anteriores e do início das manifestações, o repórter não se refere ou não relata se houve ação violenta por parte dos manifestantes. Ao contrário. Deixa claro que a polícia usa sua força para desobstruir as vias rodoviárias. Contudo, não adjetiva sobre a força policial - o lançamento de bombas de gás lacrimogêneo - como violenta, além disso também o relato não fica claro ou não deixa transparecer se houve uma negociação por parte dos policiais com os manifestantes.

CG: A situação é muito confusa. A gente vê caminhões parados no sentido capital. Muitos carros da **polícia** na contramão, e a **rodovia** só está sendo liberada por causa da intervenção do **Batalhão de Choque**. Minutos atrás houve um princípio de **confronto**. Os **policiais** avançaram em direção aos

manifestantes e foram disparadas muitas **bombas de gás lacrimogênio**. E, com as **bombas**, os **manifestantes** foram deixando a estrada, seguindo para uma praça e já saíram da região da **rodovia Castelo Branco**. Bonner e Patrícia.

(...)

CG: A gente percebe que a **Marginal Tietê** ainda está bloqueada para quem chega em **São Paulo**. A gente vê muitos caminhões parados, carros andando na contramão. É um **bloqueio** por causa do **protesto**. Daqui a gente pode observar que o **trânsito** em direção ao aeroporto internacional de Guarulhos continua muito complicado. A **Via Dutra** está sendo liberada aos poucos, mas a **rodovia Ayrton Senna**, que também é muito utilizada em direção ao aeroporto, está com o **trânsito** parado desde o final da saída da **Marginal Tietê**.

(...)

CG: Essa praça que agora a pouco foi tomada por fumaça de **bombas de gás lacrimogênio**. A gente percebe ao alto do vídeo que a **rodovia Castelo Branco** foi liberada há poucos minutos, nos dois sentidos. Outras **rodovias** ainda estão bloqueadas em **São Paulo**. **Anchieta e Imigrantes**, que dão acesso ao litoral paulista e ao Porto de Santos, a **rodovia Hélio Smith**, que dá acesso ao aeroporto internacional de São Paulo, em Guarulhos. (**sexta-feira, 21/06/2013**)

No mesmo dia, o programa jornalístico exibiu uma reportagem de Graziela Azevedo, quinto vídeo desta fase, sobre a saída do Movimento Passe Livre da organização das manifestações. O relato passa a considerar a voz do MPL através de um dos seus representantes, visto que houve a revogação do aumento da passagem do transporte público paulistano. Dessa forma, deixa claro que não faz mais sentido que aconteçam manifestações por essa questão, porém deixa em aberto para que aconteçam outros protestos. Azevedo induz que as manifestações organizadas pelo MPL estavam ligadas a pautas da PEC 37, combate à corrupção, apesar da negativa para esta indução do representante do movimento, o relato deixa em aberto para que outras manifestações surjam. É importante que neste relato da jornalista ela não se refere à pautas e reivindicações mais destacadas nas reportagens sobre as manifestações anteriores, como maior investimento em educação e saúde. Desse modo, deixa que pautas que não eram vinculadas a discussão do transporte público, seria o combate a corrupção e a PEC 37.

GA: Lucas Monteiro, um dos líderes do **Passe Livre**, diz por que o **movimento** não vai mais convocar novas manifestações. —Uma vez que **revogou o aumento**, o objetivo inicial das **manifestações** foi cumprido. Então, uma vez que foi cumprido, não tem sentido continuar chamando **manifestações, contra o aumento, ou manifestações regulares**. O **Movimento Passe Livre** vai continuar fazendo debates sobre o **transporte**, sobre um **transporte** que seja um direito sobre a **tarifa zero**, mas neste

momento a gente não vai chamar novas **manifestações**.|| –Mas, e o restante das outras pautas? **PEC 37**, chega de **corrupção**...|| —O **Movimento Passe Livre** nunca chamou manifestações por essas pautas. Diversas pautas estavam presentes, mas o que unificavam todos lá e o que unificava o **Movimento Passe Livre** lá, era **revogação pelo aumento**. Por isso que a gente estava na rua. Por isso que a gente não vai chamar **novas manifestações**, por conta disso. Porque o foco agora é pautar **outras cidades**, se organizar para **construir outra cidade**.|| (**sexta-feira, 21/06/2013**)

A reportagem deixa um espaço na fala do representante do MPL, que o próprio movimento combate a hostilidade de manifestantes contra a presença de partidos políticos de esquerda nas últimas manifestações. Assim, é possível perceber que na reportagem há um esvaziamento da responsabilidade da edição do Jornal Nacional ao deixar duplicidade de sentidos ou, por assim dizer, um sentido único, em colocar a responsabilidade na movimentação hostil com a vítima da hostilidade, a militância política de esquerda. A reportagem finaliza que o Passe Livre se coloca solidário às agressões e violências sofridas pelos jornalistas que cobriam o evento. Dessa forma, o relato finaliza a construção do sentido que o Jornal Nacional atua como um representante do bom serviço jornalístico da imprensa brasileira. E, para além disso, cria-se como vítima da violência sofrida pelos jornalistas como se fosse sua e pertencente como exclusiva ao criar esse sentido. Dessa feita, exclui da própria reportagem e da informação a violência sofrida por jornalistas de outras redes de mídia como, a TV Record, Folha de S. Paulo, Revista Carta Capital e a própria Globo.

GA: Na nota divulgada em rede social, o **Movimento Passe Livre de São Paulo** lamentou que nas últimas **manifestações** tenham havido **violência** contra a participação de **diversos grupos** e esclarece que o **MPL** é um **movimento social apolítico**, mas não **antipolítico**. —Nas últimas **manifestações** aconteceram umas coisas que a gente acha muito séria, que foram várias pessoas começaram a **hostilizar** violentamente a presença de **partidos** e agremiações **políticas**. O **Movimento Passe Livre** é contra essa hostilização. A gente acha que vários desses **grupos** compuseram a **luta** desde o início, participaram da luta contra o aumento desde o início e seria muito **oportunista** de dizer que eles não participaram, ou querer expulsá-los também dessa luta.” O **movimento** também está defendendo o trabalho da **imprensa**.

(...)

Outros tiveram dificuldade de trabalhar durante as **manifestações**: —A gente não apoia nenhum tipo de violência contra os **jornalistas**, que fique bem claro. A gente apoia completamente a **liberdade da imprensa** em trabalhar nos atos.|| (Rafael Siqueira, **Movimento Passe Livre**) (**sexta-feira, 21/06/2013**)

Apesar do MPL não estar mais à frente das manifestações, a sexta-feira, dia 21 de junho, a Av. Paulista foi palco de novos e diferentes protestos contra a cura gay, a pec 37 e o ato médico. Esse dia ficou marcado por ter tido três protestos diferentes, mas que terminaram juntos na Av. Paulista. O protesto contra a cura gay iniciou na praça Roosevelt. Por meio de votação os manifestantes decidiram caminhar em direção à Paulista. No segundo protesto contra a pec 37, os manifestantes concentraram-se na praça do ciclista, seguiram para rua da Consolação e encerraram no MASP, enquanto o terceiro protesto contra o ato médico encerrava o ato (G1, 2013).

O Projeto de Legislação 7703/2006 conhecido como –Ato Médico‖ foi proposto pelo então senador Benício Sampaio PPB-PI. O projeto define a área de atuação, as atividades privativas e os cargos privativos dos médicos, resguardadas as competências próprias das diversas profissões ligadas à área de saúde. Apesar das contradições envolvidas com as outras profissões ligadas à saúde, o projeto foi sancionado, dia 19 de junho, pela presidência (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013). Além desse, outra reivindicação ganha força nesses dias de manifestações, a PEC 37. O Projeto de Emenda à Constituição criada pelo deputado federal Lourival Mendes do PTdoB – MA, atualmente AVANTE, propunha a exclusão da investigação judiciária do Ministério Público, sendo exclusiva a atividade das polícias civil e federal.

Além desse, outra pauta vista nos cartazes em São Paulo seria o projeto de decreto legislativo 234/2011 conhecido como –Cura Gay‖, de autoria do deputado João Campos, na época pelo PSDB-GO. O projeto sucumbiria os artigos 3º e 4º da resolução nº 1/1999 do Conselho Federal de Psicologia que estabelece normas de atuação para os profissionais da área em relação a questão da orientação sexual do paciente. Na época o projeto tinha sido aceito na Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, cuja estava sob a presidência do Dep. Marco Feliciano (PSC-SP) (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2013).

Nesse sentido, o sexto vídeo trata da reportagem de César Galvão sobre a manifestação que aconteceu na Av. Paulista na tarde do dia 22. A manifestação reuniu cerca de 30 mil contra a propositura do PEC 37, no qual propõe uma limitação ao poder de investigação do Ministério Público. A reportagem cita que houve outras reivindicações, porém deu destaque a PEC 37, deixando claro a voz de representante do MP através da Associação Paulista do Ministério Público. No relato, o repórter esquece que neste dia houve outras duas manifestações com pautas únicas como, contra a Cura Gay e o Ato Médico.

CG: A **Av. Paulista**, em frente ao **MASP**, lotou rapidamente e os carros deram lugar à multidão. Segundo a **Polícia Militar**, **30 mil pessoas** se reuniram. Muitas **reivindicações** se misturavam, mas a principal era **contra a PEC37**, uma proposta de emenda à **Constituição** que tira do **Ministério Público** o direito de investigar crimes. Esta atribuição passaria a ser exclusiva das **polícias**. —A gente é contra a **PEC 37**, porque a gente acredita que tirando o poder do **Ministério Público** vai aumentar muito a corrupção. (Jody de Oliveira Cabral, organizador) A **PEC 37** era para ser votada na próxima quarta-feira, mas o **deputado Henrique Eduardo Alves** decidiu suspender a votação para conversar com representantes das **polícias** e do **Ministério Público**. A decisão acabou virando tema central do **protesto**. —Há um recuo do **Congresso** em não a votar. Mas existem manobras para criar alternativas que reedite a **PEC 37**, mas nós queremos a rejeição dela já. (Felipe Locke, presidente da associação paulista do **Ministério Público**). (sábado, 22/06/2013)

A segunda-feira, 24 de junho, começou com uma reunião da presidenta Dilma Rousseff no Palácio do Planalto com prefeitos das capitais e governadores, na qual propôs cinco pactos a favor do Brasil. A propositura toca na responsabilidade fiscal e controle da inflação, reforma política e combate à corrupção. Neste quesito, destaca-se o plebiscito para uma nova constituinte, além de saúde na contratação de médicos e ampliação do SUS, mobilidade e transporte urbano e, por fim, educação (BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA, 2013). Mais tarde, ainda no mesmo dia, a presidenta juntamente com o ministro das cidades, Aguinaldo Ribeiro PP-PB, também teve um encontro com representantes do MPL, os quais levaram para presidência propostas para implementar o transporte público gratuito. O encontro encerrou com o compromisso do governo federal com a causa (G1, 2013).

O efeito dos protestos contra a PEC 37 foram imediatos. Na terça-feira, 25 de junho, a Câmara de Deputados rejeita por 430 votos contra, 9 favoráveis e 2 abstenções a proposta de emenda à Constituição. Além disso, no Palácio do Planalto, em menos de 24 horas, Dilma Rousseff com a presença do ministro da educação, Aluísio Mercadante (PT-SP), desiste do plebiscito que propõe uma nova Assembleia Constituinte (G1, 2013). Em São Paulo, o dia foi marcado por protestos simultâneos organizados por diferentes movimentos e coletivos como MTST com o apoio do MPL, Movimento Periferia Ativa e Frente de Resistência Urbana. Os movimentos reivindicavam pluralmente contra o valor dispensado pela Copa do Mundo em detrimento da educação, saúde, controle sobre o valor dos alugueis, além de jornadas semanais de 40 horas sem redução do salário e o fim da violência policial.

O sétimo e último vídeo apresenta um relato do próprio âncora da bancada do Jornal Nacional, o qual passa relatar uma manifestação de 500 pessoas reivindicando a alta dos preços, um maior investimento em educação e saúde, bem como uma jornada de trabalho de 40 horas semanais. Essa manifestação foi organizada pelo MTST, que está vinculado no interior do PSOL. Percebe-se que esta manifestação, a partir de sua organização e de suas reivindicações, acontece de maneira diferente das anteriores. Primeiro pela não articulação com Polícia Militar, como aconteceu nas manifestações depois do dia 13 de junho. Segundo, pela organização ligada a um partido político e este ser de esquerda. E por fim, pelas reivindicações ligadas à classe trabalhadora e a questões inerentes a moradores da periferia paulistana.

WB: Quinhentas pessoas, segundo a Polícia Militar, fizeram manifestações hoje nas zonas sul e leste de São Paulo. Debaixo de chuva, os manifestantes reclamaram da alta dos preços e pediram mais saúde e educação, jornadas de trabalho de 40 horas semanais sem redução de salário e tarifa zero para o transporte público. Um grupo parou o trânsito de uma das avenidas mais movimentadas da zona sul, outro protestou na zona leste. Uma moradora estendeu um símbolo de paz na manifestação. —Se ela é ordeira, se ela é pro bem... o que não pode é esse quebra-quebra. —É válido, né?! Se não tiver violência assim, né?! É válido. Atrasando o dia, mas a gente apoia. A polícia não registrou incidentes. No fim da manhã, o governador Geraldo Alckmin recebeu representantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto. (terça-feira, 25/06/2013)

A partir do dia 21 de junho, com a saída do próprio MPL na organização das manifestações, bem como, a nova configuração dos atores sociais presente nas manifestações dos dias 17 a 20 de junho, os protestos foram direcionados para reivindicações pontuais e com pautas únicas, como aconteceu com os protestos do dia 21 junho. Neste dia ficou marcado por ter tido três protestos diferentes, mas que terminaram juntos na Av. Paulista.

Além disso, no mesmo dia a Presidenta da República Dilma Rousseff realizou um pronunciamento em cadeia nacional, no qual se dispôs a ouvir as vozes das ruas e a dialogar com os segmentos vistos nas manifestações, representantes das organizações de jovens, das entidades sindicais, dos movimentos de trabalhadores, das associações populares. Por outra via, a mídia hegemônica nacional passa a tornar secundário os efeitos da violência dos protestos e dar lugar as medidas tomadas pelo estado em relação as reivindicações, dessa forma coroando a vitória dos

manifestantes sobre o Estado. Esse mesmo efeito acontece nas manifestações que se estendem no mês de julho,

No mês de julho em diante, as pautas passam a ser motivadas por acontecimentos pontuais de cada cidade, como o desaparecimento e a morte do pedreiro Amarildo Dias de Souza, no Rio de Janeiro. Em algumas localidades há uma migração do formato —passeata para o da —ocupação. Em todo esse período a repressão policial continua ativa. Traçada essa cronologia, é importante pensar como se deu, fase a fase, a mudança na configuração dos papéis dos atores sociais envolvidos nas manifestações. (MELO & VAZ 2018, p. 30)

Esse período de manifestações é entendido por Singer (2013) como a terceira fase das manifestações e para Vaz & Melo (2018) como um período de ampliação dos protestos, no sentido de construção de vários protestos para o mesmo dia, como do dia 21, denominando uma terceira fase e de uma quarta fase das manifestações, que sua característica estaria pautada no declínio, visto que a medida que as pautas reivindicadas eram conquistadas, as manifestações eram cessadas. Contudo, segundo os autores, apesar disso, a mídia não deixou de caracterizar o Estado como o verdadeiro vilão das manifestações, aquele que não oferta a população serviços públicos de qualidade e também identificando como que cometeu inúmeros atos de corrupção, em especial voltando a atenção do espectador para os políticos relacionados ao PT (MELO & VAZ, 2018).

Além disso, começam as respostas do governo federal sobre as manifestações e as reivindicações das ruas passam a ser atendidas. Contudo, é importante colocar também que as manifestações não deixaram de acontecer nas outras cidades brasileiras, que não estão em análise nesse estudo, após o dia 20 de junho de maior movimento e manifestação nas ruas do país, por exemplo Rio de Janeiro - RJ e Belo Horizonte – MG, nesta última cerca de cinquenta mil pessoas reivindicaram no dia 21 de junho contra a Copa do Mundo (G1, 2013).

Por outra via, as manifestações desse período na cidade de São Paulo acontecem de maneira diversa, porém com as mesmas ações vistas nas primeiras manifestações. Enquanto manifestações pacíficas acontecem no centro da capital paulista, outras manifestações ocorrem nas rodovias metropolitanas de São Paulo. E são nesses espaços em que a violência policial acontece sobre os manifestantes, atingidos novamente com bombas de gás lacrimogênio, ou seja, é possível perceber que a polícia não deixou de agir conforme o mando do Estado.

É possível perceber também com a reportagem sobre a manifestação do dia 20, que a violência para o Jornal Nacional não está ligada a polícia, mas aos militantes de partidos políticos do aspecto de esquerda. Assim é possível perceber o sentido dado que os militantes tanto do Partido dos Trabalhadores quanto do PSTU. O primeiro é condicionado ao sentido daquele que pratica a violência, não com o manifestante, mas com toda a sociedade, visto que o manifestante está representando os diversos manifestantes que protestaram contra a corrupção, este sentido dado à classe política. Mas também não a qualquer classe política, é aquela em que o governo é de uma representante do PT.

O segundo trata de denominar os militantes do PSTU como oportunistas, ou seja, produzindo um sentido de que a esquerda de maneira geral se afastou dos anseios sociais, e que agora quando as manifestações ganharam força e gente a esquerda, no caso representado pelo PSTU, se fizeram presentes. Nesse sentido, o argumento trazido por Jessé de Souza é oportuno no momento de que as manifestações de 2013 gestaram o ovo da serpente, o golpe de 2016¹⁹. Desse modo o Jornal Nacional finaliza a circulação circular da informação sobre as manifestações de junho de 2013. Que desde a primeira fase se formou um círculo sobre as manifestações, e que esta informação circulou e ampliou-se, considerando como válidos outros argumentos formando uma nova narrativa, gerando um espetáculo. Na terceira fase o espetáculo se encerra e circulação circular da informação sobre as manifestações também se instigou, apesar de que manifestações acontecem até o final de agosto.

¹⁹O golpe de 2016 é denominado por parte do pensamento social-político brasileiro contemporâneo para se referir ao impeachment da então Presidenta Dilma Rousseff

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizado o processo de exposição dos argumentos teóricos dessa pesquisa, bem como a análise feita sobre as reportagens produzidas e transmitidas pelo programa jornalístico *Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão*, somam-se o total de 29 vídeos que retrataram as manifestações de junho de 2013, os quais foram transcritos. A metodologia utilizada acompanha a percepção da pesquisa empírica de análise qualitativa, o qual permitiu uma articulação confluyente entre teoria e prática.

Assim, observou que, de fato, como já tinha adiantado André Singer e Melo & Vaz, é possível dividir em fases as manifestações ocorridas em São Paulo em junho de 2013. A partir desse argumento, de maneira geral, os protestos que foram do dia 06 até 13 de junho, foram convocados pelo MPL em virtude do aumento do preço da passagem do transporte público - ônibus, metrô, trem urbano - de São Paulo, para além da presença da Polícia Militar com o pelotão de Choque e o excesso de sua força policial.

Contudo, outras questões são destaques nas reportagens analisadas nesse período, a começar por uma narrativa voltada a negar a existência da violência policial sobre os manifestantes, que desde a primeira manifestação realizavam o protesto pacífico. As reportagens não buscavam identificar os grupos de manifestantes que realizavam a depredação do patrimônio público. Dessa forma, a reportagem generalizou durante os dias em análise que os manifestantes e manifestações eram violentas. Além disso, é desse período também uma postura negligente do *Jornal Nacional* no tocante a causa das manifestações e a voz dos participantes do MPL.

Apesar dessa postura inicial, o *Jornal Nacional* passou na matéria ao vivo sobre o protesto do dia 13 a transmitir o comportamento violento da Polícia Militar. É nesse período também que o programa jornalístico traz o posicionamento de um organismo da sociedade civil internacional vinculado à proteção e fiscalização de práticas que violem os direitos humanos, a Anistia Internacional. A transmissão do posicionamento da Anistia Internacional, parece estabelecer a virada da narrativa do *Jornal Nacional* sobre as manifestações. Por fim, é nessa fase que o círculo circular da informação se alarga e toma os minutos de outras pautas durante os dias de exibição do programa jornalístico.

Com esse argumento que é construída a narrativa do *Jornal Nacional* sobre as manifestações. Porém, o programa começa a desvincular-se da narrativa da violência. É a partir daí que começa a construção de outra narrativa voltada a considerar a ação policial que

usou de um excesso de sua força para com os manifestantes, todavia destacando que a violência e abuso de autoridade afetou também os profissionais do jornalismo. Esse posicionamento do jornal, de alertar sobre a violência da PM sobre os jornalistas, permeia como um dos apontamentos de maior ênfase dessa fase das manifestações. Além disso, o jornal destaca inclusive que a Rede Record também é vítima da violência, mas não da polícia, e sim de parte dos manifestantes.

Dessa forma, na primeira fase o jornal generalizava totalmente os manifestantes e as manifestações pautavam e produziam rastros de violência. Nesse momento, que acontece de maneira diversa, é reconhecido pontualmente que a violência policial durante as manifestações acontece não só aos manifestantes, mas também aos jornalistas. Esse posicionamento na reportagem é reforçado pela reprodução de um vídeo caseiro, no qual é visto policiais quebrando o carro da própria polícia. Mas, nos termos do espetáculo de Debord, a imagem do vídeo não produziria nenhum efeito se não houvesse o som e palavra falada, no caso da matéria a descrição dada por César Galvão.

É nesse período que começa a construção de outra narrativa, porém essa nova narrativa do JN não se dissocia da primeira. Há uma adesão maior da sociedade sobre as manifestações e sobre a pauta da revogação do aumento do preço do transporte público. Nesse sentido, o Jornal Nacional passa a se posicionar ao colocar falas difusas de pessoas presentes ou não nas manifestações, pontuando sempre pela aprovação das manifestações e focando um desejo de pautas voltadas às políticas públicas. Assim, as novas pautas passam a ser vistas nas manifestações e através do jornal. O espetáculo estava sendo formado e desembocado no dia 20 de junho, dia em que as ruas de São Paulo são tomadas de gente e reivindicações diversas, entre elas, a melhoria nos serviços públicos de saúde, educação e segurança pública.

É nesse dia também em que as coberturas ao vivo dão destaque para negação como participantes das manifestações partidos vinculados ao espectro político de esquerda. A reportagem desse dia passa a reforçar e caracterizar como manifestações pacíficas sem a presença da violência, porém fica nítido que a violência esteve presente nesse dia, em outras manifestações nas rodovias de São Paulo. Além disso, o agente de violência nas manifestações deixou de ser a polícia para serem os militantes de partidos de esquerda. Somam-se a essa agência os grupos de manifestantes vinculados a práticas da depredação ao patrimônio público, cuja teoria identifica que tais participantes se denominavam como *black blocs*.

Após a revogação do aumento da tarifa do transporte público, o Jornal Nacional deu voz aos organizadores das manifestações, o MPL. Isso aconteceu em relatos anteriores, porém

uma das reportagens do dia 21 trouxe uma entrevista com um dos dirigentes do movimento, que até então tinham suas falas difusas na segunda fase e não foram ouvidos nas reportagens da primeira fase. Além disso, o Jornal Nacional passou a considerar manifestações pontuais que aconteceram no dia 21, mas houve apenas um enfoque sobre a manifestação que pautava a PEC 37, desconsiderando manifestações que aconteciam, ao mesmo tempo, contra o projeto da Cura Gay e contra o Ato Médico, caracterizando assim a terceira fase das manifestações.

Logo, com a retirada do MPL das organizações das manifestações e a inclusão de novas pautas desde a segunda fase, passaram a ocorrer protestos pontuais e de causas únicas. Ao mesmo tempo, as novas reivindicações passaram a ser atendidas, as manifestações perdem sua força e se desmancham durante os dias até o mês de agosto. Além disso, uma posição ideológica das manifestações nesse período se torna resultado da fase anterior, visto que nas manifestações da segunda fase, a participação de militantes de partidos de esquerda nos protestos foi capaz de gerar um atrito entre manifestantes, ocasionando a retirada dos militantes na manifestação. No caso da manifestação do dia 21 de junho, a mais emblemática dessa fase, a reportagem passa a veicular apenas uma manifestação que pautava a PEC 37. Anteriormente, no Jornal da Globo, Arnaldo Jabor posicionou-se para que os manifestantes pautassem contra a PEC 37, uma evidência de que apesar de programas diferentes o jornalismo de modo geral da TV Globo obedece um editorial único, no qual tende a prevalecer em outros meios de comunicação das Organizações Globo.

É importante trazer também que durante a escrita do trabalho, percebeu-se na análise de dados e o levantamento bibliográfico acerca do tema estudado, a inserção do *cyberativismo* na narrativa jornalística do Jornal Nacional da época. Nesse sentido, o *cyberativismo* ligado a o toda capilaridade das redes sociais e do *cyberespaço*, é possível exercer certa influência a mudança da narrativa jornalística do programa.

O primeiro deles seria a visibilidade que a reportagem do dia 14 de junho dá a vídeos disponíveis na plataforma da internet. O primeiro seria do Jornal O Estado de S. Paulo, no qual mostra alguns dos manifestantes parados. O segundo, feito por um celular do alto da sacada de um prédio, demonstra a ação dos policiais ao depredar o próprio carro da polícia. Apesar de serem vinculados na mesma reportagem e estarem disponíveis na mesma plataforma, eles foram produzidos e veiculados de forma diversa. O primeiro vídeo produzido por jornalistas vinculados a um jornal impresso de grande alcance estadual e o segundo produzido de forma caseira.

Essas duas formas de se produzir a informação ou de gerar uma notícia sobre o fato maior, e ao mesmo tempo que não esteja e/ou esteja vinculada direta ou indiretamente ao

espaço da mídia tradicional, trouxe a criação de novos espaços na internet, cujas ações estão voltadas à proliferação de produção de informação em tempo real. Nesses dois casos, exemplificam bem esse processo de ação *cybernética*, o *cyberativismo*. O primeiro vídeo está vinculado diretamente a uma empresa de comunicação, o que demonstra que as grandes empresas de comunicação, não só no Brasil, mas também no mundo, vem ampliando seus espaços de atuação e de alcance do consumidor. O segundo está na produção da informação contida no vídeo e replicação em larga escala nas redes sociais, tipo *facebook* e *twitter*, onde o *cyberativismo* está mais forte.

Dentro desse aspecto do *cyberativismo*, não custa nada lembrar onde a Mídia Ninja está inserida. Apesar de não ter tido o acesso aos vídeos e postagens anteriores das manifestações, é importante trazer uma pesquisa realizada por Taisa Valle & Maria Ivete Fossá (2015), na qual percebe uma grande movimentação no *Facebook*, nas ações vinculadas dos internautas ao curtir, comentar e compartilhar as postagens de vídeos sobre as manifestações dentro do mês de junho. Foram analisadas por Valle & Fossá (2015) que as postagens da Mídia Ninja tiveram sentidos diversos para quem produziu as postagens e para quem agiu (curtindo, compartilhando e comentando) as postagens. Foram percebidas que as postagens estavam relacionadas ao sentido de produzir informação sobre as manifestações e pós transmissão das notícias da tv sobre as manifestações, desde denunciar os abusos de autoridade até violência policial, de convocar as manifestações que estavam e iriam ocorrer e, por fim, de organizar e de mostrar aos internautas os bastidores da organização dos atos.

Dessa maneira, percebe-se a influência da internet através do *cyberativismo* nas manifestações e na produção da reportagem do dia 14 de junho no Jornal Nacional. Então, podemos entender que o *cyberativismo* de maneira geral influenciou de alguma maneira a percepção individual sobre as manifestações e tendeu a fazer com que a mídia hegemônica tivesse um outro olhar sobre as manifestações. Contudo, não poderia ser caracterizado como um único meio capaz de fazer o Jornal Nacional transformar a narrativa, mas como uma das possibilidades. Outras se destacaram durante a análise de dados, o primeiro deles seria a violência. É o aspecto de maior destaque na narrativa jornalística na primeira fase das manifestações, que caracterizou os manifestantes como vândalos e que o intuito e o resultado das manifestações eram de depredação do patrimônio público e privado. Dessa forma, esse sentido pregado pelo jornal tende a considerar como violência a ação de depredar o patrimônio, ficando de fora os excessos da polícia sobre os manifestantes e o impedimento de exercício de direito de manifestação. Assim, a mídia passa a gerir o sentido sobre que é a realidade, nesse caso sobre o que é violência.

Entretanto não é só isso. A violência não deve ser só dita pelos profissionais da imprensa, no caso os âncoras e repórteres do Jornal Nacional, mas por uma intelectualidade capaz de dizer o que a imprensa quer que seja dita. É quando o jornal utiliza opinião de um cientista político em uma das reportagens da segunda fase das manifestações. Além disso, a imprensa também precisa utilizar opiniões ou comunicados de organismos internacionais para referendar sua opinião. É com essas posturas de diferentes setores da sociedade, que o Jornal Nacional foi influenciado pela violência, mas não uma violência denunciada pelos manifestantes, mas observadas por organismos e discursos autorizados da sociedade. Essa prática de transformação não foi total. O Jornal Nacional não deixou de pautar a violência nas manifestações de junho. Durante as reportagens, a violência passou a ser acessória para que outras questões viessem à tona ou, quando foi tratada com ênfase, o jornal trouxe um novo sentido e direcionamento para quem pratica e sobre o que é violência.

Assim, na segunda e no início da terceira fase das manifestações, o jornal passa a destacar a presença da militância de partidos de esquerda e começa a induzir o telespectador para que percebam a presença de tal militância e desconfigurem o apartidarismo das manifestações. Percebe-se mais uma vez um cooptação de discursos outros para formar sentidos diversos. Nesse caso, o Jornal utiliza uma característica autointitulada pelo MPL - o apartidarismo -. Assim que a presença da militância de esquerda passa a ser vista pelos manifestantes como uma presença violenta a uma -causal maior das manifestações é ao mesmo tempo um agente de violência, principalmente quando acontecem violência física. Desse modo, a violência passa a ser uma característica presente na narrativa das manifestações como um sentido mobilizado a vontade do Jornal Nacional.

Ao mesmo tempo que o Jornal caracteriza e mobiliza sentidos de forma diferente, o diz que é pacífico. E nesse sentido pacifista da narrativa, construído a partir da -negação da violência nas manifestações, possibilitou uma adesão de pessoas e de pautas significativas que vieram à tona nas manifestações do dia 20 de junho. Dessa forma, o JN passa a criar um espetáculo de sentido e de -acesso a todos. Um patriotismo que só é visto em jogos da Copa do Mundo - religiosamente transmitida pela Rede Globo - e em 2013 com as manifestações que aconteceram no mesmo período da Copa das Confederações no Brasil. O patriotismo esportivo toma conta da Av. Paulista com outro sentido, de mudança política. Não só na melhoria das políticas públicas, mas nas transformações políticas a partir de cima e nacionalmente, aliando o pacifismo ao patriotismo.

O Jornal Nacional também tendeu, durante as reportagens, a uma prática solidária profissional, relatando os abusos da Polícia Militar contra os jornalistas da própria empresa e

de empresas concorrentes. Contudo, essa ação de solidariedade não acontece exclusivamente pela questão profissional, mas com o intuito do Jornal Nacional se posicionar sobre as manifestações como baluarte da verdade absoluta. Todos esses aspectos revela um modo de ser do Jornal que se traduziu nas duas justificativas transmitidas diretamente pelos âncoras, um compromisso com a verdade real, mas que revela uma produção sobre o que é verdade e qual verdade deve ser transmitida.

Tanto o *cyberativismo*, quanto a violência instituída, bem como a solidariedade profissional e o estabelecimento da verdade sobre as manifestações de junho, auxiliaram uma mudança direcionada da narrativa sobre as manifestações de junho de 2013. Essa mudança de narrativa foi vista juntamente com um aumento considerável de partícipes das manifestações, assim como o surgimento de novas pautas durante os protestos, o que demonstra uma certa influência da televisão sobre os indivíduos e, neste caso, sobre o evento de junho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTONINO, Rafael Maracajá. **Uma conexão entre 2013 e 2016: a rede conservadora na queda de uma presidenta.** Campina Grande, 2018. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

ARTIGO 19. **Protestos no Brasil - 2013.** São Paulo: Article 19, 2014. Disponível em: http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf. Acesso em: 29 out 2018

BARROS FILHO, Eduardo Amando de. Alternativas a televisão comercial: análise histórico-comparativa do surgimento de emissoras educativas e/ou públicas no Brasil e no México. *In: XXI Simpósio Nacional de História: conhecimento histórico e diálogo social*, Natal, 2013. **Anais: ANPUH.** Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364410691_ARQUIVO_textointegral-EduardoAmando.pdf. Acesso em: 25 ago 2019

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA. Pronunciamento da Presidenta da República Dilma Vana Rousseff, 22/06/2013. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/>. Acesso em: 16 nov 2018

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer.** 3 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 81-177.

_____. **Sobre a televisão: a influência do jornalismo e os jogos olímpicos.** 1 ed. Rio de Janeiro, 1997.

BUCCI, Eugênio. Introdução: por que criticar a tv? *In: BUCCI, Eugênio (Org.) A tv aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 7-12.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ficha de tramitação:** decreto legislativo 234/2011 - Ano 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>. Acesso em: 25 out 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ficha de tramitação:** projeto de lei 7703/2006 - Ano 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=339409>. Acesso em: 25 out 2018.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Ficha de tramitação:** proposta de emenda à constituição 37 - Ano 2013. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=507965>. Acesso em: 25 out 2018.

CARLOS, Eliana Natividade. **A mídia e as manifestações de junho de 2013: uma análise de produtos midiáticos.** São Paulo, 2015. Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação, 2015.

CHAUÍ, Marilena. As manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. **Revista Teoria & Debate**, ed. 113, jun, 2013. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/2013/06/27/%EF%BB%BFas-manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo/>. Acesso em: 08 nov 2018.

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. Introdução: em torno do conceito da sociedade do espetáculo. *In: _____*; CASTRO, Valdir José (Orgs.). **Comunicação e sociedade do espetáculo**, São Paulo: Paulus, 2006. p. 13-30.

COUTINHO, Iluska; MUSSE, Christina. Telejornalismo, narrativa e identidade: a construção dos desejos do Brasil no jornal nacional. **Revista Alterjor**, v. 01, n. 01, p. 1-16, jan/dez, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88191/91069>. Acesso em: 06 ago 2019.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. **Termômetro paulistano - Manifestações**, PO813712. Disponível em: <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/10/28/manifestacoes-2013-10-27.pdf>. Acesso em: 30 nov 2018

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** São Paulo: eBook, 2003. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>.

FANIELLO, Danielle; SILVA, Juliana Carolina da. Jornadas de junho: os protestos de 2013 nas páginas da revista Veja. *In: Encontro Nacional da História Política: histórias, rupturas institucionais e revoluções. Anais: UECE, 2017.* Disponível em: http://uece.br/eventos/gthpanpuh/anais/trabalhos_completos/298-45183-16082017-104702.pdf. Acesso em: 10 fev 2019.

FERREIRA, Jairo. Mídia, jornalismo e sociedade: a herança normalizada de Bourdieu, 2005. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 2, n. 1, p. 35-44, jan/jun, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2087>. Acesso em: 20 fev 2019.

FIUZA, Bruno. **Black blocs: A origem das táticas que causa polêmica na esquerda.** *In: ViaMundo*, 2013. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-cause-polemica-na-esquerda.html> Acesso em: 20 set 2018.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/1987/1988>. Acesso em: 20 set 2018.

LIMA, Venício. Globo e política: -tudo a verll. *In: BRITTOS, Valério; BOLÃO, César (Orgs.). Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia.* 2 ed. São Paulo: Paulus, 2005. p. 103-129.

KAHN, Túlio. A segurança pública e as manifestações de junho de 2013. *In: FIGUEIREDO, Rubens (Org.). Junho de 2013: a sociedade enfrenta o estado*. 1 ed. São Paulo: Summus, 2014. p. 115-132.

KISHI, Kátia Harumy de Siqueira. Análise Entre a Opinião da Mídia Hegemônica e da Mídia Radical no Novo Código Florestal Brasileiro. *In: XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE*, julho, 2013, Bauru/SP. *Anais*. Bauru: INTERCOM, 2013. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0521-1.pdf>. Acesso em: 05 ago 2019.

MARQUES, Fábio Cardoso. Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa. *In: _____ (Orgs.). Comunicação e sociedade do espetáculo*, 1 ed. São Paulo: Paulus, 2006. p. 33-59.

MARTINI, S. R. M. **O IBOPE, a opinião pública e o senso comum dos anos 1950**: hábitos, preferências, comportamentos e valores dos moradores dos grandes centros urbanos (Rio de Janeiro e São Paulo). 340 f. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2011.

MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil *In: História da imprensa no Brasil*, ed. 2. eBook: Editora Contexto, 2008. Disponível em: https://editoracontexto.com.br/historia_da_imprensa_no_brasil_introduc_o. Acesso em: 25 ago 2019.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de; VAZ, Paulo Roberto Givaldi. E a corrupção coube em 20 centavos. **Galáxia**, n. 39, p. 23-38, set-dez, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gal/n39/1519-311X-gal-39-0023.pdf>. Acesso: 15 fev 2019.

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal nacional**: a notícia faz história. 1 ed. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004

MEMÓRIA GLOBO. **Jornal Nacional (2013)**. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>. Acesso em: 25 jul 2019.

MESQUITA NETO, P. de. Policiamento Comunitário: a experiência em São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, ano 7, n.25, p.281-292, jan./mar. 1999. São Paulo, Instituto Brasileiro de Ciências Criminais, 1999.

MORAES, Gláucia da Silva Mendes. O conceito de hegemonia no percurso dos meios às mediações. **Matrizes**, v. 12, n. 01, p. 173-188, jan/abr, 2018 São Paulo: USP, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/137519>. Acesso em: 25 jul 2019.

MORAES, Isaias Albertin; VIERIA, Fernando Antonio da Costa. As jornadas de junho de 2013 no Brasil: anarquismo e tática black blocs. *In: Século XXI, Revista de Ciências Sociais*, v.7, no 2, p.165-198, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/seculoxxi/article/download/31913/pdf>. Acesso em: 18 set 2018.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – SÃO PAULO. Disponível em: https://saopaulo.mpl.org.br/2013/06/15/_ Acesso em: 02 jun 2018.

ORTIZ, Renato. Introdução: a procura da sociologia da prática. *In:* _____(Org.) **Pierre Bourdieu:** sociologia, São Paulo: Ática, 1983. p. 7-37.

PERRUSO, Marco Antonio. As manifestações de Junho de 2013 e o horizonte dos movimentos sociais no Brasil: as Jornadas de(s)e Junho de 2013. *In:* Colóquio 1: O Brasil nas ruas: movimentos, demandas e conflitos. **Anais: 38º Encontro Anual da ANPOCS.** Caxambú, 2014. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/encontros/papers/38-encontro-anual-da-anpocs/cq/cq01/9337-as-jornadas-de-sde-junho-de-2013/file>. Acesso em: 03 nov 2018

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que _o gigante acordou_(?), 2013. **Matrizes.** v. 7, n. 2, p. 73-93. São Paulo: USP, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/69407/71976/>. Acesso em: 04 nov 2018

PICHLER, Patrícia Franck; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Da expressão nas ruas para a representação no telejornalismo. *In:* FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan (Org.). **Das ruas à mídia:** representação das manifestações sociais. ed. Ebook, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

PRADO, Magaly. #MídiaNinjal. *In:* **Cyberativismo e noticiário:** da mídia torpedista às redes sociais. 1 ed. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015. p. 103-116

PRIOLLI, Gabriel. Antenas da brasilidade. *In:* **A tv aos 50:** criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário. _____(Org.). 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 13-24.

SCHNEIDER, Nathália. Midialivrisimo e disputa de narrativa: analisando a Mídia Ninja. *In:* GT Comunicação, Interações e Tecnologias. **Anais: I Simpósio Internacional de Comunicação.** UFSM – Campus Frederico Westphalen, 2016, p. 1116-1125. Disponível em: https://www.ufsm.br/unidades-universitarias/frederico-westphalen/wp-content/uploads/sites/377/2019/05/Anais_SIC_Completo.pdf. Acesso em: 25 fev 2019

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de Conteúdo: exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. *In:* IV Encontro em ensino de pesquisa em administração e contabilidade. **Anais: ANPAD,** 2013. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEPQ129.pdf>. Acesso em: 01 ago 2019.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. Dossiê: Mobilizações, protestos e revoluções. **Novos Estudos CEBRAP.** n. 97, p. 23-40, nov. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003 Acesso em: 18 fev 2016.

_____. Cutucando onças com varas curtas: o ensaio desenvolvimentista no primeiro mandato de Dilma Rousseff (2011-2014). **Novos Estudos CEBRAP.** n. 102, p. 43-71, jul, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n102/1980-5403-nec-102-39.pdf>. Acesso em 01 Fev 2017

SOUZA, Paulo Roberto Elias de.; PENTEADO, Cláudio Luís de Camargo. *Jornalismo Alternativo Online e Militância Política: Os casos Mídia NINJA e Barão de Itararé*, 2014. 38º **Encontro Anual da ANPOCS: GT 22 – Mídia, Política e Eleições**. Disponível em: <<https://anpocs.com/index.php/papers-38-encontro/gt-1/gt22-1/9369-jornalismo-alternativo-online-e-militancia-politica-os-casos-midia-ninja-e-barao-de-itarare/file>> Acesso em 03 nov 2018

VALLE, Taisa Valle; _____. Da expressão nas ruas para a representação no Mídia Ninja *In:_____*. (Org.). **Das ruas à mídia: representação das manifestações sociais**. ed. Ebook, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015.

ZANOTTI, Carlos Alberto. Entre baderneiros e cidadãos: a cobertura da imprensa nas manifestações de junho de 2013, 2014. **C&S – São Bernardo do Campo**, v. 35, n. 2, p. 93-116, jan/jun, 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/viewFile/4444/4219>. Acesso em 10 fev 2019

YAMAMOTO, Karina Leal. **Manifestações de junho de 2013 no Jornal Nacional: uma pesquisa da instância da imagem ao vivo**. São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicação e Artes/Universidade de São Paulo, 2016.

Matérias jornalísticas pesquisadas disponibilizadas por meio eletrônico

AGÊNCIA BRASIL. **“Polícia Militar do Rio usa bombas de gás e spray de pimenta para conter manifestação”**, 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2013/06/16/interna_nacional,406620/policia-militar-do-rio-usa-bombas-de-gas-e-spray-de-pimenta-para-conter-manifestacao.shtml. Acesso em: 17 out 2018

FOLHA DE S. PAULO. **“Após reunião com Promotoria, Passe Livre mantém protesto para esta quinta”**, 2013. Disponível em: https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1294090-apos-reuniao-com-mp-passe-livre-mantem-protesto-marcado-para-amanha.shtml?mobile_. Acesso em: 15 out 2018

_____. **“Em uma semana, quatro protestos contra aumento da tarifa em São Paulo”**, 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/infograficos/cidades,em-uma-semana-quatro-protestos-contr-aumento-da-tarifa-em-sao-paulo,196224>. Acesso em: 29 mai 2018

PORTAL DE NOTÍCIAS – G1. **“Após fechar a marginal Pinheiros ato contra tarifa volta à Avenida Paulista”**, 2013 Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/apos-fechar-marginal-pinheiros-ato-contr-a-tarifa-volta-avenida-paulista.html>. Acesso em: 28 mai 2018

_____. **“Protesto contra tarifa tem confronto, depredações e detidos”**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protesto-contr-a-tarifa-tem-confronto-depredacoes-e-detidos-em-sp.html>. Acesso em: 23 set 2018

_____. **“Em entrevista à rádio, Alckmin diz que bloquear vias 'é caso de polícia”**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/em-entrevista-radio-alckmin-diz-que-bloquear-vias-e-caso-de-policia.html>. Acesso em: 10 out 2013

_____. **“Polícia é chamada para conter protestos na zona sul de SP”**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/policia-e-chamada-para-conter-protesto-em-na-zona-sul-de-sp.html>. Acesso em: 28 mai 2018.

_____. **“Protestos fecham vias nas regiões Sul e Leste de SP nesta terça-feira”**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/protestos-fecham-vias-nas-regioes-sul-e-leste-de-sp-nesta-terca-feira.html>. Acesso em: 16 out 2013

PORTAL R7. **“Fernando Haddad diz que prefeitura não entra em 'jogo de tudo ou nada”**, 2013. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/fernando-haddad-diz-que-prefeitura-nao-entra-em-jogo-de-tudo-ou-nada-14062013>. Acesso em: 29 mai 2018

APÊNDICE

TABELA A - CATEGORIAS DE ANÁLISE

Categorias iniciais	Categorias intermediárias	Categorias finais
Movimento Passe Livre/MPL	Pessoas que organizaram das manifestações	Sujeitos envolvidos direta e/ou indiretamente nas manifestações, representados por instituições ligadas ao estado e sociedade civil.
Policiais	Pessoas/Instituições do estado.	
PM		
Pelotão de Choque		
Jornalistas	Pessoas/Instituição da sociedade civil (imprensa)	
Repórter		
Imprensa		
PSTU	Partidos políticos representantes políticos da sociedade civil.	
PT		
PSDB		
PCR		
Pessoas aparentemente apartidárias	Pessoas ideologicamente envolvidas nas manifestações	
Militantes de Partidos Políticos		
Jovens	Pessoas e quantidade de pessoas envolvidas nas manifestações	
Criança		
Adultos		
Ínfima minoria		
Pequeno grupo		
Multidão de pessoas		
Massa de gente		
Revogação do aumento da tarifa		Causa das manifestações na 1ª fase
Aumento do preço da passagem		
Tarifa zero	Causa das manifestações na 2ª fase	
Transporte público		
Corrupção		
Por investimento em saúde		
Educação		
Violência		
Muitas outras mudanças		
Reforma Agrária		
Reforma Urbana		
Direito de manifestação		
Liberdade de expressão irrestrita sem repressão policial		
PEC 37	Causa das manifestações na 3ª fase	
Vândalos	Adjetivações dadas as pessoas envolvidas que estavam presentes nas durante aas	Caracterização feita pela imprensa às pessoas
Manifestantes		

	manifestações.	presentes nas manifestações.
-Oportunistas! Oportunistas!!	Adjetivação dada pelos manifestantes a outros manifestantes.	Palavras de ordem.
-Eu sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor...!	Sentimento de nacionalidade entre os manifestantes	
-Sem violência! Sem violência!!	Pedido dos manifestantes.	
-Democracia! Democracia!...!	Pedido dos manifestantes.	
-Fora PCR! Fora PCR!!	Pedido dos manifestantes.	
Patrimônio depredado	Resultado das manifestações	Resultado das ações que envolveram a violência contra o patrimônio nas manifestações.
Ruas bloqueadas		
Depredações		
Ações violentas e criminosas		
Depredações e destruições de ônibus		
Redução da passagem do transporte público		
Reconhecimento		
Tumultua	Ações resultantes da violência nas manifestantes	
Pedras		
Lixo queimado		
Bombas		
Balas de borracha		
Gás lacrimogênio		
Bombas caseiras		
Disparos		
Prisões		
Excesso da polícia		
Vandalismo		
Assembleia Legislativa		
Av. Paulista		
Ponte Estaiada		
Largo da Batata		
Rua da Consolação	Local onde aconteceram entrevistas do MPL	
Sindicatos dos jornalistas		
Muitas Capitais	Locais além da cidade de São Paulo	
Pelo Brasil		
Rodovia		